



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

FERNANDA RIBEIRO VALESAN

A PALAVRA LITERÁRIA E A CONSTRUÇÃO DE FRESTAS LIBERTÁRIAS:
A RELAÇÃO DO DISCURSO HEGEMÔNICO E NÃO
HEGEMÔNICO POR MEIO DA LEITURA

CHAPECÓ-SC

2026

FERNANDA RIBEIRO VALESAN

**A PALAVRA LITERÁRIA E A CONSTRUÇÃO DE FRESTAS LIBERTÁRIAS:
A RELAÇÃO DO DISCURSO HEGEMÔNICO E NÃO
HEGEMÔNICO POR MEIO DA LEITURA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação, Linha de Pesquisa: Políticas Educacionais, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Camila Caracelli Scherma

Orientador(a): Prof. ^a Dra.^a Camila Caracelli Scherma

CHAPECÓ-SC

2026

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Valesan, Fernanda Ribeiro

A PALAVRA LITERÁRIA E A CONSTRUÇÃO DE FRESTAS
LIBERTÁRIAS: A RELAÇÃO DO DISCURSO HEGEMÔNICO E NÃO
HEGEMÔNICO POR MEIO DA LEITURA / Fernanda Ribeiro
Valesan. -- 2026.

153 f.

Orientadora: Doutora Camila Caracelli Scherma

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da
Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação,
Chapecó, SC, 2026.

1. Discurso hegemônico. 2. Educação. 3. Leitura
Literária. 4. Discurso não hegemônico. 5. Estudos
Bakhtinianos. I. Scherma, Camila Caracelli, orient. II.
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

FERNANDA RIBEIRO VALESAN

**A PALAVRA LITERÁRIA E A CONSTRUÇÃO DE FRESTAS LIBERTÁRIAS:
A RELAÇÃO DO DISCURSO HEGEMÔNICO E NÃO
HEGEMÔNICO POR MEIO DA LEITURA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação, Linha de Pesquisa: Políticas Educacionais, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Camila Caracelli Scherma

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 27/08/2026

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **CAMILA CARACELLI SCHERMA**
Data: 27/08/2026 17:55:30-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Camila Caracelli Scherma – UFFS
Orientadora

Documento assinado digitalmente
 **ELIZABETH DOS SANTOS BRAGA**
Data: 02/09/2026 10:45:32-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Elizabeth dos Santos Braga – USP
Avaliador externo

Documento assinado digitalmente
 **BRUNO ANTONIO PICOLI**
Data: 02/09/2026 14:42:53-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Bruno Antonio Picoli – UFFS
Avaliador

AGRADECIMENTOS

Primeiramente saliento que o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Agradeço à minha orientadora Camila Caracelli Scherma, por todos os direcionamentos que contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa e para o meu crescimento como pesquisadora. Agradeço também à todos os professores que cruzaram o meu caminho e agregaram positivamente na minha formação humana, em especial os professores desta banca cujo os comentários extremamente pertinentes e bem colocados enriqueceram este trabalho.

Por fim, mas não menos importante, agradeço à todas as pessoas que compõe a minha rede de apoio, incluindo minhas amigas que me proporcionam alegrias e risadas mesmo nos momentos de tensão e tristeza, e a minha família, em especial meu pai e minha tia Salete que sempre me apoiaram e cuidaram de mim durante toda a minha vida.

RESUMO

Esta é uma pesquisa qualitativa de análise interpretativa, que tem como tema central entender como a leitura literária se mostra uma fresta libertária discursiva em uma sociedade de linguagens totalitárias. Utilizando para isso os conceitos teóricos de linguagem de Bakhtin e do círculo bakhtiniano e sua implicação em nossa sociedade capitalista neoliberal. Com o objetivo de responder a pergunta de pesquisa *“como o discurso de estudantes de graduação e pós graduação nos permite entender os embates entre discursos hegemônicos e não hegemônicos/periféricos por meio da materialidade literária?”* a pesquisa aqui relatada parte da hipótese de que é possível entender a relação entre texto e leitor e o embate linguístico entre discurso hegemônico e não hegemônico a partir do cotejamento de discursos produzidos em um grupo focal com alunos de graduação ou pós-graduação. Conclui-se que a pesquisa compreendeu como o entendimento da linguagem e da leitura literária como forma dialógica e plural cria possibilidades de resposta aos discursos hegemônicos presentes em nossa sociedade resultando no entendimento da leitura literária como um espaço educacional libertador.

Palavras-chave: Discurso hegemônico, Educação, Leitura Literária, Discurso não hegemônico, Estudos Bakhtinianos.

ABSTRACT

This is a qualitative interpretative analysis research, which has as its central theme the understanding how literature reading reveals itself as a freedom gap in a society surrounded by totalitarian speech. Using the linguistic theoretical concepts of Bakhtin and their implications in our capitalist neoliberal society. Intending to answer the research question, “how the graduation and post-graduation students' speeches allow us to understand the conflicts between hegemonic and non-hegemonic discourses by the literature materiality?”, this research derives from the hypotheses that it is possible to understand the relationship between the reader and the text, and the conflict between hegemonic and non-hegemonic speech through the analysis of speeches made in a focal group with graduation and post-graduations students. It is concluded that this research was able to comprehend how understanding the dialogic roots of language and of literary reading creates the possibility to answer hegemonic speeches that are present in our society, resulting in the understanding of literary reading as a liberating educational space.

Keywords: Hegemonic discourse, Education, Literary Reading, Non-hegemonic discourse, Bakhtinian studies

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

Figura 1- Campo de preenchimento do TCLE.....	148
Figura 2- Aceite do TCLE.....	149
Figura 3- Cursos dos estudantes inscritos na pesquisa.....	149

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UFFS Universidade Federal da Fronteira Sul

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	SOBRE A PESQUISA.....	21
3	ENTRE TEORIA E FALA: CONCEITOS BAKHTINIANOS EM DIÁLOGO COM AS FALAS.....	31
4	NEOLIBERALISMO E O SEU DISCURSO HEGEMÔNICO.....	54
5	LEITURA LITERÁRIA COMO FRESTA LIBERTÁRIA: ABERTURA AO DISCURSO NÃO HEGEMÔNICOS.....	74
6	CONSIDERAÇÕES QUASE QUE FINAIS.....	93
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
	REFERÊNCIAS.....	106
	APÊNDICES	
	Apêndice - Transcrição dos encontros.....	109
	Apêndice - Detalhes sobre a aprovação da pesquisa no CEP (Comitê de ética em pesquisa) e sobre a realização dos encontros.....	139

1 INTRODUÇÃO

Durante boa parte de minha adolescência a leitura literária se mostrou um espaço de conforto. Um local aberto a diferentes leituras de mundo, temas e significações, que me permitia conhecer diferentes realidades sem nunca sair do meu sofá. A minha relação com a leitura e com a literatura moldou boa parte do meu desenvolvimento humano, muito embora na época eu ainda não entendesse completamente como.

A curiosidade sobre a relação entre texto literário e leitor foi sendo construída posteriormente, sendo os meus anos na graduação em pedagogia período em que comecei a me aprofundar e me questionar sobre as formas como esta relação acontecia, quando diversas teorias do desenvolvimento humano, alfabetização, linguagem e filosofia passaram a fazer parte do meu dia a dia de estudos. Por fim, foi durante a escrita do meu trabalho de conclusão de curso no meu último ano de graduação que realmente tive a primeira oportunidade de desenvolver uma pesquisa sobre este assunto que tanto me fascinava.

Neste período me dediquei a escrever, com o auxílio de meus professores orientadores, uma pesquisa sobre a relação entre texto literário e leitor na visão de três autores - Michèle Petit, Antônio Candido e João Cezar de Castro Rocha -, durante esta pesquisa procurei compreender como esta relação impactava as possíveis formas de conexão entre texto e leitor e como diferentes relações e conexões construídas poderiam impactar as visões sociais, políticas e humanas de seus leitores.

Ao ler e me aprofundar nos textos de referencial teórico para a realização da pesquisa, buscando entender o posicionamento de cada autor sobre a relação entre texto literário e leitor, me deparei com diversas passagens que me instigaram a querer aprofundar o entendimento da relação entre ser humano e linguagem, como esta pode validar ou questionar discursos e ideologias hegemônicas presentes em nossa sociedade e com isso pode impactar na construção social, política e humana dos seres humanos.

Por isso, a pesquisa aqui apresentada tem como objeto de estudo a leitura literária como local de construção de respostas a discursos hegemônicos. Procuro, a partir desta, entender as dimensões políticas do fenômeno educativo, visando aprofundar um fundamento teórico que sirva de base para a formulação, implementação e avaliação de políticas na área educacional, mais especificamente na área de promoção, mediação e condução do texto literário como objeto educacional.

Esta pesquisa busca aprofundar-se nos aspectos teórico-filosófico da educação a partir da perspectiva bakhtiniana e do círculo bakhtiniano, relacionando a educação libertadora, a leitura literária e o discurso hegemônico neoliberal. Muito embora existam diversas pesquisas que tratem da educação libertadora, da leitura literária e de Bakhtin, estas, em sua maioria, buscam analisar práticas pedagógicas, enquanto a pesquisa aqui apresentada busca compreender de forma profunda e teórica a relação entre texto literário e leitor, relacionando este entendimento com as possibilidades de espaço de questionamento a discursos neoliberais opressores dentro da leitura literária.

Desta forma, após consultar mecanismos de busca online¹, percebo que esta pesquisa se diferencia ao aprofundar o tema da relação entre texto literário e leitor e da leitura literária como espaço educativo libertador de questionamento a discursos hegemônicos opressores a partir de uma perspectiva teórico-filosófica.

Para a realização desta pesquisa, busco entender a linguagem e a sua relação com o ser humano. Por isso parto do entendimento do círculo bakhtiniano de linguagem, o que me permite entendê-la como algo social, construído e utilizado por nós a partir de nossos interesses sociais e de acordo com as nossas posições sociais e econômicas.

Para o autor o emprego da língua e o uso da linguagem acontecem a partir de enunciados que refletem as especificidades e finalidades daquele discurso e das pessoas que o estão construindo, por isso o autor afirma que “Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem [...] o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados [...] Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo” (Bakhtin, 2016, p.11)

Este entendimento de como “a língua reflete, nos seus modelos, as questões sociais da interação verbal, da comunicação ideológico-verbal, em relação às condições históricas determinadas.” (Ponzio, 2008, p.128) muda todo o entendimento da relação entre ser humano e linguagem, tornando possível a percepção de como esta influencia e afeta a nossa subjetividade e a nossa consciência individual.

A linguagem nesse entendimento tem então como ponto central a forma “como o sujeito lida com a alteridade no mundo exterior, ou seja, como trata a dicotomia entre sujeito e mundo”

¹ Buscou-se na plataforma “google acadêmico” os termos “Bakhtin” “Discurso neoliberal” “Educação” “Literatura” e após uma análise dos resultados percebeu-se uma lacuna na qual a pesquisa aqui proposta se posiciona.

(GRILLO, 2017, p.13), isto significa que, a linguagem influencia também a forma como os sujeitos leem o mundo a sua volta, como entendem este mundo e os discursos que o perpassam, e como criam novos significados e discursos a partir de suas vivências e convivências neste mundo.

O pensamento do círculo bakhtiniano e o seu entendimento da relação entre ser humano e linguagem são uma forma de compreensão aberta às experiências, questões, opiniões e discursos os quais passam por nossas vidas e influenciam a forma como nos expressamos e compreendemos o mundo; em outras palavras, é uma forma de compreender a linguagem a partir de sua relação com o humano e não a partir de suas formas e regras.

A nossa própria subjetividade e discursos internos se encontram então em um campo de determinação, de acordo com as realidades e discursos com os quais interagimos. Não é possível idealizar um discurso sem que seja uma resposta a outros discursos antecedentes, pois não é possível pensar um ser humano à parte de todo o contexto social que o motivou, inspirou, instigou e até o manipulou e o controlou.

Ao pensarmos no discurso como uma construção social, percebemos que existem discursos criados e reproduzidos que possuem maior força ou relevância por estarem ligados a grupos com maior poder social, ou seja, “Sempre existem essas ou aquelas ideias determinantes dos “senhores do pensamento” de uma época verbalmente expressas, algumas tarefas fundamentais, lemas, etc.” (BAKHTIN, 2016, p.54)

Podemos entender então que estes discursos e pensamentos estão ligados a uma classe dominante com maior poder econômico e social, que procura tornar seus pensamentos hegemônicos, pois são estes que os controlam — e que se favorecem de sua reprodução — assim, utilizam-se de suas influências e poderes para fazer com que seus discursos sejam propagados como únicos válidos.

O que estou apontando aqui é que, muitas vezes, discursos estão intrinsecamente ligados à ideia de superestrutura. Isso porque a superestrutura é, segundo a teoria marxista, os produtos não materiais gerados pela produção da vida; estes são moldados e sustentados pela estrutura². São, por exemplo, sistemas jurídicos, cultura, religião, códigos morais, políticas educacionais, diretrizes curriculares, documentos oficiais, entre outros produtos sociais sem

² Estrutura, dentro da teoria marxista, significa “O conjunto das forças produtivas e das relações sociais de produção de uma sociedade” (QUINTANEIRO; OLIVEIRA; BARBOSA, 2002, p.34)

forma material, construídos para garantir a manutenção da ordem social imposta pela estrutura.

A partir deste entendimento de superestrutura, podemos entender como esta constrói discursos na tentativa de dominar discursivamente e, conseqüentemente, dominar os sistemas jurídicos, os movimentos educacionais, as leituras de mundo, as convicções, as críticas e as ideologias de um determinado povo ou população. O discurso da superestrutura se torna então uma forma de controle e de manutenção de poder sobre as formas de relação e de entendimento do mundo a partir do uso da linguagem, manifestando-se e podendo ser percebido em diferentes espaços e instâncias sociais, como espaços educacionais, políticas públicas, políticas educacionais, sistemas jurídicos, instituições culturais etc. Trata-se de uma forma de dominação social.

A linguagem passa a ser utilizada pela superestrutura como forma de controle e de culto a uma realidade opressora moldada a seu favor, e isso acontece pois “A reificação da linguagem, a transformação do mundo linguístico, verbal por sua essência, em uma coisa dominável e explorável é ínsita aos processos de idolatrização da realidade” (SOUZA, 2020, p.46)

Sendo assim, podemos pensar o campo discursivo e o uso da linguagem como campos de disputa, nas quais as possíveis significações para determinado discurso são conflituosas e determinam a forma como as pessoas pensam e entendem diferentes ideias e realidades sociais.

A superestrutura tem então um discurso próprio na tentativa de garantir a sua totalização e imposição de seus ideais. O aprofundamento destes ideais tem-se tornado possível a partir da expansão e imposição do neoliberalismo econômico. O capitalismo neoliberal - por depender da produção de ganho de capital para sua sobrevivência - transforma tudo em produto, em uma busca perpétua por ganho e lucro de capital. É um sistema no qual não existe vida fora do interesse econômico, sendo assim, todos os aspectos sociais, inclusive o discursivo, devem cultuar e idolatrar o lucro e a produção constantes na tentativa de manter este formato econômico funcionando a todo o vapor e de forma inquestionável.

Dentro desta busca constante por investimento, lucro e capital, na qual tudo se torna um bem material, até mesmo o ser humano passa a ser visto somente como forma de produção, a possibilidade de comprar seu tempo, força de trabalho, momentos de vida e de comprar as formas de se expressar e utilizar a linguagem se torna uma maneira de garantir a

continuação da produção e do lucro. Passa-se a vender a vida para poder viver em um sistema econômico que propaga através de seu discurso a promessa de lucro constante como algo natural e essencial.

Esta promessa tem o poder de moldar as formas como se enxerga a realidade. O lucro passa a ser algo a ser buscado, idolatrado, cultuado e não questionado. Passa a ser entendido como pertencente à vida, natural até.

Pois, pelo sistema capitalista e suas classes dominantes controlarem e cercearem todas as formas de produção, as formas de manutenção da vida - e os seres humanos que lutam pela sua sobrevivência - passam a ser dependentes deste mesmo sistema econômico que procura transformar tudo em formas de expansão do capital. E ao consumir discursos que procuram entender esta dependência como algo natural, e não como algo criado pelo próprio sistema, passa-se a aceitá-la e a defendê-la.

Esta aceitação e obediência exige não só um controle material, como também um controle discursivo por isso é possível afirmar que o capitalismo neoliberal possui uma face discursiva que usa a linguagem para se auto afirmar socialmente, pois não basta controlar socialmente as formas econômicas, de lucro e produção, não basta controlar as formas possíveis de se viver, é preciso uma “colonização total da matéria e do espírito” (SOUZA, 2020,p.105), uma colonização também dos ideais, dos discursos e do imaginário, até porque “Sem o controle dos espíritos seria impossível a regulação pelas finanças” (SANTOS, 2008 , p.17).

Porém, mesmo o discurso da classe dominante e de sua superestrutura tendo um grande poder e validade social, mesmo este tentando garantir a sua totalização absoluta, esta não é possível. Pois, a língua, como posto por Bakhtin, é algo social e dialógico, portanto, mesmo existindo discursos com mais força e/ou poder social, a sua perpetuação de forma única é impossível pois “Todos os campos da ideologia usam a língua, mas cada um a seu modo” (Bakhtin, 2016, p.139). O uso social da linguagem cria discursos não hegemônicos que questionam o hegemônico, o discurso neoliberal, e se mostram ameaças às suas tentativas de totalização discursiva.

Por isso, mesmo que o discurso neoliberal - usado pela superestrutura como forma de manutenção própria no poder - represente um uso da linguagem, outras classes usam esta mesma linguagem e, mesmo com uma menor valoração e espaço social, passam a ressignificar a linguagem a partir de suas vivências e leituras de mundo.

Sendo assim, mesmo o discurso neoliberal, utilizando seu poder sobre as superestruturas para criar, propagar e validar um discurso que se apresente como único sistema válido e tente apresentar o neoliberalismo e o capitalismo como sistemas econômicos naturais, autossuficientes e infinitos, outros usos da linguagem, por grupos não beneficiados por este sistema, tendem a criar discursos não hegemônicos, que questionam as suas ideologias, significações e discursos.

Estes embates discursivos estão também presentes em espaços educacionais, pois “Não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio” (FREIRE, 1967, p.35). Então, se percebemos embates e disputas discursivas, ideológicas e políticas em nossa sociedade, as mesmas tendem a se refletir em ambientes educacionais.

Porém, a educação tem uma possibilidade de questionamento social muito latente; a educação tem a opção “entre uma “educação” para a ‘domesticação’, para a alienação, e uma educação para a liberdade. ‘Educação’ para o homem-objeto ou educação para o homem-sujeito.” (FREIRE, 1967, p.36). Sendo assim, a educação possui uma função social, podendo ser utilizada de diferentes formas. Por isso, quando pensamos em educação, devemos pensar também a qual educação nos referenciamos, uma educação voltada à construção de um ser humano objeto alienado, ou então à construção de um ser humano sujeito questionador.

Há então um “O antagonismo entre as duas concepções, uma a “bancária”, que serve a dominação; outra, a problematizadora, que serve a libertação” (FREIRE, 2024, p.95), uma educação domesticadora necessariamente validaria o discurso e pensamento das classes dominantes, que insistem em “Falar da realidade como algo parado, estático, compartimentado e bem-comportado”(FREIRE, 2018, p.79). Portanto é uma educação que procura compartimentar a realidade e os discursos que a perpassam, na tentativa de formar seres humanos também compartimentados, que pouco reflitam sobre sua realidade e os discursos que o cercam.

Em contrapartida a esta educação alienadora, a educação libertadora procura se debruçar sobre as formas de opressão que nos cercam, incluindo discursos opressores, questionando-os. Tornando o papel social dessa educação o de propiciar um ambiente dialógico, aberto à pluralidade de realidades de discursos que podem mostrar formas diferentes de se encarar, pensar e ler o mundo.

Ou seja, o questionamento aos discursos neoliberais, utilizado pelas classes dominantes para garantir a manutenção de seu poder social, é parte de uma educação

libertadora. Ao nos debruçarmos sobre a linguagem e suas utilizações em momentos educacionais, devemos compreender também as diferentes leituras de mundo que esta linguagem está propiciando, as diferentes significações e temas que os signos podem refletir, como estes não são estáticos e como as suas diversas significações e temas podem nos mostrar as ideologias por trás de um discurso.

Com este entendimento podemos perceber como a leitura - que é uma das formas de expressão e utilização da linguagem - é parte fundamental de uma educação libertadora, do questionamento à nossa realidade opressora, à todas as suas formas de expressão e a todos os ideais que ela perpetua, pois a leitura é uma forma de contato com a linguagem e com diversos discursos, e portanto é também uma forma de diálogo com o seu ouvinte, com o seu leitor.

Este diálogo e embate entre discursos e entre texto e leitor se tornam especialmente evidentes dentro de obras literárias e poéticas, pois “o poeta trabalha o tempo todo com o consentimento ou o não consentimento, com a concordância ou discordância do ouvinte.” (VOLOCHINOV, 2019, p.131). A linguagem em sua forma artística, como na literatura, tem o poder, através de suas histórias e narrativas, de representar e reelaborar a comunicação social de forma a trazer à luz diferentes discursos e realidades, brincando e mexendo com a concordância e discordância do leitor, de forma a contemplar a luta entre opiniões e ideologias, tanto dentro do próprio texto como entre texto e leitor.

Por isso, “É possível dizer que uma obra poética é um condensador poderoso das avaliações sociais não ditas: cada palavra está repleta delas. Justamente essas avaliações sociais organizam a forma literária como sua expressão imediata” (VOLOCHINOV, 2019, p.131), e a partir desta representação social existente na literatura, há a oportunidade de se mostrar, narrar e desvelar a realidade e seus discursos; há a possibilidade de explorar os significados, significações e temas de cada palavra e signo ideológico de diferentes formas.

Sendo assim, a leitura literária é um processo aberto ao diálogo com o leitor e só ocorre de forma completa dentro dessa dialogicidade, podendo o texto e a realidade ser interpretados e reinterpretados de diferentes formas a partir das diferentes vivências e leituras de mundo que cercam o leitor no momento de contato com o texto. Percebo então como a obra literária e sua leitura se dão neste contexto de diálogo entre texto e leitor, na qual as significações, contextos e realidades de cada um, seja do texto ou do leitor, se entrelaçam e criam novas possibilidades de interpretação, isto nos mostra como a leitura literária tem

“influência educativa sobre os leitores, sobre suas convicções, respostas críticas, influência sobre seguidores e continuadores; ela determina as posições responsivas dos outros nas complexas condições de comunicação discursiva de um dado campo da cultura” (BAKHTIN, 2016,p.34)

A partir deste entendimento sobre o papel humanizador da leitura de textos literários, da possibilidade desta forma de linguagem propiciar espaços férteis à questionamentos sobre a realidade vivida, o que inclui ideologias opressoras e discursos hegemônicos, percebo a importância da literatura em sala de aula e em políticas públicas como o programa criado no Brasil em 1997, Programa Nacional da Biblioteca Escolar (PNBE) parte do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), que procura distribuir livros didáticos e literários para promover a democratização da cultura e criação de ambientes letrados nas escolas.

Porém, ainda que isto seja um esforço de incentivo à leitura, a distribuição de livros literários não garante, por si só, mudanças no entendimento sobre a relação entre texto e leitor e sobre os impactos positivos de uma leitura literária quando entendida como prática educacional dialógica e questionadora; consequentemente, a distribuição de livros por si só não garante a mudança em práticas pedagógicas.

Isso já tinha sido percebido por Ana Luiza Bustamante Smolka, que - ao realizar a sua pesquisa de doutorado em 1987 - desenvolveu um estudo sobre a utilização da literatura em processos escolares, mais especificamente em processos de alfabetização. No decorrer de sua pesquisa, a autora explorou como a literatura - mais especificamente os quadrinhos - aproximava as crianças de um processo de alfabetização e leitura literária mais dialógico e aberto.

Contudo, ela também notou a falta da utilização destes no dia a dia da sala de aula e, sobre este aspecto, refletiu dizendo como muitas vezes "a própria prática escolar é a negação da leitura e da escritura como prática dialógica, discursiva, significativa."(SMOLKA, 1948, p.105). Deste modo, entendo como a leitura literária se torna essencial para um processo de humanização dentro do espaço escolar, pois - assim como mostrou Smolka - a sua utilização de forma aberta às vivências dos alunos, de forma plural e dialógica, permite que a criança se construa e reconstrua, se elabore e reelabore dinamicamente.

Sendo assim, no processo de leitura e leitura literária, que é uma forma de contato com o discurso escrito, é essencial então esta abertura ao entendimento do leitor como ser ativo, para que ele possa dialogar, expor, questionar, formular e reformular as suas diversas leituras

do texto e do mundo, criando novas compreensões e novas possibilidades de interpretação a partir de sua leitura de mundo, pensando nos mais diversos temas possíveis dentro das diferentes realidades e dos diferentes discursos presentes na leitura literária feita.

A partir deste entendimento dialógico da educação, esta se torna uma ameaça ao sistema opressor, pois ela incentiva o pensamento crítico e o pensar autenticamente é perigoso. Uma educação libertadora deve então promover este pensar autêntico, deve ir contra o “O estranho humanismo desta concepção “bancária” [que] se reduz à tentativa de fazer os homens o seu contrário - o autômato, que é a negação de sua ontológica vocação de ser mais” (FREIRE, 2018, p.85)

Questionar o sistema opressor, porém, se torna uma tarefa árdua, visto que o mesmo procura promover a sua totalização nos mais diversos âmbitos. Nas formas materiais de controle e cerceamento dos meios de produção e nas formas ideológicas e discursivas que criam narrativas que defendem este seu controle material.

Mas este questionamento é possível, de muitas formas - inclusive através do entendimento dialógico da língua - que podem promover o questionamento das ideologias, discursos e narrativas capitalistas e neoliberais e que podem proporcionar um entendimento das formas de totalização e controle feitas por este sistema opressor.

A partir da problemática exposta, apresento esta pesquisa - uma pesquisa qualitativa de análise interpretativa - que procura entender como discursos hegemônicos e periféricos podem ser compreendidos e questionados em uma roda de conversa entre estudantes universitários, tendo como objeto de discussão leituras literárias feitas previamente. Sendo assim, o objetivo geral desta pesquisa pode ser expresso como: compreender o potencial educacional libertador da materialidade literária de questionamento a discursos hegemônicos opressores a partir da construção da relação entre texto literário e leitor.

Com a intencionalidade de atender a este objetivo geral, criei 3 objetivos específicos, os quais possibilitaram responder à pergunta norteadora mencionada acima. Os três objetivos são:

a) Entender como os discursos hegemônicos neoliberais e não hegemônicos/periféricos se materializam em nossa sociedade e compreender como a leitura literária tem potência política, social e humana de resposta aos discursos hegemônicos.

b) Organizar um debate literário com alunos da graduação e pós-graduação a partir do formato de grupo focal, nos quais serão observadas e analisadas as falas dos alunos, e como estas falas evidenciam os embates discursivos expostos a partir da materialidade literária.

c) Fazer o cotejamento e a análise dos discursos em relação à literatura trabalhada, apontando como podemos perceber a construção de respostas ao discurso hegemônico neoliberal a partir da materialidade literária em um debate aberto, dialógico e plural.

Estes 3 objetivos específicos se materializaram na escrita desta dissertação em 5 capítulos, os quais se aprofundam nas temáticas apresentadas. Os 5 capítulos são:

SOBRE A PESQUISA: Aqui exponho os caminhos metodológicos trilhados durante a organização e realização desta pesquisa, seja durante a parte de campo, seja durante o momento de análise dos materiais, o que inclui a organização de um debate literário em formato de grupo focal e a seleção e análise dos discursos. A análise dos discursos perpassa todos os capítulos seguintes desta pesquisa. Portanto, o debate vai sendo construído junto com as análises feitas.

ENTRE TEORIA E FALA: CONCEITOS BAKHTINIANOS EM DIÁLOGO COM AS FALAS: Neste capítulo, procuro me debruçar sobre a teoria bakhtiniana e do círculo bakhtiniano, os principais conceitos-chave para o desenvolvimento desta pesquisa e procuro compreender como podemos entender a sua teoria em nossa sociedade capitalista neoliberal atual.

NEOLIBERALISMO E O SEU DISCURSO HEGEMÔNICO: Com o objetivo de entender o discurso neoliberal em nossa sociedade, trago aqui também o conceito de neoliberalismo, como este se apresenta materialmente em nossas políticas e formas de produção de vida. Busco entender como o neoliberalismo se apresenta em sua face discursiva, como esta face discursiva é uma forma de controle social e uma tentativa de imposição dos ideais neoliberais.

LEITURA LITERÁRIA COMO FRESTA LIBERTÁRIA: ABERTURA AO DISCURSO NÃO HEGEMÔNICO: Procuro aqui mostrar como a literatura, por ser dialógica e aberta à dialogicidade dos discursos, cria um local de questionamento a discursos hegemônicos e excludentes, como o discurso neoliberal. Promovendo assim uma experiência educacional de reflexão e resposta à leitura do texto, à leitura de mundo dos seus leitores e também aos discursos que os perpassam socialmente.

CONSIDERAÇÕES QUASE QUE FINAIS: Aqui procuro trazer tudo o que foi discutido até então, ligando as ideias propostas nos três primeiros capítulos para perceber como a leitura literária se torna um espaço educacional libertador de abertura de frestas ao discurso hegemônico neoliberal. Para isso utilizo os autores tratados e conceitos explorados nos três primeiros capítulos desta dissertação, assim como o livro **“Leitura em Bakhtin e Paulo Freire: Palavras e Mundos”** para aproximar as ideias de Bakhtin e de seu círculo ao conceito de educação libertadora de Paulo Freire.

Esta divisão foi feita com o objetivo de expor as bases teóricas, os caminhos metodológicos e as conclusões desta pesquisa, a qual foi projetada a partir do entendimento da linguagem literária como espaço dialógico.

Levando em consideração todo o exposto até então, organizei e realizei 3 encontros de um grupo focal, o qual tinha como objeto de discussão as literaturas “Homens de Papel” de Plínio Marcos e “Mas em que mundo tu vives?” de José Falero. O que permitiu compreender materialmente a relação entre leitores e a leitura literária feita.

Estes encontros estavam abertos à participação de alunos da graduação e da pós-graduação da Universidade Federal da Fronteira Sul. Durante os encontros procurei compreender principalmente a relação dos participantes com a literatura e como essa relação perpassava questões de suas vidas pessoais e profissionais, fazendo-os refletir sobre as suas realidades e discursos. Para isso, utilizei como guia durante os encontros 3 questões norteadoras, as quais procuraram explorar as relações que os participantes fizeram entre os contos de José Falero e o texto teatral de Plínio Marcos; as problematizações feitas pelos participantes ao lerem os textos; e as relações possíveis entre as literaturas trabalhadas e as suas realidades.

Muito embora estas questões tenham norteados os debates dos encontros, por entender a dialogicidade da palavra e do discurso, a intenção durante os debates foi permitir a circulação da palavra entre os participantes, tornando a experiência ampla e dinâmica. Ou seja, a existência de questões norteadoras não fechou o debate; o formato de grupo focal, assim como o entendimento teórico-metodológico que guiou esta pesquisa - o qual será detalhado no primeiro capítulo - permitiu criar um espaço de debate pleno com a exposição e exploração de diferentes opiniões, pontos de vista e vivências.

1 SOBRE A PESQUISA

Esta pesquisa propôs uma investigação de cunho qualitativo e de análise discursiva interpretativa. Identifico-a como qualitativa, pois não se preocupa em analisar ou quantificar dados em expressões numéricas, e sim em se aprofundar no entendimento de um fenômeno social. Segundo Denise Tolfo Silveira e Fernanda Peixoto Córdova³, a pesquisa qualitativa “preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (SILVEIRA; CÓRDOVA, p.31). E identifico-a como de análise discursiva pois ao ser organizada com o intuito de responder a pergunta de pesquisa “Como o discurso de estudantes de graduação e pós graduação nos permite compreender os embates entre discursos hegemônicos e não hegemônicos/periféricos por meio da materialidade literária?” procura combinar metodologias de campo para coletas de discursos, e metodologias de análise discursivas para a análise dos dados coletados.

Para atingir este objetivo, a pesquisa aqui relatada foi dividida em três etapas, uma etapa de pesquisa bibliográfica - que buscou aprofundamento nas bases teóricas nas quais esta pesquisa se baseou -, uma etapa de pesquisa de campo - na qual se organizou um grupo focal em formato de debate literário com a participação de alunos da graduação e da pós graduação da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Chapecó -, e a terceira e última etapa onde foi feita a análise dos discursos construídos durante os debates literários no grupo focal.

Este capítulo procura aprofundar-se nos caminhos trilhados para a realização desta pesquisa. Portanto, nos itens abaixo, procurarei fazer um detalhamento da metodologia da etapa da pesquisa de campo e da etapa de análise, e procurarei expor as delimitações dos participantes e dos objetos a serem compreendidos, as bases teóricas que embasaram a organização dos círculos de debates literários, a organização do grupo focal, os textos escolhidos, entre outros aspectos que se tornaram relevantes durante a organização metodológica desta etapa da pesquisa.

Etapa da pesquisa de campo

Para a realização da etapa de campo desta pesquisa, foi organizado um grupo focal que tinha como objetivo ser um círculo de debates literários, com objetos de discussão os textos “Homens de Papel” de Plínio Marcos e “Mas em que mundo tu vives?” de José Falero.

³ SILVEIRA, Denise Tolfo e CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. **Métodos de pesquisa**, 2009. Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Foi possível organizar 3 encontros em formato de grupo focal, nos quais se observou e analisou os discursos feitos pelos participantes com o intuito de compreender se a leitura do texto literário se relacionou com os discursos internos dos mesmos, proporcionando a produção de novos discursos e de novos questionamentos sociais.

Esta roda de conversa foi composta por alunos da graduação e pós-graduação que se interessaram em participar voluntariamente. Houve 2 participantes; ambos estudantes da Universidade Federal da Fronteira Sul, sendo um homem professor em formação do curso de Licenciatura em matemática e uma mulher formada em ciências sociais mestranda do programa de pós-graduação em educação da Universidade Federal da Fronteira Sul. Os dois participantes são trabalhadores da região do oeste catarinense, um como professor de matemática em um espaço de reforço escolar particular e a outra como professora de sociologia da rede pública. A discussão partiu de questões norteadoras abertas, utilizadas como forma de iniciar e provocar o diálogo, fazendo assim a palavra circular entre os participantes⁴.

A escolha metodológica de grupo focal foi feita intencionalmente pois, ao propor uma pesquisa qualitativa, na área da educação, e que procura entender como saberes do campo da linguística perpassam o campo educacional, e como estes também podem nos ajudar a entender os embates discursivos de âmbito sócio-políticos, se torna essencial para esta pesquisa a busca de uma metodologia que permita um olhar atento sobre os fenômenos sociais e discursivos que atravessam o campo educacional.

A metodologia escolhida para guiar a fase de campo desta pesquisa, portanto, deveria ser uma que possibilitasse olhar diretamente para as relações sociais que nos cercam e que possibilitasse o aprofundamento no entendimento de um fenômeno social.

Entendo que a seleção da técnica utilizada para a coleta de dados é parte essencial da pesquisa e não pode ser pensada de maneira desarmônica às questões teóricas e filosóficas que perpassam o restante da mesma. Por isso ao basear esta pesquisa no entendimento dialógico de linguagem presente em Bakhtin e em seu círculo, e ao entender que esta dialogicidade não só se faz presente em processos educativos, como também é essencial para que estes ocorram de forma libertária e questionadora, a forma de coleta de dados desta pesquisa se torna então um reflexo material dos princípios teóricos que à regem.

⁴ Mais especificações sobre esta etapa da pesquisa se encontram em “**Apêndice - Detalhes sobre a aprovação da pesquisa no CEP (Comitê de ética em pesquisa) e sobre a realização dos encontros**”

Sendo assim, quando me proponho a realizar esta pesquisa, que olha diretamente para a relação entre ser humano e linguagem, me propus também a selecionar técnicas que possibilitassem uma aproximação entre pesquisadores e participantes de maneira empática, valorizando a experiência de cada participante e que possibilitasse a compreensão das diferentes significações atribuídas pelos participantes às questões da pesquisa.

Levando em consideração os pré requisitos expostos, chegou-se a proposta de um grupo focal, pois o mesmo possibilita este olhar atento para as relações sociais e para os embates discursivos que nos perpassam socialmente, já que esta técnica tem por principal característica possibilitar um debate plural e diversificado, no qual os participantes, ao serem confrontados com as visões de mundo e os entendimentos do objeto de pesquisa uns dos outros, passam a refletir sobre concepções pré estabelecidas. Ou seja, a proposta do grupo focal teve aqui o propósito de possibilitar de forma material os embates discursivos que nos perpassam tanto no campo educacional quanto no campo de pesquisa da linguagem e da literatura.

Ao permitir que os participantes debatam entre si, tenham acesso aos pontos de vista e às leituras de mundo uns dos outros, o grupo focal permite uma forma de pesquisa que muito se aproxima da proposta dialógica de ensino Freireana, já que o mesmo procura trazer a problematização da palavra para as suas práticas pedagógicas, segundo o mesmo, na educação “O que se pretende investigar, realmente, não são os homens , como se fossem peças anatômicas, mas o seu pensamento-linguagem referido à realidade, os níveis de sua percepção desta realidade, a sua visão do mundo” (FREIRE, 2024 ,122)

Ao olhar para o movimento educacional a partir da ideia de reflexão sobre a realidade Freire coloca em evidência as relações sociais e políticas entre educandos e mundo, isto se torna evidente na sua proposição de processos educacionais e de alfabetização através do que ele chamou de “círculos de cultura”, no qual, segundo o autor

“não se ensina, aprende-se em ‘reciprocidade de consciências’; não há professor, há um coordenador, que tem por função dar as informações solicitadas pelos respectivos participantes e propiciar condições favoráveis à dinâmica do grupo, reduzindo ao mínimo sua intervenção direta no curso do diálogo” (FREIRE, 2024 ,p.15)

Esta abertura em muito se relaciona com o grupo focal, pois este formato de pesquisa permite que o próprio embate discursivo dentro do grupo realize processos educativos no sentido de proporcionar reflexão e debate sobre os temas propostos.

Por isso, ao propor um grupo focal em formato de círculo de debate, eu estou propondo um grupo focal que converse diretamente com a ideia de linguagem dialógica presente no pensamento de Bakhtin e Freire, ambos bases teóricas desta pesquisa.

Os mesmos ao olharem para a pluralidade da palavra e da linguagem, e como estas se engajam nas dimensões culturais, políticas e sociais de um determinado contexto sócio-histórico, olham para a linguagem para além de suas formas e regras e procuram entender como a mesma se relacionaria de forma profunda com o ser humano, em outras palavras para os autores “Os aspectos materiais da palavra não seriam deixados de fora; porém, mais importantes do que eles eram as impressões do mundo nela refletidas e por ela refratadas, as quais configurariam em pistas das relações entre sujeitos” (MOURA, 2019 ,p.144)

Sendo assim o formato do grupo focal torna possível a compreensão de “ideias, opiniões, modos de ver, atitudes, valores, que são evidenciados e processados num coletivo mostrando mudanças, influências recíprocas, acordos e desacordos que se produzem e se alteram ao longo da dinâmica do trabalho”(GATTI, 2005 ,p.67). Ou seja, o grupo focal, por ser uma metodologia aberta a dialogicidade presentes na linguagem e no processo educativo, tornou possível a abertura à palavra dos participantes a partir de suas próprias questões relacionadas ao tema e permitiu que os embates discursivos presentes em nossa sociedade emergisse de maneira natural e reflexiva.

Dessa forma, a adoção do grupo focal em formato de círculo de debate não foi apenas uma escolha técnica, mas foi também uma decisão metodológica coerente com os princípios teóricos desta pesquisa.

O grupo focal foi organizado em encontros previamente planejados; os participantes foram convidados a dialogar sobre questões norteadoras relacionadas ao objeto de investigação, de modo a permitir e a favorecer a circulação da palavra, a escuta ativa da pesquisadora e dos outros participantes e o confronto de perspectivas. O papel da pesquisadora, nesse contexto, foi o de uma mediadora atenta e aberta às contribuições de cada um, e as intervenções se deram para garantir as condições de participação equitativa e a manutenção da dialogicidade.

Durante os encontros procurou-se explorar quais as relações os participantes fizeram entre o conto de José Falero e o texto teatral de Plínio Marcos; quais foram as

problematizações feitas pelos participantes ao lerem os textos; e por fim quais relações possíveis entre as literaturas trabalhadas e a realidade vivida pelos participantes.

O debate ocorreu virtualmente, para facilitar o acesso de todos que se interessassem em participar, e a gravação foi feita pelo computador da pesquisadora. Os arquivos gravados foram armazenados no computador da pesquisadora e em um ambiente virtual em nuvem com acesso restrito à pesquisadora e à sua orientadora.

Cada encontro teve um conto específico a ser discutido junto da obra teatral de Plínio Marcos, sendo estes:

- Encontro 1: Neste primeiro encontro foram debatidos o livro “Homens de Papel” de Plínio Marcos e o conto “Dor de Dono” presente no livro “Mas em que mundo tu vive?” de José Falero, ambos enviados previamente para os participantes, em formato PDF via e-mail.
- Encontro 2: Neste segundo encontro foram debatidos o livro “Homens de Papel” de Plínio Marcos e o conto “Um país dividido em dois” presente no livro “Mas em que mundo tu vive?” de José Falero, ambos enviados previamente para os participantes, em formato PDF via e-mail.
- Encontro 3: Neste último encontro foram debatidos o livro “Homens de Papel” de Plínio Marcos e o conto “Homem ou Rato?” presente no livro “Mas em que mundo tu vive?” de José Falero, ambos enviados previamente para os participantes, em formato PDF via e-mail.

Os encontros ocorreram nos dias programados, durando cerca de 40 minutos cada. Foi possível perceber que a interação entre os dois participantes era feita de forma comprometida e entusiasmada, produzindo falas únicas, singulares e irrepetíveis, em diálogos com a pesquisadora e com o material. Possibilitando assim perceber embates discursivos e reflexões sociais,

Em suma, durante os encontros percebeu-se que esta técnica selecionada e aplicada possibilitou atingir os objetivos de debate dialógico aqui mencionados, assim como possibilitou uma compreensão profunda dos signos e significados utilizados pelos participantes, levando em consideração o contexto em que os mesmos estavam inseridos e as questões norteadoras feitas pela pesquisadora

Etapa da análise de dados

Entendo que a análise dos discursos do grupo focal deve se sustentar no mesmo horizonte dialógico que fundamenta a pesquisa. Assim, a metodologia de análise de discursos construídos procura trazer a dialogicidade da linguagem e a pluralidade de ideias, conceitos básicos para esta pesquisa. Sendo assim, muito embora haja uma sistematização dos diálogos feita no apêndice desta pesquisa, em diversos pontos foi possível construir uma relação entre as falas dos participantes e a base teórica desta pesquisa e, portanto, foram analisadas nestes espaços.

Estas análises não tiveram como foco a busca por uma “verdade” única, mas sim a compreensão das vozes e das dialogicidades existentes nos diferentes discursos. Justamente por este reconhecimento à pluralidade de entendimentos e à dialogicidade dos discursos, a metodologia aqui utilizada é o cotejamento, que tem por princípio este entendimento do discurso como uma construção dialógica e plural que ocorre em diversos espaços de nossa sociedade.

A perspectiva metodológica do cotejamento se baseia no entendimento do discurso para Bakhtin, que, ao ver a língua e o discurso a partir do seu aspecto social, nos permite analisar a compreensão textual e verbal a partir de sua dialogicidade. A partir desta compreensão da comunicação, a perspectiva metodológica do cotejamento procura possibilitar uma correlação textual, expondo vozes e discursos que se refletem nos textos e que por diversas vezes se veem apagados ou esquecidos em face de perspectivas de compreensão textual fechadas na busca da ideia “do que o autor quis dizer”. Compreendo então esta perspectiva metodológica como uma abertura crítica às possíveis compreensões textuais que podem emergir a partir do diálogo e da relação entre texto e leitor.

A partir desta forma de entender o movimento discursivo, é possível pensar a compreensão e interpretação textual, como “uma atividade de correlacionar textos” (GEGe, 2017, p.98). Ao pensar o movimento de relação texto-leitor a partir deste entendimento de relação discursiva presente na teoria Bakhtiniana, é possível perceber como este movimento de compreensão possui uma intertextualidade latente, em que o escritor de um texto conversa com outros textos os quais o mesmo teve contato, e o leitor conversa com o texto, concordando ou discordando a partir de suas próprias vivências e leituras. Ou seja, se torna um movimento dialógico, não monofônico.

Olhar para um texto levando em conta esta intertextualidade e este movimento de diálogo entre texto e leitor possibilita e exige uma perspectiva metodológica de pesquisa textual que vá ao encontro deste entendimento, que ao analisar um texto seja capaz de correlacionar os seus escritos como outros discursos textuais presentes em nossa sociedade, um caminho metodológico que promova a “ampliação do contexto, fazendo emergirem mais vozes discursivas do que aquelas que são evidentes na superfície” (GEGe, 2017, p.18). A proposta metodológica de cotejamento busca então abranger os movimentos plurilinguísticos do discurso e ao fazer isso coteja movimentos discursivos de um texto, com outros textos, realidades e discursos.

O movimento de compreensão e interpretação discursiva exige este cotejamento, pois “compreender é cotejar com outros textos e pensar em um contexto novo” (GEGe, 2017, p.17). Ao entender os pontos discursivos que criam um elo entre o discurso sendo criado, os textos e contextos que o perpassam e o movimento ativo daquele que está compreendendo o discurso e criando novos significados e significações para ele se percebe como o cotejar é criar contextos, é recuperar “parcialmente a cadeia infinita de enunciados ao que o texto responde, a que se contrapõem, com quem concorda, com quem polemiza, que vozes estão aí sem que se explicitem por que houve esquecimento da origem” (GEGe, 2017, p.24)

Podemos entender que “objetivo do cotejo de textos é a compreensão profunda” (GEGe, 2017, p.148), ele parte da percepção e do entendimento do caminho interpretativo e possibilidade de uma atividade de correlação textual. Então, a perspectiva metodológica de cotejamento vai muito além de um movimento de busca de referências e intertextualidades superficiais, na perspectiva Bakhtiniana o movimento dialógico é algo intrínseco da comunicação, por isso o “cotejo está no cerne da atividade humana da produção de sentidos” (GEGe, 2017, p.150). Ou seja, o cotejamento pensa a nossa relação comunicativa como um todo, seja ela verbal ou textual, buscando uma compreensão dos sentidos criados pelos falantes/escritores, ouvintes/leitores e buscando movimentos discursivos e significações que se refletem nestes sentidos criados.

O movimento metodológico de cotejamento textual permite um movimento dialógico no qual “a palavra do outro se enriquece com novos significados; ela é apreciada em outro espaço-tempo, ganha novos sentidos, entra em embate” (GEGe, 2017, p.151). Desta forma, o não fechamento do movimento comunicativo nos permite entender como diversos discursos

podem ser pensados, compreendidos e interpretados em contato com diferentes realidades e sujeitos.

É então uma abertura das possibilidades de compreensão à diversas realidades é uma possibilidade de “nos libertarmos das “interpretações estreitas e de mesmo tipo” interpretações que muitas vezes, podem negar o lugar de alteridade e apagar a multiplicidade dos sentidos, das vozes, dos sujeitos, das vidas” (GEGe, 2017, p.154). Este movimento metodológico procura também abrir espaço para interpretações e compreensões que muitas vezes são silenciadas dentro de uma perspectiva de interpretação fechada somente na visão de quem criou o texto, ou o discurso. Pensar a compreensão textual e/ou discursiva a partir desta perspectiva fechada seria extremamente enrijecedor, excludente e prejudicial à pesquisa de análise discursiva, pois “ficar nos limites estreitos do que o autor disse em seu texto significaria limitar o fluxo dialógico constitutivo da atividade comunicativa” (GEGe, 2017, p.153).

Não é possível pensar uma análise discursiva a partir de uma perspectiva fechada, pois não é possível pensar a realidade e a sua compreensão a partir de uma perspectiva sócio-histórica e espaço temporal fechada, ao fazer uma pesquisa analisando um contexto social e tentar assumir uma ideia de comunicação e de realidade material linear e fechada, seria como apresentar uma “superficialidade que mantém “o mundo parado”, como se fosse possível “observá-lo em um corte transversal”” (GEGe, 2017, p.13).

Por isso, a perspectiva metodológica de cotejamento percebe, então, que, em uma pesquisa de entendimento social, é necessária uma preocupação com o entendimento do mundo no seu todo, pois, ao envolver a relação entre ideias, discursos e ideologias, percebe-se a luta ideológica dentro dos encontros discursivos que refletem os embates materiais. É uma perspectiva metodológica na qual estes embates são desvelados e, ao mesmo tempo, “não tem vencedores e perdedores, pois ambos ganham e perdem ao mesmo tempo, transformando-se de alguma maneira, de forma dissensual. E não há como prever o futuro deste tipo de relação”(GEGe, 2017, p.14).

A metodologia do cotejamento é uma perspectiva que permite entender como a linguagem e os discursos produzidos a partir dela são obras sociais, que sofrem o permeamento e refletem as condições sócio-históricas que os produzem, porém também nos permite ver como todo discurso e a sua compreensão trazem em si outros discursos. Ou seja, é uma metodologia que nos permite perceber como dentro do discursos, seja ele verbal ou

escrito, há uma reflexão e intertextualidade latente e que um olhar atento para este fato nos permite perceber este elo inacabável entre discursos.

A análise dos discursos feitos pelos participantes, e consequentemente das obras discutidas, portanto, buscará evidenciar como as significações produzidas pelos participantes emergem das relações sociais e históricas que atravessam seus discursos, reconhecendo a dialogicidade e a heterogeneidade que marcam tanto os processos educativos quanto as práticas de linguagem. Tal escolha metodológica reforça o compromisso desta pesquisa com a construção de um olhar crítico sobre os embates que se instauram no campo educacional e linguístico, bem como com a valorização da experiência e da voz dos sujeitos que dele participam.

Nos próximos capítulos, procurei cotejar e relacionar as minhas bases teóricas que me ajudaram a perceber a problemática da linguagem com os discursos feitos pelos participantes durante os encontros do grupo focal. A partir desse cotejamento, procuro entender os aspectos da linguagem que permeiam a nossa construção de discursos e sentidos, assim como busco entender como o discurso hegemônico neoliberal utiliza a linguagem como forma de controle e opressão. Por fim, procuro entender os aspectos dialógicos da leitura literária e como esta se torna um espaço educativo e de questionamento às realidades opressoras e excludentes.

Toda esta exposição da base teórica e das problemáticas trabalhadas foram perpassadas pela análise dos discursos feitos pelos participantes, por isso, o que se construiu nas próximas páginas é, além do aprofundamento do tema, um cotejamento dos conceitos sendo tratados com as falas e discursos construídos durante os debates literários.

Durante o próximo capítulo exponho conceitos bakhtinianos em cotejo com a fala dos participantes procurando compreender como estudos desta corrente filosófica nos ajudam a entender a relação entre ser humano e linguagem⁵ e a construção social do discurso⁶. Usando para isso os livros escritos pelo autor e por seu círculo, busco expor seus principais conceitos relacionados à linguagem, hegemonia e ao discurso, e como podemos entender a sua teoria em nossa sociedade capitalista neoliberal atual.

⁵ Dentro dos estudos bakhtinianos a língua e a linguagem são um sistema “dotado das formas necessárias (isto é, dos meios linguísticos) para emitir expressão, mas a própria língua e as suas unidades significativas - palavras e orações - carecem de expressão pela própria natureza, são neutras” (BAKHTIN, 2016, p.56)

⁶ Para o círculo bakhtiniano o enunciado e o discurso é onde se encontra o elemento expressivo e o “seu estilo e sua composição são determinados pelo elemento semântico-objetual e por seu elemento expressivo, isto é, pela relação valorativa do falante com o elemento semântico-objetual do enunciado”(BAKHTIN, 2016, p.56)

Após este breve aprofundamento do pensamento bakhtiniano, busco no terceiro capítulo entender o discurso neoliberal em nossa sociedade. Trago aqui também o conceito de neoliberalismo, utilizando o autor David Harvey para entender como o mesmo se formou em nossa sociedade e como este se apresenta materialmente em nossas políticas e formas de produção de vida.

Utilizo também o autor Ricardo Timm de Souza para entender como o neoliberalismo se apresenta em sua face discursiva, como esta face discursiva é uma forma de controle social e uma tentativa de imposição dos ideais neoliberais, para então relacionar o discurso neoliberal com os princípios bakhtinianos entendendo como esta tentativa de criação de uma hegemonia neoliberal discursiva entra em embate com o uso social da língua e os diversos discursos periféricos criados socialmente, o que permite o questionamento dos discursos impostos.

Então, no quarto capítulo procuro mostrar como a literatura, por ser dialógica e aberta à pluralidade dos discursos, cria um local de questionamento à discursos hegemônicos e excludentes, como o discurso neoliberal, promovendo assim uma experiência educacional de reflexão e resposta à leitura do texto, à leitura de mundo dos seus leitores e também aos discursos que os perpassam socialmente, usando para isso análises das teorias bakhtinianas feitas por Augusto Ponzio e Volóchinov grandes estudiosos do tema.

E então, no quinto e último capítulo desta dissertação, busco relacionar todos os temas trabalhados à ideia de educação libertadora e dialógica, trazendo para isso textos que relacionam o pensamento de Bakhtin e seu círculo e de Paulo Freire, assim como um pouco de todos os aspectos que foram trabalhados nos outros capítulos.

3 ENTRE TEORIA E FALA: CONCEITOS BAKHTINIANOS EM DIÁLOGO COM AS FALAS

Bakhtin e seu círculo se tornaram referência no campo da linguística por questionarem a base tradicional desta ciência, que mantinha fortemente a perspectiva da linguagem a partir de suas formas e regras. O autor aponta como a língua existe apenas no contato do ser humano com o mundo. Ao trazer esta perspectiva do uso social da língua, os estudos bakhtinianos abrem espaço para discussões sobre como o ser humano e a língua se relacionam. Questões como a formação do pensamento a partir da linguagem, a relação da língua com a superestrutura e as formas de unificação e estratificação da língua no seu uso social passam a ser pesquisadas e questionadas de forma profunda a partir de sua proposição de ver a língua em relação ao seu uso social.

Estes pontos, desenvolvidos pelos autores, são conceitos-chave para o desenvolvimento desta pesquisa, o que torna o autor uma base teórica de extrema importância. Por isso, ao utilizar a sua teoria para pensar a leitura literária como espaço de questionamento a discursos hegemônicos, parto da ideia da linguagem como uma forma de expressão e comunicação social que acontece em todos os âmbitos da vida humana.

Como já dito, a teoria bakhtiniana, ao analisar a utilização da linguagem pelos seres humanos, traz como ponto estruturante para pensar a linguagem o seu uso social e o seu contato com o ser humano. Pois, muito embora a língua e a linguagem “já existam” quando somos introduzidos a esta sociedade é o nosso contato com esta língua e a nossa utilização desta linguagem através de enunciados e discursos que criam diversos significados possíveis para a realidade e para a linguagem com o qual estamos tratando, ou seja

“Só o contato do significado linguístico com a realidade concreta, só o contato da língua com a realidade, contato que se dá no enunciado, gera a centelha da expressão; esta não existe nem no sistema da língua nem na realidade objetiva existente fora de nós” (BAKHTIN, 2016, p.51)

Sendo assim, a linguagem ganha sua importância social de expressão e comunicação a partir do seu uso por diferentes indivíduos, que a empregam de acordo com a sua realidade, o seu contexto social e as suas intencionalidades.

A língua está intimamente ligada à “questão de como o sujeito lida com a alteridade do mundo exterior” (BAKHTIN, 2017, p.13). Portanto, o emprego da língua e o uso da linguagem

acontecem a partir de enunciados que refletem a esfera⁷ em que aquele discurso foi criado, o que inclui a refração das influências socioeconômicas, ideológicas, aspectos semióticos e até às especificidades e finalidades das pessoas que o estão construindo. Justamente por isso, a linguagem pode ser entendida como uma construção social.

Portanto, nós, sujeitos, ao produzir significado à língua a partir de nossa realidade e de nossas vivências, criamos enunciados nos quais nos expressamos e também adaptamos o nosso discurso - seja ele oral ou escrito - às esferas discursivas nas quais nos encontramos ou aos quais se destinam. A língua, então, ao mediar as comunicações entre pessoas, é utilizada de forma a posicionar socialmente, politicamente e culturalmente o falante.

A esfera, ou campo, se torna então - dentro da teoria bakhtiniana - “a caracterização do enunciado e dos seus tipos estáveis, os gêneros, no que diz respeito ao seu tema, à sua relação com os elos precedentes (enunciados anteriores) e com os elos subseqüentes (a atitude responsiva dos co-enunciadores)” (GRILLO, 2006, p. 146). Ou seja, a esfera discursiva é a forma que cada espaço social, ou gênero do discurso, utiliza a língua para se comunicar, relacionando o objeto da fala com o estilo (recursos verbais), com a estrutura do texto e com outros discursos presentes naquela esfera.

Durante os encontros de debate literário, organizados para a realização desta pesquisa, questões como desigualdade social, exploração do trabalhador e consciência de classe estavam constantemente em pauta. Ao compreender as falas dos participantes é possível ver como cada um se posiciona em relação a estas temáticas e também à esfera à qual o seu discurso se destina, por exemplo, um dos participantes ao relacionar o comportamento de um dos personagens com o comportamento percebido por ele ao seu redor disse:

“É, o que a gente percebe hoje em dia, né, é que tem muitos que não estão numa classe tão superior, mas estão defendendo aquela classe que está, vamos dizer assim, superior ao que seria a periferia, né? Eu acho que falta um pouco de noção, né, de saber o que é o lugar, né? Por mais que eu tenha um pouquinho de privilégio, será que realmente esse pouquinho de privilégio me torna uma pessoa muito mais superior do que as outras pessoas que não têm esse privilégio, né?”

Ao compreender esta fala, as características do enunciado do sujeito, os recursos verbais utilizados, a estrutura do texto - sendo mais informal - e a posição do sujeito em relação ao objeto sendo discutido ficam extremamente claros. Ou seja, dentro desta relação entre sujeito e linguagem existe a relação entre sujeito e objeto do discurso, sujeito e estilo

⁷ Esfera, dentro da perspectiva bakhtiniana são os espaços nos quais a comunicação ocorre, “é um espaço de refração que condiciona a relação enunciado/objeto de sentido” (GRILLO, 2006, p.147).

utilizado e sujeito e estrutura do texto. Todos estes aspectos formam a esfera ou campo discursivo desta fala.

Deste modo, no trecho acima ele está utilizando a linguagem - e todos os aspectos ligados a ela - para expressar a sua opinião sobre o objeto do discurso, sendo esse objeto as atitudes de pessoas que acreditam ser melhores que outras por possuírem alguns pequenos privilégios sociais.

Dentro da linguagem utilizada, configurada e organizada - a partir do entendimento do que era aceitável dentro daquela esfera/campo discursivo - existe a sua opinião sobre como o entendimento de privilégios e consciência de classe mudam o posicionamento social de uma pessoa. De modo que podemos perceber também como a esfera é perpassada por aspectos ideológicos presentes em nossa sociedade.

Sendo assim, a forma como este enunciado é construído e as palavras empregadas - como classe, privilégio e periferia - mostram, de maneira subjetiva, como o sujeito, neste caso, o participante do debate, se relaciona com aquilo sobre o qual está sendo falado. Estas palavras conversam diretamente com a ideologia do sujeito, e isto molda a sua compreensão do objeto discutido.

Neste trecho, as palavras utilizadas pelo participante constituem sentidos específicos que conversam diretamente com a sua leitura de mundo. Por exemplo, ao invés de utilizar termos como “classe a,b,c...”, comuns em pesquisas do IBGE, ele opta por utilizar o termo “*classe superior*” comum em discursos que colocam a luta trabalhista em destaque; para se referir ao acesso a bens e serviços essenciais através do dinheiro ele utiliza o termo “*privilégio*” e para falar sobre espaços politicamente e economicamente desassistidos ele utiliza o termo “*periferia*”.

Deste modo, fica claro como o participante discorda das formas como o acúmulo de capital leva a divisão social de classes e ao acesso a bens e serviços de maneira desigual - gerando privilégios - e também fica claro como o participante encontra no debate literário proposto uma esfera propícia para expor suas opiniões (tanto que utiliza constantemente o termo “né” como forma de confirmação do seu discurso, convidando os outros sujeitos do debate a corroborar com a sua fala) e para a utilização dos termos exemplificados no parágrafo anterior. Termos que o colocam claramente em conversa com uma ideologia que entende a sociedade através das relações de trabalho, que se posiciona a favor da construção

social mais equalitária, com mais direitos aqueles que necessitam e menos privilégios aqueles que acumulam capital.

O termo “*classe superior*” utilizado pelo participante, assim como outras palavras utilizadas por ele, não são neutros, e ajudam a desenvolver o argumento central de sua fala: a defesa ou não de uma classe burguesa pelas pessoas que não fazem parte dela. Assim, ele questiona o comportamento de defesa desses privilégios por muitos “*que não estão numa classe tão superior*”. Ele questiona as classes sociais e o acúmulo de capital que mantém o que ele coloca como “*privilégios*”.

Deste modo, durante a sua fala, o participante construiu uma relação entre si e o objeto do discurso, uma relação não neutra, que pode ser compreendida através das palavras utilizadas e dos sentidos que elas constituem.

Ou seja, a relação parcial entre sujeito e objeto vai sendo construída de acordo com o discurso do sujeito, no qual o mesmo expõe se concorda ou se discorda deste objeto do qual está falando. É uma “relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado [...] o elemento expressivo tem significado vário e grau vário de força, mas ele existe em toda parte: um enunciado absolutamente neutro é impossível.” (BAKHTIN, 2016, p.47).

Então, ao expormos nossa opinião em relação ao objeto, também estamos expondo como nos posicionamos politicamente em relação a este, o que nos possibilita dizer que a linguagem é também utilizada para expor a posição social, política e cultural do falante. Sendo assim, existe uma relação entre sujeito — que possui suas opiniões e vivências —, linguagem e objeto do discurso.

Ao expressar - através da linguagem - a sua relação valorativa⁸ com o conteúdo do discurso, o indivíduo também expressa a sua relação com a linguagem, com os discursos que o perpassam e com a sociedade de um modo geral.

Por isso, a neutralidade discursiva se torna impossível de ser alcançada. Um discurso criado reflete as opiniões do falante sobre o objeto do discurso, que se relaciona com diversos outros aspectos sociais. Como podemos compreender a partir do trecho abaixo

⁸ Dentro do pensamento bakhtiniano todo enunciado carrega uma posição valorativa do falante em relação ao objeto do discurso e em relação ao falante do discurso. Em “Para uma filosofia do ato responsável” Bakhtin explica isso como “Um valor igual a si mesmo, reconhecido como universalmente válido, não existe, pois sua validade é reconhecida e condicionada não pelo conteúdo tomado abstratamente, mas pela sua correlação com o lugar singular daquele que participa, determina e reconhece” (PONZIO et al., 2010, p.16)

“Participante A: É, eu acho que ali os “Homens de Papel”, eu assim estava tendo uma expectativa, sabe? Porque, tipo, eu estava lendo ali, eu pensei, nossa, no final vai dar tudo certo, eles vão ganhar força, eles vão conseguir derrubar esse homem que só está escravizando eles, vai ficar um final feliz. Eu estava, tipo, com uma expectativa enorme. E aí eu fui chegando no final, eu fiquei, meu Deus do céu, o que está acontecendo aqui?”

Participante B: Sim, sim, vai se frustrando, porque parece que em alguns momentos vai ter algum indício, tipo, ah, vai acontecer alguma coisa boa aqui com eles. Não acontece. [...] Ainda que, se for olhar, é muito, é, a gente pode pensar muito no contexto assim da vida, né? Porque a gente entende que esse cenário - ou pelo menos alguma parcela dos trabalhadores aí entendem - que esse cenário é precarizado, que é ruim. Aí, enfim, entendem, compartilham desse sentimento, mas ainda assim não, e não é, tipo, ah, que não querem ou não conseguem, mas eu acho que o cenário não possibilita que você, enfim, se organize pra fazer algo assim. É... Aí pensando nisso, conforme eu ia lendo o “Homens de Papel”, eu fiquei lembrando de uma coisa assim, de uma coisa que aconteceu recentemente, que foi, por exemplo, a questão da greve dos professores, né? Que teve ano passado. E daí, beleza, nós nos unimos por uma causa, enfim, mas isso coloca em risco a permanência, a nossa permanência, o nosso emprego, né? Então a gente meio que é levado a se desunir e se desmobilizar pelo contexto, assim. E me parece que é isso também, né? O contexto que não possibilita que a pessoa se organize. No “Homens de papel”.”

Como podemos perceber, o objeto do discurso de ambos os participantes é o texto teatral “Homens de Papel” de Plínio Marcos, o qual foi indicado para leitura durante os encontros. Muito embora ambos estejam se posicionando em relação à história contada, ao nos atentarmos aos seus discursos, podemos perceber não só a sua opinião sobre o desfecho da própria história, mas também suas esperanças e anseios na vida material.

O participante A anseia pela união dos personagens ele diz “eles vão ganhar força, eles vão conseguir derrubar esse homem que só está escravizando eles” se referindo aos catadores. O termo “ganhar força” se refere a essa união esperada pelo participante; ele torce por uma revolução dos catadores em relação aos que o oprimem e exploram a sua mão de obra.

O participante B concorda, e utiliza o termo “frustração” ao perceber que a união e luta dos catadores contra o seu opressor não irá acontecer, nos revelando uma reação sentimental à história sendo contada. Ou seja, as relações construídas entre leitores e texto

durante a leitura literária se mostram relações emocionais, que os leva a ter desejos e aspirações em relação ao desenrolar da história, mas também em relação às suas vidas materiais.

Esta relação entre o texto e a sua vida material fica clara quando o participante B relaciona a união e a desunião dos catadores de papel com os processos de união e desunião dos professores durante a greve de 2024. Compreendendo que assim como os catadores, eles tentaram se unir, mas a greve colocava “*em risco a permanência, a nossa permanência, o nosso emprego*”. Chegando a conclusão que assim como em homens de papel, durante a greve dos professores “*O contexto que não possibilita que a pessoa se organize*”.

Neste trecho é possível compreender como os participantes fazem relações entre os dramas e opressões sofridos pelos personagens e as suas próprias vivências e opressões. Eles, ao se posicionarem a favor dos catadores de papel - personagens centrais da história - , ao tomarem o seu lado e ao sentirem-se incomodados com suas injustiças, passam a torcer para que eles se unam para lutar contra as opressões que vivem, assim como torcem para a sua própria emancipação em relação às opressões que sofrem em seus locais de trabalho.

Porém, ao serem frustrados com o desenrolar da história, também conseguem fazer um paralelo com suas próprias vivências, chegando a dizer que, como trabalhadores, “*entendem, compartilham desse sentimento*” e percebem como “*o cenário não possibilita que você, enfim, se organize pra fazer algo assim*”. Ou seja, existe uma relação de identificação com as lutas dos catadores de papel da história, seus embates e dificuldades enfrentadas.

Além disso, não só a empatia com os personagens centrais da história, como também a forma como eles esperam que eles superem as adversidades mostram bem o posicionamento dos participantes. Eles poderiam não tomar o lado dos catadores, ou então poderiam torcer para que eles saíssem da situação de opressão, cada um a seu modo. Mas não, eles expõem a sua expectativa de união da classe; isso demonstra uma determinada visão de mundo, um determinado posicionamento. A relação aqui não é somente entre os participantes e o texto sendo discutido, mas também entre os participantes e suas vivências, ideologias e expectativas.

A partir disto é possível entender que existe uma ligação entre enunciado e o objeto discutido no discurso e também uma ligação do discurso sendo produzido e as vivências e os enunciados anteriores que perpassaram o falante. Estas ligações podem ser mais ou menos visíveis à depender da forma como o discurso é produzido, porém as mesmas estão sempre lá,

pois “A relação com os enunciados dos outros não pode ser separada da relação com o objeto [...] nem da relação com o próprio falante. Trata-se de uma tríade viva” (BAKHTIN, 2016, p. 99)

Isso se dá pois nos relacionamos com a linguagem de forma ativa, seja como ouvinte seja como falante, ao produzir um discurso expomos nossas opiniões sobre questões e discursos que nos perpassam socialmente, e ao ouvir um discurso nós o compreendemos e estabelecemos uma posição ativa em relação ao mesmo,

“O ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele [...] essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante” (BAKHTIN, 2016, p.25)

Então, a relação entre o ouvinte e o discurso, com o qual o mesmo teve contato, é de início dialógica e responsiva. Ao entrar em contato com o discurso sendo produzido, o ouvinte já possui ideias e opiniões próprias, possui uma vivência material, uma opinião formada ou não sobre o objeto do discurso, e tudo isso permite criar um outro discurso, que conversa com o discurso que está ouvindo e também com as opiniões e vivências do ouvinte.

Por isso, todo o contato com um discurso, seja ele escrito ou oral, é por essência algo ativo, e a ideia de “compreensão passiva do significado do discurso ouvido é apenas um momento abstrato da compreensão ativamente responsiva real e plena” (BAKHTIN, 2016, p.25). Como podemos compreender a partir da fala de um dos participantes, transcrito abaixo:

“O legal é que eu estava lendo “Dor de Dono”, né? E eu estava muito refletindo sobre o meu trabalho, né? Porque parecia que estava fazendo muito sentido com o que eu trabalho, né? E eu sempre ouço no meu trabalho que a gente tem que vestir a camisa da empresa, sabe? E essa coisa de “Dor de Dono” praticamente é uma coisa assim, né? Vestir a camisa da empresa, porque vocês são a empresa, né? Também ouço no meu trabalho assim, ah, se a maré sobe, todo mundo sobe, né? Em questão de dinheiro, essas coisas, né? A gente está trabalhando, mas será que a gente sobe no mesmo nível que o chefe sobe em questão financeira, né? Então, ali eu fiquei pensando, né? Porque fazia muito sentido com o que eu vivencio no meu dia a dia, né?”

Desde o início da resposta deste participante, podemos ver a raiz responsiva do discurso. Em sua primeira linha, ele expõe como estava lendo e refletindo ao mesmo tempo, assim criando uma ligação entre aquilo que estava sendo lido e sua realidade, chegando a

dizer que o trecho lido “*parecia que estava fazendo muito sentido com o que eu trabalho*”, criando uma clara relação entre a sua vivência pessoal e o texto sendo discutido.

A sua fala durante o debate expõe a sua responsividade aos discursos construídos em seu local de trabalho, aos discursos presentes no conto “Dor de Dono” de José Falero e aos discursos com os quais convive em outros ambientes. Estes pensamentos, ou até opiniões, sobre aquilo que o participante vivencia já existiam antes de seu contato com o conto, e talvez até mesmo antes ou durante seu contato com os discursos de sua chefe, porém sem espaço real para expressão de seu posicionamento.

Portanto, o participante neste momento não se apresenta neutro em relação aos discursos que o perpassam, ele deixa claro durante a sua fala o questionamento aos discursos em favor da produção exaustiva que são produzidos e reproduzidos em seu local de trabalho dizendo “*mas será que a gente sobe no mesmo nível que o chefe*”. O participante então se mostra parte ativa dos discursos que o perpassam; talvez chegando à estes questionamentos após o seu encontro com o texto literário ou com os outros discursos construídos no debate, talvez sempre tendo estes questionamentos e optando pela melhor esfera/campo para expor a sua resposta.

De toda forma, ele utilizou estes discursos que o perpassaram para se posicionar durante o debate. Ou seja, ele não só não era parte passiva dentro da comunicação a qual estava sendo estabelecida, como também se apropriou destes discursos - que o perpassavam em seu dia a dia - para criar o seu próprio discurso a partir de seu posicionamento e de sua realidade. O participante faz referência aos discursos produtivistas de seu local de trabalho em sua fala, citando “*Também ouço no meu trabalho assim, ah, se a maré sobe, todo mundo sobe*” ou “*eu sempre ouço no meu trabalho que a gente tem que vestir a camisa da empresa*” e a partir deles constroi o seu posicionamento e a sua resposta a essa realidade e a esses discursos que procuram promover a produção e exploração no local de trabalho.

A partir deste entendimento - da raiz responsiva que todo discurso carrega -, fica claro como cada discurso é, em algum grau, a resposta a um discurso anterior, e este discurso anterior aparece no novo discurso produzido. Ao entrar em contato com um discurso, automaticamente respondemos a ele, utilizando e internalizando alguns aspectos deste discurso.

As nossas falas são nossas, mas também são alheias; elas são produtos daquilo que pensamos em contato com os discursos presentes em nossa realidade material e também são um reflexo e refração destes. Observemos, por exemplo, o discurso proferido por um dos participantes:

“Eu acho que tem uma frase lá no final do texto que ele diz muito sobre a nossa realidade de hoje. Que é a frase que diz assim “nunca houve um país unido de verdade”. E é uma verdade que, trazendo para a nossa realidade, faz totalmente sentido. A gente nunca foi um país unido e eu acredito que nunca vai ser um país unido, né? Por que existe essa falta de noção da consciência de classe, né? E, trazendo para a realidade, eu fico me perguntando, vamos supor, né? No meu trabalho, será que o meu chefe, ele gostaria que eu tivesse as mesmas condições financeiras que ele tem? (pausa) Será que ele gostaria que eu também tivesse os privilégios que ele também tem?”

Aqui, o participante cita explicitamente o discurso de outrem; as palavras do outro se tornaram essenciais para o seu próprio discurso. Ele utiliza o trecho *“nunca existiu um país unido de verdade”* para expor a sua opinião, para concordar com aquilo que o autor — José Falero — disse.

As palavras alheias, porém, não entram como cópia ou simples citação; entram como complemento à sua própria vivência; o que fica bem explícito no trecho em que o participante fala *“E é uma verdade que, trazendo para a nossa realidade, faz totalmente sentido”*. A referência, o eco do discurso de outro presente em seu próprio discurso não o torna mais ou menos válido. Porém, nos mostra um pouco de suas raízes, nos mostra um pouco de como esta realidade, esta vivência, esta leitura de mundo, é de certa forma compartilhada e criada a partir de vários outros discursos, de outras vivências e de outras leituras de mundo que se aproximam ou se afastam da sua própria.

Por isso, Bakhtin afirma que “as palavras podem entrar no nosso discurso a partir de enunciados individuais alheios, mantendo em menor ou maior grau os tons e ecos desses enunciados individuais” (BAKHTIN, 2016, p.53), tornando o nosso discurso um emaranhado de entrelaces de discursos anteriores, uma cadeia de fios que se perpassam de diversas formas, às vezes mais, às vezes menos evidente.

Isto nada mais é do que um reflexo da nossa relação com a linguagem durante a nossa vida, como posto no início deste capítulo, quando somos apresentados à linguagem em nossa

sociedade esta linguagem já existia antes de nós, assim como vai continuar existindo depois de nós, portanto o nosso contato com a linguagem foi de princípio a partir de discursos alheios aos quais reproduzimos e respondemos, tornando claro como:

“todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa mas também de alguns enunciados antecedentes - dos seus e alheios - com os quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações” (BAKHTIN, 2016, p.26)

E assim como respondemos a enunciados e discursos, os nossos enunciados e discursos também são respondidos, tornando-se uma cadeia infinita de vozes que ora se sobrepõem, ora se contradizem, ora concordam, ora discordam entre si.

Durante os encontros de debates literários, foi possível compreender como os discursos se sobrepõem, concordam e discordam entre si, quando novas significações e temas⁹ eram pensados para determinados trechos das literaturas; era possível ver e ouvir discursos que perpassam a nossa sociedade, assim como era possível materializar o papel ativo dos ouvintes e a sua concordância e discordância a partir de comentário como “nossa nunca tinha pensado por esse ângulo” ou “agora que você falou eu pensei que...”.

Isso nos mostra também como o fim de um discurso se torna o início de um outro e toda fala que produzimos é, de algum modo, um reflexo das anteriores, e se tornará um reflexo das próximas, portanto todo enunciado nosso tem “um princípio absoluto e um fim absoluto: antes de seu início, os enunciados de outros; depois de seu término, os enunciados responsivos dos outros” (BAKHTIN, 2016, p.29)

Então, quando refletimos sobre a relação linguagem, discurso e seres humanos, trazidas por Bakhtin e por seu círculo, percebemos como os próprios enunciados carregam relações *dentro* de si, na qual é possível observar os diferentes sentidos dados à estes e aqueles signos empregados na construção daquele enunciado em um discursos, porém os enunciados também carregam relações *entre* si, entre os diversos discursos que perpassa o falante. Essas relações “de sentido entre os diferentes enunciados assumem índole dialógica” (BAKHTIN, 2016, p.88) estão diretamente relacionadas a raiz responsiva de todo enunciado e

⁹ Para Bakhtin a “significação é um estágio inferior da capacidade de significar, e o tema, um estágio superior da mesma capacidade. A significação existe como capacidade potencial de construir sentidos, própria dos signos linguísticos e das formas gramaticais da língua. [...] Já o tema é indissociável da enunciação, pois assim como está é uma expressão histórica concreta” (CEREJA, 2007, p.203)

discurso, seja ele escrito ou verbal, e esta pode ser compreendida a partir de um olhar atento às possíveis intertextualidades de cada discurso sendo produzido.

Esta relação entre enunciados proposta por Bakhtin nos mostra como ao usar socialmente a língua, ao criar discursos e enunciados, nós nos posicionamos acerca daquilo que nos perpassa socialmente, pois se o nosso enunciado é a nossa resposta a enunciados anteriores e se “Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” (BAKHTIN, 2016, p.26), ao nos expressarmos linguisticamente estamos nos posicionando socialmente e politicamente sobre o que observamos, lemos e ouvimos no mundo, estamos nos relacionando com enunciados anteriores a partir de nossa concordância e discordância sobre eles.

Sendo assim, as palavras que utilizamos refletem também nossas posições sociais. Muito embora cada palavra possua uma raiz significativa que faz com que haja a sua compreensão dentro da língua utilizada, esta raiz significativa não demonstra nenhuma posição social ou ideológica. Nós, falantes, ao utilizá-la, lhe acrescentamos significações, temas, valores e ideologias capazes de nos posicionar socialmente.

Ou seja, as palavras - como unidade da língua - são neutras; elas “não são de ninguém, em si mesmas nada valorizam, mas podem abastecer qualquer falante e os juízos de valor mais diversos e diametralmente opostos dos falantes” (BAKHTIN, 2016, p.48), criando assim diversas possibilidades linguísticas dentro de si. Essas palavras, porém, ganham vida ideológica ao serem utilizadas por diferentes pessoas em diferentes campos/esferas da sociedade.

O aspecto da neutralidade da palavra é extremamente importante dentro do pensamento bakhtiniano pois propõe um entendimento sobre material ideológico e sobre a criação de signos ideológicos. Em ‘Marxismo e Filosofia da linguagem’ Volochinov aprofunda esta relação ao apontar que muito embora a palavra seja neutra em relação às diferentes possibilidades e funções ideológicas, cada campo/esfera organiza seus próprios signos que expressam ideais da materialidade ideológica que os cerca. E, ao utilizarem a palavra para se comunicar, a preenchem de seus valores e ideologias.

Desta forma os signos ideológicos e suas formas materiais não são substituídos pelas palavras, mas encontram nela um meio de circulação e comunicação. Nas palavras de Volochinov: “A palavra não é apenas o mais representativo e puro dos signos, mas também é um signo neutro [...] a realidade da palavra, como a de qualquer outro signo, está localizada entre os indivíduos e é produzida por meio do organismo individual” (VOLOCHINOV, 2017, p. 99-100).

A palavra é o que cria a comunicação em nosso dia a dia, e a mesma é utilizada pelas pessoas de acordo com suas crenças, posições, ideologias — de acordo com cada esfera/campo ao qual pertencem e se encontram. Ou seja, o falante, a partir de sua relação dialógica e responsiva com outros discursos, cria valores para aquilo que está sendo dito e para as palavras que utiliza.

Vejamos por exemplo o pensamento exposto pelos dos participantes durante o debate

“Participante A: E aí, eu fiquei pensando, por que “Homens de Papel”, né? E aí, relacionando com outro texto que diz que o país é dividido em dois, a gente pode dizer que os pobres, eles ali, que são os homens de papel, que são os catadores, eles são considerados homens de papel, porque pra classe que é superior, considera essas pessoas como pessoas descartáveis, né?”

Participante B: Nossa, eu não tinha pensado nunca, nunca tinha parado pra olhar o título com essa atenção, assim. Realmente não é “Homens do papel”, né? É de papel; coloca neles essa característica, nossa, realmente.”

A discussão aqui entre os participantes é sobre as preposições “do” e “de”; essas palavras sozinhas pouco expõem algum tipo de ideologia, opinião ou valor. Porém, ao perceberem a diferença que estas duas letras faziam no título do texto, os participantes debatem muito mais do que uma simples troca de letras ou uma simples sonoridade da frase.

Aqui eles percebem como esta pequena palavra de duas letras - “de” - consegue mudar totalmente o entendimento daquela frase, consegue expor as injustiças vividas pelos personagens do texto. Ou seja, a diferença entre “homens de papel” e “homens do papel” existe muito além da simples troca de uma letra ou de uma palavra; esta diferença cria o entendimento da própria valoração social que aquele grupo de catadores de papel vivenciava durante toda a história contada.

Aqui, os participantes criaram, além de uma nova significação para a frase “homens de papel”; eles utilizaram suas vivências da situação histórica concreta que perpassa tanto a história quanto as suas vidas - neste caso, as consequências da ideologia capitalista neoliberal de validar toda forma de vida a partir de sua capacidade de produzir lucro - para entender e reelaborar o tema desta frase.

Neste trecho fica clara a distinção entre tema e significação proposta pela teoria bakhtiniana, em que a significação é a capacidade de produzir diferentes sentidos, mas que é

razoavelmente constante independentemente das questões históricas concretas. Enquanto o tema é indissociável da relação histórica que o perpassa, a sua construção tem por parte essencial os “elementos extraverbaes que integram a situação de produção, de recepção e de circulação” (CEREJA, 2007, p. 202)

Deste modo, enquanto a significação é estável e “se compõe das significações de todas as palavras que fazem parte dela” (CEREJA, 2007, p. 202), o tema é mutável e intrinsecamente ligado ao concreto e ao histórico que perpassam. Enquanto como significação o título “Homens de papel” poderia ter em significação qualquer sentido produzido pela junção destas 3 palavras, como por exemplo homens feitos literalmente de papel, através de dobraduras ou recortes, o tema encontrado pelos participantes no título “Homens de papel” reflete necessariamente um contexto sócio-histórico que perpassa os participantes e a história do texto.

O próprio tema proposto pelos participantes do debate cria novos temas para o título da obra, cria o entendimento de que os homens não são somente “do papel” - no sentido de que um pertence ao outro visto que esta era sua forma de sobrevivência - e nem são literalmente de papel - como se fossem dobraduras ou recortes - eles são “de papel” em sentido figurado, pois são tratados durante toda a história da mesma forma como socialmente tratamos um pedaço de papel, amassados, jogados fora e descartados de acordo com a necessidade e vontade de outros. Estas palavras, se utilizadas separadas e em outra conjuntura, poderiam ter outros significados e outros temas, porém este foi o significado dado nesta situação.

Então as palavras - por serem utilizadas por diferentes pessoas em diferentes contextos - passam a ser utilizadas com significados ideológicos¹⁰ diferentes, segundo Volochinov: “O signo é criado por uma função ideológica específica e é inseparável dela. Já a palavra é neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Ela pode assumir qualquer função ideológica: científica, estética, moral, religiosa.” (Volóchinov, 2017, p. 99). Ou seja, as palavras refletem algo de nossa consciência interior.

Portanto, a nossa relação com as palavras, assim como a nossa relação com os discursos, se dá a partir de nossas vivências e posicionamentos sociais e políticos; ao

¹⁰ O conceito de ideologia usado durante este trabalho é o conceito bakhtiniano, que vê a ideologia como algo dual existindo a ideologia oficial - que é relativamente dominante e que procura se impor de maneira única e monofônica - e a ideologia do cotidiano - considerada aquela construída nos encontros cotidianos de produção e reprodução da vida sendo está dialógica e heterogênea.

entrarmos em contato com elas, imbuímos um sentido específico e as utilizamos colocando-as em determinados espectros sociais. O significado presente nela a partir deste contato passa a ir além da sua raiz significativa, pois a “palavra, que sempre quer ser *ouvida*, sempre procura uma compreensão responsiva e não se detém na compreensão *imediate*, mas abre caminho sempre mais e mais à frente” (BAKHTIN, 2016, p.105).

Este processo de criação de significados para as palavras pode fazer com que a palavra represente uma realidade valorativa, um conjunto de ideias e ideologias, algo para além de sua forma e função materiais na sociedade. Quando isso acontece, esta palavra se torna um signo, capaz de guardar em si não somente um significado neutro, mas principalmente um significado ideológico: “o signo é criado por uma função ideológica específica e é inseparável dela. Já a palavra é neutra em relação a qualquer função ideológica específica” (VOIÓCHINOV, 2017, p.99)

Ou seja, o signo carrega em si naturalmente um valor ideológico o qual lhe foi imposto socialmente e o mesmo se apoia na palavra como forma de existência. Um martelo e uma foice, por exemplo, em sua natureza lexicográfica são representações escritas de ferramentas utilizadas por trabalhadores; em sua natureza material são as ferramentas utilizadas diariamente por trabalhadores do campo, porém, ao colocar estas duas palavras ou imagens juntas, elas refletem um sentido ideológico, uma forma de olhar o mundo que coloca o aspecto das relações trabalhistas em destaque¹¹.

Dessa forma, o signo é uma construção humana, assim como a linguagem, porém ele coloca à luz aspectos ideológicos da realidade que nos cerca, ele representa algo para além da materialidade física do objeto e para além da grafia da palavra, ele

“representa (e organiza) a realidade (sínica e não sínica) a partir de um determinado ponto de vista valorativo, segundo uma determinada posição, por meio de um contexto situacional dado, por determinados parâmetros de valoração, determinado plano de ação e uma determinada perspectiva na práxis.” (PONZIO, 2008, p.109)

Ou seja, o signo é ideológico e passa a ser ideológico ao ter uma significação dada socialmente. Nós, falantes, ao utilizarmos um signo de forma irônica ou séria, a partir da concordância ou da discordância, tornamos possível a percepção de nossa posição frente àquela ideologia; o signo passa a refletir não somente o significado ideológico dele, mas

¹¹ Exemplo retratado no livro “Marxismo e a Filosofia da Linguagem” de Bakhtin. 2006 12ª Edição da editora HUCITEC. Exemplo retratado na página 30 desta tradução

também o seu oposto, tudo aquilo que é plausível ser compreendido a partir de sua discordância.

Em outros termos, o “produto ideológico é não apenas uma parte da realidade natural e social [...] mas também ao contrário desse fenômeno, reflete e refrata outra realidade que se encontra fora dos seus limites” (VOIÓCHINOV, 2017, p.91). Aquilo que ele irá refletir pode então ter significados distintos a depender da forma como é utilizado; a sua significação depende da forma como o falante lida com a ideologia que este representa.

Ao juntar estas palavras e signos, criamos então discursos que não são em nenhum momento neutros; as nossas escolhas lexicais e sógnicas organizadas de determinada forma produzem um efeito de concordância, de discordância, de humor, de ironia em relação ao objeto, expondo nossas posições sociais, culturais e políticas e expondo também as nossas vivências e os diversos discursos os quais nos atravessam socialmente.

Esta não neutralidade do discurso nos mostra como “Na palavra se realizam os inúmeros fios ideológicos que penetram todas as áreas da comunicação social” (VOIÓCHINOV, 2017, p.106), ou seja, o discurso, a palavra signica, e por fim a própria linguagem, são sempre ideológicos, variando conforme a ideologia do próprio falante, e a depender da ideologia deste, o discurso e o signo podem enfrentar recepções sociais diferentes.

Ou seja, a ideologia - que para a teoria bakhtiniana é “todo conjunto dos reflexos e das interpretações da realidade social e natural que tem lugar no cérebro do homem e se expressa por meio de palavras [...] ou outras formas sógnicas (MIOTELLO, 2007, p.169 APUD Volochinov) e que se constroem a partir da relação entre idéias instáveis e estáveis presentes em nossa sociedade - tem no pensamento bakhtiniano extrema importância, pois é a dialética, o embate entre a ideologia oficial e a não oficial que formam o contexto ideológico de uma certa época, de uma certa esfera ou de um determinado período histórico.

Portanto, dentro do pensamento bakhtiniano, a ideologia não é algo estático; ela vive e se transforma diante do contexto sócio-histórico em que vive e diante da dialética intrínseca entre ideologia oficial e não oficial presente em nossas sociedades. Durante os encontros de debate literário ficou claro como diferentes ideologias se constroem e se questionam a partir de encontros discursivos, por exemplo quando um dos participantes relatou:

“...esse discurso de meta e dessas coisas que a gente tava falando na semana passada, né? De, enfim, se você trabalhar bem, a empresa vai bem e o sucesso da empresa é um sucesso pessoal também. E daí, parece que isso coloca esse lugar de empreendedor, que mesmo que a

“pessoa trabalhe, meio que parece que é um discurso de empreendedorismo, assim, né? E como esse discurso funciona muito bem pra causar essa confusão, né? Porque eu tenho acesso a algumas coisas que são o meu trabalho, que me dão acesso a isso, e, enfim, eu me entendo em outro local de classe. E daí, realmente, se eu parar de trabalhar, essas coisas deixam de existir, né? Então, mas esse discurso de empreendedorismo, de desenvolvimento, de performance, meio que confunde isso...”

Aqui podemos ver a oposição de duas ideologias dentro do discurso de um único participante; este reflete como a ideologia oficial presente em seu dia a dia tenta se impor de maneira única e tenta, como posto pelo participante, “causar confusão” naqueles que a aderem. Porém, vemos também o questionamento a esta ideologia oficial; vemos a ideologia do participante, criada a partir de suas experiências e do seu cotidiano, confrontar esta ideologia oficial, questionando assim a sua dominação e as consequências da sua imposição social.

Em outro momento, o mesmo participante fez o seguinte relato:

“De um modo geral, assim, é justamente essa questão de confusão de classe, assim. Não confusão de classe, mas, justamente, entender a consciência de classe, entender onde você está, assim. Não necessariamente na minha realidade, mas no contexto do cenário, do contexto do país, assim. Dessa questão de uma melhora, uma ascensão, que leva a entender que você está em outro lugar, em outra classe, que não é aquela, né? E é um discurso muito recorrente. Hoje em dia a gente vê uma classe popular defendendo algumas ideias que são meio que conflitantes, assim, né? Que são meio que, tipo, a barata votando no chinelo, nesse sentido, assim.”

Aqui novamente vemos o confronto entre duas ideologias, se por um lado o participante entende que a ideologia oficial existe, e que esta ideologia convence trabalhadores a defenderem aqueles que exploram a sua força de trabalho. Isto pode ser compreendido principalmente no enunciado “uma classe popular defendendo algumas ideias que são meio que conflitantes, assim, né? Que são meio que, tipo, a barata votando no chinelo” no qual o participante compara a letalidade de um chinelo para uma barata a letalidade da ideologia oficial aos trabalhadores.

Por outro lado, a sua própria opinião sobre a ideologia oficial nos mostra a construção de uma ideologia cotidiana, não oficial, que lhe permite vivenciar e entender as relações de

classe a partir de uma outra perspectiva. Esta ideologia não oficial a permite, segundo o participante, “*entender a consciência de classe, entender onde você está*” e assim construir questionamentos à ideologia oficial de acordo com as suas próprias experiências.

Desta forma posso entender que a ideologia oficial e não oficial coexistem em um mesmo espaço-tempo, porém a forma como as mesmas se afirmam e se comportam socialmente, e a forma como nós reagimos a elas, são completamente diferentes, segundo Miotello

“A ideologia oficial é entendida como relativamente dominante, procurando implantar uma única concepção de mundo. A ideologia do cotidiano é considerada como a que brota e é construída nos encontros casuais e fortuitos, no lugar dos nascedouros dos sistemas de referência, na proximidade social com as condições de produção e reprodução da vida” (Miotello, 2007, p.169).

Sendo assim, a ideologia é algo dialético, construído socialmente a partir dos embates presentes em nossa sociedade, e, portanto, só pode ser entendida em sua totalidade quando percebida em relação à sociedade. A formação ideológica e a linguagem se conectam, pois ambas acontecem a partir das relações sociais e uma acontece a partir da outra.

Nós então reagimos de maneiras diferentes a diferentes discursos, pois diferentes discursos trazem diferentes valores sociais, políticos e culturais. Esses valores são recebidos e aceitos por nós, ouvintes ou falantes, e pela sociedade de diferentes formas, pois os discursos e as ideologias presentes nestes carregam a validade, o poder e o prestígio social dos grupos que representam, ou seja:

“Em cada época, em cada círculo social, em cada micromundo familiar, de amigos e conhecidos, de colegas, em que o homem cresce e vive, sempre existem enunciados investidos de autoridade que dão o tom, como obras de arte, ciência, jornalismo político, nas quais as pessoas se baseiam, as quais elas citam, imitam, seguem” (BAKHTIN, 2016, p.54)

Isso quer dizer também que diferentes manifestações discursivas possuem maior ou menor aceitação social a depender dos ideais e ideologias que estão expondo e a depender das ideias e ideologias que de alguma forma dominam aquele campo/esfera social.

Quando relacionamos este entendimento bakhtiniano - das formas como indivíduo, sociedade e discurso se relacionam - com o entendimento marxista - da utilização da

estrutura¹² e da superestrutura¹³ como forma de dominação social - percebemos como esta dominação discursiva reflete também uma dominação material existente em nossa sociedade.

Em outras palavras, ao estudar as teorias aqui expostas, concluo que a dominação ideológica discursiva reflete uma dominação estrutural da superestrutura sobre as bases, que utiliza sua dominação material para difundir seus ideais e suas ideologias através dos discursos que propagam.

Quando olhamos então para a problemática “entre a base e as superestruturas [...] pode ser, em grande parte, compreendido justamente no material da palavra” (VOLÓCHINOV, 2017, p.106) pois ao olhar para o material da palavra e as suas possíveis significações, podemos perceber os diferentes embates discursivos, entre os discursos com valores impostos pela superestrutura, pela classe dominante¹⁴, e os discursos que questionam e procuram trazer narrativas que contradizem estes valores.

A linguagem - e os discursos produzidos a partir dela - se tornam então um campo de embates ideológicos, no qual discursos com valores que condizem com os valores das classes dominantes são impostos pela superestrutura a partir de seus mecanismos e aparelhos de dominação cultural e social, procurando assim criar um discurso hegemônico e único, o qual reproduz a ideologia oficial e o qual será reproduzido e eventualmente cada vez mais aceito socialmente. Sendo assim:

“A língua única não é dada, mas, em essência, estabelecida em cada momento da sua vida, ela se opõe ao discurso diversificado. Porém, simultaneamente ela é real enquanto força que supera este plurilinguismo, opondo-lhe certas barreiras, assegurando um certo máximo de compreensão mútua e centralizando-se na unidade real, embora relativa, da linguagem falada (habitual) e da literária “correta”.” (BAKHTIN, 2002, p.81)

¹² Segundo o livro “Um Toque de Clássicos: MARX, DURKHEIM e WEBER” de Tania Quinteiro; Maria Lígia de Oliveira Barbosa e Márcia Gardênia Monteiro de Oliveira; Estrutura pode ser definido como “O conjunto de forças e das relações sociais de uma sociedade forma a sua base ou estrutura que, por sua vez, é o fundamento sobre o qual se constituem as instituições políticas e sociais” (p. 34)

¹³ Segundo o livro “Um Toque de Clássicos: MARX, DURKHEIM e WEBER” de Tania Quinteiro; Maria Lígia de Oliveira Barbosa e Márcia Gardênia Monteiro de Oliveira; Superestrutura são “outra espécie de produtos que não tem forma material: as ideologias políticas, concepções religiosas, códigos morais e estéticos, sistemas legais, de ensino, de comunicação, o conhecimento filosófico e científico, representações coletivas de sentimentos, ilusões, modos de pensar e concepções de vida diversos e plasmados de um modo peculiar. A classe inteira os cria e os plasma derivando-os de suas bases materiais e das relações sociais correspondentes. Esta é a superestrutura ou supra-estrutura.” (p.35)

¹⁴ O conceito de classe dominante aqui utilizado é o conceito marxista que considera classe dominante como a classe que detém o poder material em uma sociedade e usam este poder para explorar a classe dos não possuidores deste poder material (conceito retirado do livro “Um Toque de Clássicos: MARX, DURKHEIM e WEBER” de Tania Quinteiro; Maria Lígia de Oliveira Barbosa e Márcia Gardênia Monteiro de Oliveira)

Concluo então que a manutenção do poder hegemônico passa pela superestrutura se impondo socialmente através da linguagem, e ela o faz, pois a linguagem tem grande papel na formação do pensamento humano, pois “O mundo interior e o pensamento de todo indivíduo possuem seu auditório social estável, e nesse ambiente se formam os seus argumentos interiores, motivos interiores, avaliações etc.” (VOLÓCHINOV, 2017, p.205). Trata-se de uma forma de dominação do pensamento, da imaginação e da possibilidade de questionamento, a qual a superestrutura utiliza para garantir a dominação de seus ideais e de sua ideologia.

Porém, mesmo a superestrutura tentando utilizar a linguagem de forma monofônica, como se seus ideais e ideologias fossem a única forma de se expressar linguisticamente, a raiz social da língua não permite esta imposição de forma totalizante. A língua, por ser utilizada por todos para se expressar, passa a refletir as diferentes realidades existentes pelos falantes desta língua, e esta realidade, esta vivência e as diferentes narrativas e discursos que ela reflete entram em um embate constante com o discurso hegemônico da superestrutura.

Bakhtin e seu círculo, ao olhar para estes embates discursivos que produzem discursos hegemônicos e não hegemônicos, nomeou este fato como forças centrípetas e centrífugas da linguagem, segundo ele existem processos históricos que procuram centralizar e unificar a língua, que tentam impor “as forças de união e de centralização concretas, ideológicas e verbais, que decorrem da relação indissolúvel com os processos de centralização sócio-política e cultural.” (BAKHTIN, 2002, p.81), esta seria a força centrípeta.

Este processo centrípeto forma uma

“língua ideologicamente saturada, como uma concepção de mundo, e até como uma opinião concreta que garante um máximo de compreensão mútua, em todas as esferas da vida ideológica. Eis por que a língua única expressa as forças de união e de centralização concretas, ideológicas e verbais, que decorrem da relação indissolúvel com os processos de centralização sócio-política e cultural.” (BAKHTIN, 2022, p.81)

Mas como estas forças centrípetas da língua atuam em uma realidade sócio-histórica que produz um plurilinguismo real e material que permite a criação de diferentes línguas e linguagens, não só foneticamente, mas também sócio-ideologicamente, este processo de descentralização da língua, este processo centrífugo, acontece naturalmente ao passo que a mesma é utilizada por diferentes grupos sociais, econômicos, de gênero etc... Nas palavras de Bakhtin

“esta estratificação e contradição reais não são apenas a estática da vida da língua, mas também a sua dinâmica: a estratificação e o plurilingüismo ampliam-se e aprofundam-se na medida em que a língua está viva e desenvolvendo-se; ao lado das forças centrípetas caminha o trabalho contínuo das forças centrífugas da língua, ao lado da centralização verbo-ideológica e da união caminham ininterruptos os processos de descentralização e desunificação.” (BAKHTIN, 2002, p.82)

Os processos centrípetos e centrífugos da língua existem mutuamente, enquanto o processo centrípeto procura estratificar a língua, os discursos produzidos a partir dela e as possíveis compreensões destes discursos, o plurilinguismo, o processo centrífugo, luta para garantir a sua sobrevivência dentro de um sistema que o desvalida e luta para que as suas leituras de mundo sejam ouvidas e respondidas.

Isto foi muito claramente materializado no discurso construído por um dos participantes do debate literário, quando disse que

É meio que essa coisa de time, pra denominar o grupo como um time. Enfim, outras denominações são dadas aos colegas que trabalham. E realmente há um incentivo a você se incorporar a um time, mas ainda assim você precisa fazer o seu. Não necessariamente encarar a tarefa ou o trabalho como algo que é feito em time, que é algo individual. E eu fico pensando que acho que o segundo texto, quer dizer, o primeiro então, que é o “Dor de Dono”, coloca a pessoa a pensar como isso, como esses discursos, assim, em torno de vestir a camisa da empresa. E que você é parte; você não é um trabalhador, você é um colaborador, o sucesso da empresa é o seu sucesso. Como isso deve, eu deduzo, não sei, contribuir muito pra administração dessa empresa, pro direcionamento. Porque, realmente, coloca a pessoa numa postura de que ela precisa colaborar pro funcionamento das coisas, porque é parte do que ela é assim.

O processo centrípeto da língua se apresenta muito bem no discurso feito pelo participante. Ele percebe como o discurso feito pela gerência da empresa serve principalmente para fazer com que os trabalhadores esgotem suas forças trabalhando o máximo todo o dia. Ao mesmo tempo que o discurso provoca-os a se unirem em um time como uma força única que trabalha em prol da empresa, este também os individualiza para “fazer o seu” ou bater as suas metas, dificultando o próprio convívio que poderia levar ao questionamento deste discurso, que poderia levar ao processo centrífugo neste espaço.

Sendo assim, dentro desta fala, feita durante o debate, o discurso produtivo de “vestir a camisa da empresa” ou de se sentir dono da empresa se torna o discurso centrípeta. Ele tenta fazer com que todos os outros discursos se aproximem e concordem com ele. Este processo não só promove a sua dominação discursiva e ideológica, como também ajuda a dominação material, pois, como posto pelo próprio participante, este processo deve *“contribuir muito pra administração dessa empresa, pro direcionamento. Porque, realmente, coloca a pessoa numa postura de que ela precisa colaborar pro funcionamento das coisas.”*

Porém, o seu próprio discurso nos mostra um exemplo material do processo centrífugo da língua; muito embora a sua fala esteja conversando com um discurso oficial, ela o está questionando e expondo as suas brechas e injustiças. Este discurso criado em um encontro cotidiano expõe justamente a produção de uma ideologia cotidiana que se cria a partir do processo centrífugo da língua. O participante, ao utilizar a língua de forma que conversasse com as suas vivências, cria um discurso contra-hegemônico e expõe a raiz opressora do discurso hegemônico e oficial.

Ou seja, enquanto o discurso hegemônico citado na fala do participante procura se impor de forma centrípeta e impedir que a força centrífuga da língua crie discursos contra-hegemônicos. O próprio discurso feito durante o debate nos mostra que a força centrífuga da língua ocorre de forma natural e cria discursos não hegemônicos e questionadores cotidianamente.

Por isso, quando olhamos para o discurso hegemônico, percebemos então como cada enunciado que procura validar este discurso, que tenta se impor de forma monológica, procura também esconder ou desvalidar os discursos periféricos produzidos pelos grupos não dominantes. Ou seja, ambos os discursos estão de alguma forma “conversando” uns com os outros.

Portanto, mesmo a linguagem que tenta se fazer única não consegue fugir da sua participação na língua dialógica, então “Cada enunciação que participa de uma “língua única” (das forças centrípetas e das tendências) pertence também, ao mesmo tempo, ao plurilinguismo social e histórico (às forças centrífugas e estratificadoras).” (BAKHTIN, 2022, p.82)

Esta pesquisa procura olhar atentamente para a linguagem justamente para entender estas manifestações discursivas e como os seus embates se materializam nos discursos produzidos por nós socialmente. Pois se “Uma visão de mundo, uma corrente, um ponto de vista, uma opinião sempre tem uma expressão verbalizada.” (BAKHTIN, 2016, p.61), os embates

ideológicos entre diferentes discursos que nos perpassam socialmente também devem se mostrar nas verbalizações feitas por nós diariamente, que expressam assim não só a nossa relação com a linguagem, mas também a forma como a língua afeta nossas ideias e entendimentos de mundo.

Portanto, Bakhtin e seu círculo ao perceber e ao entender a linguagem ligada ao âmbito social, também olha para as questões individuais ligadas à esta utilização da linguagem, ele compreende como utilizamos a linguagem para nos expressar. Porém, também percebe como a mesma tem a capacidade de moldar o psiquismo individual, pois “a linguagem enquanto sistema de signos fonéticos não apenas constitui o pensamento, mas o constitui e determina seu conteúdo” (VOLOCHINOV, 2017, p.16).

Ou seja, os estudos de bakhtinianos e os conceitos expostos acima nos mostram como a dominação discursiva permite também a dominação ideológica, imaginativa e criativa, pois aquilo que é passível de ser pensado e expresso verbalmente é socialmente determinado pelas formas verbais e pelas possíveis formas de expressão que existem em nossa sociedade. Nós, ao utilizarmos a língua, estamos utilizando-a de acordo com as possibilidades de representação existentes, portanto, “não é tanto a expressão que se adapta ao nosso mundo interior, mas nosso mundo interior que se adapta às possibilidades da nossa expressão e aos seus possíveis caminhos e direções” (VOLOCHINOV, 2017, p.212).

O psiquismo individual, as leituras e compreensões da realidade são influenciados pelas formas como a linguagem, os discursos e os signos ideológicos são utilizados e moldados socialmente. A nossa “consciência se forma e se realiza no material sócio criado no processo da comunicação social de uma coletividade organizada” (VOLOCHINOV, 2017, p.97).

Então, ao mesmo tempo que nós, como sociedade, criamos novos signos e significados linguísticos a partir de nossas vivências e ideologias, a linguagem e os discursos criados socialmente também influenciam a forma como interpretamos a nossa sociedade e como nós reproduzimos e questionamos diversas ideologias. A linguagem se torna um campo de conflito de ideias, pois a mesma, ao ser influenciada pelas leituras de mundo e ao mesmo tempo influenciar as mesmas, cria espaços para questionamentos e construção de respostas, mas também impõe ideias e ideologias.

E ao olhar para a língua, compreendendo como esta é um campo de disputa ideológica, percebo como a língua “reflete, nos seus modelos, as questões sociais da interação verbal, da comunicação ideológico-verbal, em relação às condições históricas determinadas.”

(PONZIO, 2008, p.128) e também molda a forma como entendemos esta disputa ideológica materialmente, verbalmente e psiquicamente.

Por isso, entendo que “Cada época e cada grupo possui o seu próprio repertório de formas discursivas da comunicação ideológica cotidiana. [...] essas formas são inteiramente determinadas pelas relações de trabalho e pelo regime sócio político” (VOLOCHINOV, 2017, p.109). Percebo também como as relações materiais de produção da vida, isto é às relações de trabalho que se constroem em nossa sociedade, moldam os discursos que nos perpassam socialmente, os signos e as significações existentes em nossa linguagem e a validação e o espaço social que damos à estes discursos, que consequentemente moldam também os nossos possíveis entendimentos, questionamentos e respostas à nossa realidade material.

Consequentemente, para alcançar o objetivo desta pesquisa e entender os embates discursivos atuais, devo olhar para as relações materiais que moldam a nossa forma de viver em sociedade atualmente, que muitas vezes definem os discursos reproduzidos em larga escala em nossa sociedade e que se impõem de maneira quase que inconsciente nas formas como moldamos e utilizamos os signos ideológicos e suas significações.

Por isso, afirmo que para entender as formas e os embates discursivos desta época, devo entender como estes são perpassados pelo neoliberalismo, e por isso devo me aprofundar no entendimento de como o mesmo vem se impondo e se enraizando em nossa sociedade utilizando para isso domínios materiais e econômicos, porém também formas de domínio cultural, discursivas e imaginativas.

Na busca de entender melhor como este sistema econômico chegou ao ponto de quase totalização de seus ideais e ideologia e como o mesmo não só entende que a língua e a linguagem são um campo de disputa que pode garantir a propagação de seus ideais e ideologias como também a utiliza para impor seu sistema econômico sem questionamento, buscarei no próximo capítulo fazer uma breve historização do fenômeno neoliberal e apontar como o mesmo utiliza a linguagem para propagar seus ideais e ideologias.

4 NEOLIBERALISMO E O SEU DISCURSO HEGEMÔNICO

Este capítulo é dedicado à análise do neoliberalismo e à sua tentativa de imposição ideológica a partir de sua face discursiva. Para isso, irei primeiramente me aprofundar no conceito de neoliberalismo, em como o mesmo chegou a se manifestar materialmente em nossa sociedade, em suas raízes e história. Utilizando para isso o livro “O neoliberalismo: História e Implicações”, de David Harvey. Depois me aprofundarei nos principais ideais neoliberais e como estes se apresentam em sua forma discursiva, utilizando para isso, além de David Harvey, Ricardo Timm de Souza, para então relacionar as questões discursivas neoliberais com os conceitos de linguagem bakhtinianos utilizando para isso Bakhtin e Volochinov.

Para compreender o fenômeno neoliberal em nossa sociedade, precisamos então compreender o que é neoliberalismo de fato e como este chegou a se firmar quase que totalmente em nossa sociedade atual. Por isso, faço um breve apanhado histórico de como este se formou e procurou se totalizar em nossa sociedade. O objetivo deste apanhado histórico é entender a origem dos ideais e da ideologia neoliberal, o que este defende e suas principais características.

O neoliberalismo tem raízes no liberalismo clássico, e vai começar a ganhar formas após a segunda guerra mundial, quando as consequências da crise de 1930 e os horrores da segunda guerra mundial exigiram medidas para que os países se reerguessem e se reestruturassem destes dois episódios catastróficos. Porém o que conhecemos hoje como neoliberalismo chegou de fato ao seu ápice, e conseguiu se totalizar quase de forma única a partir do final dos anos 80.

Durante os anos 40 e 50 foram feitas diversas reformas econômicas que tinham como principal objetivo impedir “um retorno às condições catastróficas que tanto ameaçavam o poder capitalista na grande crise dos anos 1930. Pretendia ainda impedir o ressurgimento das rivalidades geopolíticas interessadas que levaram à guerra.” (HARVEY, 2005, p.9). Foi uma época de grandes mudanças políticas e econômicas, mundialmente falando. O sistema capitalista e suas elites econômicas se viam ameaçados pelas formas de governo socialistas que vinham ganhando espaço em diversos países do mundo. Então estas reformas também objetivavam criar um espaço propício ao crescimento econômico capitalista, foi portanto uma forma de “assegurar a paz e a tranquilidade domésticas e firmar alguma espécie de acordo de classe entre capitalistas e trabalhadores” (HARVEY, 2005, p.9)

Uma série de eventos mundiais, acordos comerciais, eventos econômicos e políticos vão transformar esta tentativa política de manutenção do capitalismo e de sua necessidade de exploração do mundo e dos seres humanos no que hoje chamamos de neoliberalismo.

O incentivo do livre comércio internacional, usando para isso um câmbio de dólar fixo, em que a moeda americana era a base econômica para toda e qualquer transação internacional, foi essencial para garantir a hegemonia norte-americana em oposição ao bloco socialista que vinha se desenvolvendo. Segundo o autor David Harvey, o que se foi estabelecido economicamente neste período foi uma “nova ordem mundial foi construída com os acordos de Bretton Woods, e várias instituições, como a ONU, o Banco Mundial, o FMI e o Banco Internacional de Compensações (Basileia)” (HARVEY, 2005, p.10) na qual se priorizava questões econômicas capitalistas no que deveria supostamente promover relações internacionais estáveis e o livre comércio entre diferentes países.

Esta proposta econômica, sustentada de maneira quase que totalitária pelas políticas econômicas estadunidenses, garantia empréstimos e comércios vantajosos a países que se alinhassem politicamente a ele, e perdurou durante boa parte da metade do século XX, neste início o liberalismo econômico teve uma época de louros, na qual era-se possível observar um crescimento estável, principalmente em países norte-americanos e europeus, em outras palavras:

“O liberalismo embutido produziu elevadas taxas de crescimento econômico nos países capitalistas avançados durante os anos 1950 e 1960. Isso dependeu em parte da generosidade dos Estados Unidos em aceitar déficits com o resto do mundo e absorver todo o produto adicional dentro de suas fronteiras.” (HARVEY, 2005, p.10)

Porém, esta política, baseada na produção e no consumo constantes em um mundo com recursos e necessidades finitos, não poderia se sustentar eternamente. Logo, essa política de déficit econômico estadunidense, que é mencionada por David Harvey como liberalismo embutido, se mostrou insustentável tanto a níveis internos e domésticos quanto a níveis internacionais.

Então, já por volta do final dos anos 60 era possível perceber as rachaduras provocadas por este sistema econômico, e os “sinais de uma grave crise de acumulação estavam em toda parte aparentes. O desemprego e a inflação se ampliavam em toda parte, desencadeando uma fase global de “estagflação” que duraria por boa parte dos anos 1970.” (HARVEY, 2005, p.11).

Mais uma vez a necessidade capitalista de produção para gerar ganho e lucro superou a necessidade de consumo. O ideal capitalista e neoliberal de produção crescente de maneira exponencial se mostra mais uma vez irrealista frente a um mundo de recursos finitos e em uma sociedade de necessidades finitas, gerando mais uma vez uma crise do capital.

Ou seja, o que aconteceu internacionalmente foi um desaquecimento da atividade econômica gerando estagnação econômica e inflação dos preços, criando a “estagflação” mencionada por David Harvey. Está estagflação teve diversas consequências na economia mundial e consequentemente na vida material das pessoas que viviam sob o sistema capitalista da época. Em outras palavras, “A crise da acumulação do capital na década de 1970 afetou a todos por meio da combinação de desemprego em ascensão e inflação acelerada” (HARVEY, 2005, p.11)

As altas taxas de crescimento não eram sustentáveis a longo prazo e o descompasso entre produção e consumo gerava uma nova crise capitalista, porém em uma época em que as altas classes econômicas do capitalismo viam, com cada vez mais preocupação, a forte ameaça do bloco socialista, pois o mesmo passava a ganhar cada vez mais força enquanto o sistema capitalista ruía e escancarava suas falhas baseadas em uma expectativa de produção e consumo constantes. O que se via neste cenário era, na verdade, como o “liberalismo embutido” que gerara altas taxas de crescimento pelo menos nos países capitalistas avançados depois de 1945 estava claramente esgotado e deixara de funcionar. A superação da crise requeria alguma alternativa.” (HARVEY, 2005, p.11).

Esta alternativa, dentro de um sistema capitalista, deveria ser aceita por aqueles que o mantinham às custas da exploração de milhares de trabalhadores — ou seja, deveria ser aceita pelas elites econômicas — e para ser aceita pelas elites econômicas, a “solução” deveria manter o status quo. O que a classe dominante necessitava era uma solução que mantivesse o seu domínio social e econômico e que preferencialmente mantivesse o modelo econômico por ela propagado, com alterações apenas que a favorecessem.

David Harvey aponta no primeiro capítulo de seu livro como, em prol da recuperação dos países no pós-guerra e do desenvolvimento econômico dos mesmos, as elites econômicas diminuíram suas porcentagem de lucros, porém uma vez em crise, tanto política, devido aos questionamentos às formas de governo que às privilegiavam, quanto econômica devido à estagnação do crescimento, as elites econômicas passaram a procurar formas de garantir a continuação de seu lucro e de seus seus privilégios, pois “Uma coisa é ter uma parcela estável de

um bolo em crescimento. Mas quando o crescimento entrou em colapso nos anos 1970, quando as taxas de juro reais ficaram negativas e a norma eram poucos dividendos e lucros, as classes altas em toda parte se sentiram ameaçadas.” (HARVEY, 2005,p.12). Neste cenário surgiu então a resposta neoliberal que veio de forma desorganizada e com grandes efeitos na desigualdade social.

O avanço neoliberal aconteceu de diferentes formas nos mais diversos territórios, desde imposições violentas de seus ideais por meio de ditaduras cívico-militares principalmente em países da América Latina, até a imposição através de governos supostamente democráticos em países considerados “avançados” economicamente. Os exemplos das diversas catástrofes que este avanço provocou durante os anos 70 e 80 do século passado são diversos, indo desde o dismantelamento de diversas políticas públicas e organizações trabalhistas e sociais no Reino Unido durante o governo de Thatcher, até às atrocidades feitas durante a ditadura militar brasileira.

Estas catástrofes sociais e suas consequências não impediram o contínuo avanço neoliberal; na verdade, o modelo neoliberal passou então a ser “adaptado” e “reconfigurado” em cada território para que o mesmo fosse mais “aceito” socialmente e para que as elites econômicas capitalistas mantivessem seus lucros e comércio às custas da exploração humana e natural.

Quando olhamos para o neoliberalismo imposto nos mais diversos países o que sempre notamos então não são formas rígidas e princípios repetidos, são o molde destes princípios à realidade local de forma a garantir que a elite econômica continue explorando todas as formas de lucro, levando a “Efeitos redistributivos e uma desigualdade social crescente [que] tem sido de fato uma característica tão persistente do neoliberalismo que podem ser considerados estruturais em relação ao projeto como um todo” (HARVEY, 2005, p.13).

Percebemos então que o avanço neoliberal foi amplo e extremamente divergente, essas divergências no entanto se mostravam não somente em sua forma de imposição, porém também quanto à seus ideais e as formas materiais que o mesmo apresenta socialmente, a verdade é que quando olhamos para o avanço dos ideais, políticas e formas econômicas neoliberais o que nos deparamos é nada mais do que um “caráter não-elaborado das soluções neoliberais e as complexas maneiras pelas quais forças políticas, tradições históricas e arranjos institucionais existentes moldaram em conjunto por que e como o processo de neoliberalização de fato ocorreu.” (HARVEY, 2005, p.11)

Ou seja, o avanço neoliberal ocorreu de forma desorganizada e caótica, o que refletiu diretamente na forma como a ideia abstrata de neoliberalismo se projetou em nossa sociedade. Na verdade, o ideal neoliberal e a “neoliberalização” são como um projeto utópico de realizar um plano teórico de reorganização do capitalismo internacional ou como um projeto político de restabelecimento das condições da acumulação do capital e de restauração do poder das elites econômicas.” (HARVEY, 2005, p.13). Desta forma, o neoliberalismo, em sua busca por restabelecer um poder econômico e de classe, passou a cada vez mais moldar os seus ideais de acordo com as necessidades das classes dominantes.

Como este movimento foi encabeçado pelas elites, e para as elites, os seus valores deveriam refletir também os seus interesses econômicos e sociais. Os principais nomes do pensamento neoliberal, que estiveram à frente de governos de muitos países ao redor do mundo, passaram então a ter papel essencial na propagação do que consideravam os principais ideais neoliberais, sendo estes valores ideias como “liberdade individual”, “livre comércio”, “dignidade humana” entre outros pontos que são extremamente abstratos, e justamente por serem abstratos, são moldados de forma a parecerem mais defensáveis. Porém ao olhar para as políticas produzidas por estes, fica claro como o no neoliberalismo o que se materializa é “O pressuposto de que as liberdades individuais são garantidas pela liberdade de mercado e de comércio” (HARVEY, 2005, p.8)

De fato, aquilo que se idealizou como neoliberalismo passou a ser adaptado às formas e exigências das elites econômicas para que as mesmas pudessem garantir o seu poder, David Harvey explica este fenômeno de forma extremamente clara quando, ao se propor explicar as formas como os ideais neoliberais são completamente descartáveis e moldados em relação à realidade material das elites, nos diz que: “quando os princípios neoliberais conflitam com a necessidade de restaurar ou sustentar o poder da elite, esses princípios são ou abandonados ou tão distorcidos que se tornam irreconhecíveis.” (HARVEY, 2005, p.13)

Por isso, é possível afirmar que o capital controla até mesmo as supostas “liberdades individuais” pregadas pelo neoliberalismo. Os ideais neoliberais são submetidos e moldados de acordo com as necessidades do capital. E assim o capitalismo neoliberal produz o seu “espírito”, aquilo que é de fato o seu ideal mais profundo, a “submissão, renúncia ao pleno exercício da liberdade, a personificação do capital até chegar a decidir sobre a vida e sobre a morte dos homens” (HINKELAMMERT, p.16, 1983)

Então há enormes descompassos entre aquilo que é um ideal neoliberal de acordo com a teoria e aquilo que muitas vezes vislumbramos em nosso dia-a-dia. Pois se por um lado a teoria neoliberal prega ideais liberais de maneira muito mais enraizada e aprofundadas, como liberdade e direitos individuais, mercado livre e a propriedade privada, por outro lado caso estes interesses venham a conflitar com as possibilidades de lucro e ganho das elites econômicas, os mesmos são facilmente moldados, adaptados e revestidos de novas versões que garantem a supremacia e o poder econômico hegemônico do capital.

A verdade é que, ao proporem ideais abstratos e pouco delimitados, as figuras principais do neoliberalismo conseguiram de certa forma não só moldar o que estes valores representam, mas também conseguiram apoio das mais diversas classes a valores certamente convincentes e sedutores. Ao expor estes valores como ameaçados por organizações político-econômicas conflitantes com os seus interesses de lucro e exploração, o neoliberalismo conseguiu ainda criar um ideal de sua ideologia como única que garantisse esses valores, que, muito embora possam parecer admiráveis, são deturpados e se tornam vazios frente aos interesses das elites econômicas e dominantes.

Então mesmo que “De acordo com a teoria, o Estado neoliberal deve favorecer fortes direitos individuais à propriedade privada, o regime de direito e as instituições de mercados de livre funcionamento e do livre comércio.” (HARVEY, 2005, p. 37), os arranjos institucionais e políticos refletem estes ideais quando lhes convém, quando estes ideais e ideologias vão necessariamente lhes trazer a possibilidade de exploração tanto do ser humano quanto da natureza para o maior lucro possível.

A maleabilidade destes ideais favorece o domínio ideológico capitalista. Os seus ideais, em prática, representam os interesses de uma elite dominante de exploração e comercialização humana e natural, porém são apresentados, moldados e distorcidos a todo momento para se parecerem com ideais que garantem liberdade à classe trabalhadora. O que a apresentação destes de forma distorcida atinge é a naturalização da exploração da vida em todos os seus âmbitos

Ou seja, muito embora a ideia de liberdade seja algo essencial para a propagação do sistema capitalista neoliberal, a liberdade realmente existente dentro de nossa realidade material não é uma liberdade aos indivíduos e às suas necessidades, muito embora o neoliberalismo “venda” uma ideia de liberdade individual, na qual todos teriam supostamente a chance viver de acordo com suas próprias escolhas, o que vemos sendo valorizado e

mantido são na verdade as liberdades comerciais e financeiras que “remetem os interesses dos detentores de propriedade privada, dos negócios, das corporações multinacionais e do capital financeiro.” (HARVEY, 2005, p.8), e que cerceiam as possibilidades de vida das pessoas que vivem sob o sistema capitalista neoliberal.

Neste objetivo de prevalectimento das liberdades dos interesses comerciais que favoreçam o lucro, a neoliberalização possibilitou a comercialização de tudo o que estava ao seu alcance. Ao proteger os interesses e liberdades das propriedades privadas acima dos interesses e liberdades dos indivíduos, o processo neoliberal conseguiu colocar sob o aspecto financeiro todas as áreas da vida dos indivíduos. Ou seja, “a neoliberalização significou a “financeirização” de tudo” (HARVEY, 2005, p.20).

Por isso, o neoliberalismo é, em seu âmago, a soma de diferentes políticas que procuram dismantelar toda e qualquer forma de produzir a vida, que não esteja ligada essencialmente à produção e à reprodução da atividade financeira pelas e para as elites, independentemente das consequências desta financeirização na vida das pessoas.

José Falero, em seu livro “Mas em que mundo tu vives?”, faz uma compreensão interessante ao observar um rato que luta pela própria vida em um balde no conto “Homem ou Rato?”. Ele diz: “Não podia se deixar afundar, pois morreria afogado, mas não tinha como alcançar a borda do balde para poder sair” (FALERO, 2024 ,p.201).

Nesta comparação nós somos o rato, a impossibilidade de escapatória do sistema capitalista faz com que passemos a vida inteira “nadando” pela nossa própria sobrevivência, se nos deixarmos afundar, o próprio sistema garante que morremos afogados, porém também não temos a capacidade de alcançar a borda para escapá-lo. Ou seja, o neoliberalismo é o balde que cerceia todas as possíveis formas de manutenção e reprodução da vida, e por fim acaba por cercear o próprio direito de viver para além dos seus ideais; as pessoas se rendem ao produtivismo, pois é o mesmo que as mantém vivas.

Um dos participantes do círculo de debates disse que ao ler este texto do José Falero pensou em como a vida é sobre “sobreviver ou viver”, pois de fato o capitalismo neoliberal cerceia as possibilidades de vida, proporcionando somente possibilidades de luta por uma sobrevivência. O participante A disse:

“Então é sobreviver ou viver. E isso dá para trazer para a nossa realidade. Será que a gente tá sobrevivendo ou será que a gente tá vivendo? Porque ali ele mostra que ele estava vivendo

um dia após o outro. Depois, um turno após o outro. Então ele foi; parece que está se esgotando e vendo que a vida para ele não fazia mais sentido. Que era só aquilo ali, que era trabalhar, chegar em casa, sobreviver mais um dia. Sobreviver mais uma hora, sobreviver mais uma semana. E chegar até o último dia que é morrer.”

Aqui o participante escancara os princípios neoliberais de forma clara, o “*era trabalhar, chegar em casa, sobreviver mais um dia*” é na verdade a face materializada da ideia de lucro e consumo constantes. Estas formas de exploração do capitalismo neoliberal são naturalizadas diariamente através de discursos homogeneizantes propagados pela superestrutura de diversas formas e em diversos veículos.

Esta naturalização chega a afetar as próprias possibilidades de investimento dentro de um país. Um exemplo disso é a forma como o Banco Mundial avalia a ‘capacidade’ dos países de utilizar os seus recursos e manter a sua produtividade. O desempenho é avaliado através de um Ranking Mundial de Competitividade e a posição de cada país pode afetar a captação de recursos internacionais e investimentos.

Desta forma, a naturalização da exploração em prol da ideia de produtividade é imposta de forma macro (em instituições internacionais de diversos âmbitos) até de forma micro (nas relações diárias, em empresas e até em espaços educacionais). Acontecendo em todas as esferas e campos da vida sobrevivida em sociedades capitalistas neoliberais. Ou seja, “A produção e reprodução do espírito competitivo hegemônico da globalização neoliberal se dá por meio de sofisticados mecanismos discursivos para a difusão e consolidação de interesses próprios da classe capitalista dominante.” (CARACELLI-SCHERMA, 2015, p.71).

Assim, a reprodução dos ideais neoliberais são impostos pela classe dominante aos governos, às instituições e às pessoas. A exploração dos recursos naturais e humanos - necessária a manutenção do próprio sistema capitalista neoliberal - passa a ser vista e entendida como inevitável. Gerando a crença de que é natural trabalhar para sobreviver, descansar para trabalhar, se manter saudável para produzir e desta forma sobreviver mais um dia, que vira uma semana, que vira uma vida destinadas a se sacrificar na tentativa de alcançar o inalcançável, de alcançar o máximo de produção e consumo constantes.

O autor José Falero, no conto “Homem ou Rato”, ao olhar para o rato nadando pela vida neste balde com água o suficiente apenas para que ele continue nadando sem escapatória,

percebe também isto: como o rato ali tem a possibilidade somente de sobreviver, justamente por isso, um dos participantes afirma ter se sentido um rato. O participante fala:

“Eu me senti um rato, né? Ai, eu me senti um rato. Me senti um ratinho, né, gente? Mas é isso. Eu acho que o texto pega umas coisas que conseguem mexer com você, na verdade. Porque eu fico pensando, depois que eu li o texto, eu fiquei pensando, mas será que eu estou sobrevivendo também ou estou vivendo?”

O desespero do rato na água é também o desespero de viver em um sistema capitalista neoliberal que se impregnou de forma quase totalitária no mundo, no qual todos estamos sempre em uma busca constante pela sobrevivência. Não necessariamente vivendo, mas sobrevivendo, como foi colocado pelo próprio participante em sua fala *“estou sobrevivendo também ou estou vivendo?”*. É o sentimento compartilhado no qual estamos todos tentando não nos deixar afogar por um sistema que aniquila todas as formas de produção de vida, as formas de relacionamento social que não sejam direcionadas a alguma forma de produção e consumo.

Assim como o rato não conseguiria sair dali nem parar para pensar sobre a sua situação, na construção social neoliberal qualquer possibilidade, qualquer ato fora do padrão de consumo e produção corre o risco de nos afogar. Sendo assim, no neoliberalismo qualquer ato “de solidariedade social tinham de ser dissolvidas em favor do individualismo, da propriedade privada” (HARVEY, 2005, p.16), para que assim haja a propagação dos ideais neoliberais, nos quais todas as formas de produção de vida começam a “passar” pelo crivo da produção de lucro neoliberal.

O que é possível perceber, tanto no conto do autor como nas falas dos participantes do círculo de debates, é como o dismantelamento das possibilidades de vida para além do lucro e do capital é uma face da manutenção da hegemonia econômica capitalista neoliberal. É uma garantia de que nunca haja a possibilidade de alcançar uma borda para escapar deste sistema, que nunca haja a possibilidade nem sequer de sonhar com uma perspectiva de escapatória, pois só assim se pode garantir o lucro das elites econômicas e a propagação de seus ideais.

É justamente isso que o participante B descreve ao relatar as suas impressões ao ler o conto:

“Que o rato tá ali na água, ele fala que o rato caiu, ele não podia se deixar afogar, mas ele também não conseguia sair dali. Ele não morria ali, mas ele também não conseguia sair

daquela situação. E esse desespero do rato, tentando nadar, bater as pernas para sobreviver, parece ser uma analogia, uma representação visual disso que a gente tá falando. Esse desespero e essa busca por sobrevivência, não necessariamente viver, mas sobreviver.”

O participante percebe como o “*desespero do rato, tentando nadar, bater as pernas para sobreviver*” pode ser lido como uma “*analogia*” ou “*uma representação visual*” da imposição do sistema capitalista neoliberal de lucro. Imposição na qual a própria sobrevivência das pessoas que vivem neste sistema depende da sua capacidade de produzir e de consumir, independente das necessidades humanas e sociais, levando ao que o participante coloca como uma “*busca por sobrevivência, não necessariamente viver, mas sobreviver.*”.

Por isso, quando me atento para o neoliberalismo, na tentativa de entender este movimento sociopolítico e econômico, o que vejo então não são seus ideais e ideologias de forma constante, o que vejo são, na verdade, as suas diversas incongruências internas, que são “suficientes para tornar as práticas neoliberais em desenvolvimento (com respeito a questões como o poder de monopólio e falhas de mercado) irreconhecíveis diante da aparente pureza da doutrina neoliberal” (HARVEY, 2005, p.15).

E ao me debruçar sobre este estudo do fenômeno neoliberal, percebo então que os ideais neoliberais acabam por ceder à própria supremacia do lucro material. O que se construiu a partir do avanço neoliberal sobre a política, sobre a economia e também sobre a cultura foi uma busca por consumo e produção constantes; foi uma financeirização de todos os aspectos da vida, em que os indivíduos acabam por ser valorizados socialmente a partir de seu poder de compra, consumo e produção. Pois só assim, com um consumo e produção constantes imbuídos dos ideais culturais de uma sociedade, torna-se possível um lucro constante.

Nada mais se torna importante, nem mesmo as “liberdades individuais” que, muito embora apareçam na doutrina neoliberal, são facilmente descartadas pelas políticas, ações governamentais e imposições sociais caso as elites econômicas precisem de intervenção nestas “liberdades” para garantir seu lucro.

Sendo assim, o neoliberalismo ultrapassa um simples aprofundamento dos ideais liberais e capitalistas; ele passa a criar um sistema em que estes ideais de lucro constante controlam todos os âmbitos da vida dos seres humanos; a vida pessoal e profissional se fundem e ambas são vistas como espaços de lucro e consumo. Nesta forma de organização

socioeconômica, o que se encontra é um culto ao capital, em que “o capital parece ser agora a grande fonte da vida” (HINKELAMMERT, p. 14, 1983)

Durante os encontros de debate literário, os participantes constantemente se referiam a esta imposição neoliberal sobre as suas vidas. O Participante B, ao refletir sobre como as relações de trabalho vinham sendo desenhadas em nossa sociedade, disse: *“Me parece que está num lugar sempre de... Pessoalizar”*.

Isto reflete a dinâmica neoliberal do século XXI de forma clara. O “*pessoalizar*”, apontado pelo participante, reflete esta financeirização da vida, esta constante necessidade de produzir e consumir que perpassam de forma mais ou menos consciente todos os espaços de nossa sociedade. Ao pessoalizar o trabalho, também levamos conceitos de trabalho à nossa vida pessoal, e ao financeirizarmos nossa vida pessoal, passamos a ver relações pessoais e profissionais de formas similares.

Um participante refletiu sobre isto ao falar: *“Meio que a gente está falando de relação de trabalho, mas meio que tira desse lugar uma relação de trabalho, de funcionário e chefe, patrão, e coloca meio num lugar pessoal”*. De fato, o capitalismo neoliberal, ao criar este culto ao capital - ao perpetuar as formas de manutenção, reprodução e lucro que o mantêm - desloca as relações de trabalho para além do espaço de trabalho.

Isto nos afeta de diversas formas; a ideia de que o seu valor como pessoa está atrelado ao seu poder de consumo e de produção de lucro até mesmo nos âmbitos familiares e pessoais cria uma constituição e uma relação do valor humano ligado ao trabalho que se exerce, à remuneração que se ganha e ao poder de culto ao capital que estes lhe proporcionam.

A própria ideia de necessidade de consumo constante se torna então a validação social do culto ao capital. Quanto mais possibilidades de lucro e de consumo uma pessoa tem, mais prestígio social lhe é garantido, porém “se o homem não tomar consciência do fato de que essa aparente vida das mercadorias não é mais que sua própria vida projetada nelas, chega a perder sua própria liberdade e, no fim, sua própria vida” (HINKELAMMERT, 1983, p.28).

Então, questionar estes ideais torna-se essencial para a emancipação humana e para o entendimento profundo de como o capitalismo neoliberal finca os seus tentáculos em todos os espaços de vida que encontra. Ou seja, seu questionamento abre brecha para o questionamento de toda esta forma de organização que nega a liberdade humana em prol da liberdade do capital.

Por isso, as elites econômicas procuram garantir um não questionamento aos ideais neoliberais e, para isso, a neoliberalização precisa, além de dominar economicamente e politicamente a sociedade, dominar culturalmente o pensamento social dos indivíduos, suas vontades e capacidades de imaginação.

Essa dominação se dá, em grande medida através dos discursos propagados socialmente, se dá através do domínio imposto sobre os signos, significações e temas feitos pela classe dominante. Entretanto, para que este domínio seja aceito, ele também tem que ser naturalizado. Assim, a classe dominante tenta apagar a sua manipulação ideológica na linguagem e tenta “atribuir ao signo ideológico um caráter eterno e superior à luta de classes” (VOLOCHINOV, 2017, p.113). Uma característica do discurso oficial é então esta tentativa de forçar a idéia de discurso neutro, de um discurso que propaga ideias que beneficia a todos.

Porém, a própria utilização da linguagem questiona esta imposição. Como “em todo signo ideológico cruzam-se ênfases multidirecionadas” (VOLOCHINOV, 2017, p.113), a própria comunicação através da linguagem pode escancarar a luta de classes existente dentro de cada signo, questionando a imposição monológica neoliberal à linguagem a aos discursos.

Isto pode ser compreendido ao analisar os discursos feitos durante o círculo de debates literários. Os questionamentos dos participantes sobre os ideais e as ideologias impostas no termo “*vestir a camisa da empresa*” e a ideia de “*dor de dono*” nos mostram que mesmo signos, significações e temas criados pela classe dominante e impostos pela ideologia oficial como algo “neutro”, que “beneficia a todos” ou, como posto por um dos participantes, que “*se a maré sobe, todo mundo sobe, porque a gente está no mesmo barco*”, na realidade não são tão neutro assim, e beneficiam as classes dominantes ao naturalizarem ideais produtivistas de exploração dos trabalhadores.

É perceptível que a imposição neoliberal se dá então a partir de diversas esferas da vida e da sociedade. Somente o domínio econômico e material não garantiria sua propagação e manutenção, foi preciso que neoliberalismo se enraizasse em outras áreas, como arte, cultura, discurso, espaços em que os domínios da superestrutura se dão não só nas formas materiais mas também nas formas imaginativas. Torna-se um controle não só monetário, mas também um controle de possíveis leituras e construções de mundo. Fica evidente então que “A virada para o neoliberalismo se apoiava assim não só na adoção do monetarismo como na implantação de políticas governamentais em muitas outras arenas.” (HARVEY, 2005, p.16).

As suas formas de propagação de ideologias, ideais e formas de vida passam a se desenvolver em “outras arenas”, como nas falas e nos discursos propagados. As ideias de produção e consumo se tornam então dogmas constantes, ressoados nos mais diversos campos da vida e da cultura das sociedades, buscando propagar o culto aos seus ideais, a totalização de seus princípios. Assim se torna evidente o domínio neoliberal também nos signos, nas formas de expressão e nos discursos em nossa sociedade.

Ou seja, cria-se então uma sociedade de culto ao capital, que é uma característica material e simbólica da forma como o neoliberalismo se impõe em nossa sociedade. Se, pelo lado material, o culto ao capital cria a necessidade de estar, a todo momento, praticando atos de produção ou de consumo para obter validação social. Pelo lado simbólico, o culto ao capital tenta dominar através das ideias, pensamentos e ideologias, criando assim um discurso monofônico de repetição constante de seus ideais, assemelhando-se ao discurso religioso de culto e de idolatria.

Esta forma de dominação a partir do culto e da idolatria ao capital pode ser percebida no nosso dia a dia. Afinal, quantas vezes não somos perpassados diariamente por algum discurso que propaga a ideia de produção constante? Quantas vezes não vemos a consequência do esgotamento humano em prol da produtividade e dos lucros neoliberais?

Essa repetição constante do discurso capitalista neoliberal nos aparelhos da superestrutura (como espaços midiáticos, legais, religiosos, educacionais, entre outros) não só tem a função de convencer dos seus ideais, como também tem a função de tornar esse discurso monofônico. Trata-se de naturalizar a sua ideologia até que ela pareça a única válida e possível. Assim, cria-se uma forma de culto ao capital, no qual os seus ideais e a sua ideologia são impostos sem questionamento; a única ideia válida neste pensamento é o lucro acima de tudo e de todos, que é repetido de diversas formas em diversos espaços como mantra do culto ao capital.

No livro de José Falero, utilizado no grupo focal desta pesquisa, nos deparamos com diversos relatos e contos do autor, que ao expor os casos de opressão que passou pela sua vida, nos mostra também as consequências deste culto ao capital e a materialização do discursos neoliberal em nosso dia-a-dia, no conto “Dor de dono” por exemplo, o discurso da gerente do supermercado em que ele trabalhava exemplifica esta totalização através dos discursos, a gerente fala em uma reunião para os trabalhadores do supermercado:

“A gente nunca vai alcançar nossas metas aqui na empresa sem dor de dono. Me digam: quando um amigo bagunceiro vai à casa de vocês e derrama uma xícara de café, indo embora sem limpar, por acaso vocês deixam o chão sujo? Não! Vocês limpam, porque, afinal de contas, a casa é de vocês. Vocês limpam, porque querem que a casa de vocês esteja limpa. Não importa quem sujou. Aqui não é diferente. Esta empresa é de vocês também, e vocês precisam se conscientizar disso. Vocês precisam ter dor de dono. Se um cliente derrubou uma garrafa de vinho, vocês precisam ser os primeiros a querer ver o chão limpo o quanto antes.” (FALERO, 2024, p.61)

Ou seja, os trabalhadores não só tinham que cumprir as suas funções, como também deveriam estar sempre “procurando” trabalho, “procurando” formas de produzir, garantindo que o dinheiro pago a eles estivesse sendo o mais lucrativo e produtivo possível para o patrão. Para garantir e justificar essa exploração, não só do trabalho feito pelos trabalhadores, mas também da constante “procura” por ser produtivo dentro do expediente, cria-se narrativamente, no discurso da gerente, o papel de “dono” de cada um dos funcionários, em que cada um deveria se sentir responsável por maximizar a produção e o lucro, afinal, eram também “donos”. A questão é que eles não são donos para dividir o lucro obtido pelo supermercado, o seu salário não aumenta por causa da busca constante de ser produtivo, o discurso aqui serve para impor e naturalizar o ideal neoliberal de maximização de produção aos trabalhadores, independentemente das consequências desta exploração.

Isso também perpassa as falas dos participantes, que — ao refletirem sobre as suas próprias experiências no mercado de trabalho — notam como os discursos neoliberais se apossaram destes espaços, na tentativa de garantir um maior lucro e produção. O participante A relatou sobre este ponto:

“Porque em todas as reuniões de trabalho, a minha chefe, ela sempre fala, né? Que a gente tem que vestir a camisa da empresa, que a gente, se a maré sobe, todo mundo sobe, porque a gente está no mesmo barco. Mas será que é no mesmo barco mesmo que a gente está, né? Porque, tipo, a gente está ali trabalhando, mas a gente não está ganhando o mesmo que eles estão ganhando ali do nosso trabalho, né? Então, tipo assim, é uma relação bem complicada, né? Essa questão do trabalho.”

O que vemos então, tanto no discurso da gerente do supermercado como no relato do participante, é como o fenômeno neoliberal - como forma de totalização de seus ideais - passa a utilizar as próprias formas de expressão social, como linguagem e cultura, para assim

garantir a sua naturalização social e o não questionamento aos seus objetivos exploradores e excludentes. Como o neoliberalismo passa a utilizar a linguagem para naturalizar o seu culto eterno ao capital e a todas as formas de produção e consumo que levem à produção de mais lucro.

As falas aqui relatadas mostram como os ideais neoliberais procuram distorcer e remodelar a realidade de acordo com aquilo que traga maior lucro, seja a ideia de que “*quando a maré sobe, todo mundo sobe*”, seja a ideia de se comportar como “dono” de uma empresa a qual não lhe pertence. Ambas procuram convencer os trabalhadores de que o seu sacrifício é necessário e natural, quando este só é necessário à manutenção do lucro das elites econômicas.

Desta forma o domínio imagético dos ideais neoliberais passam a garantir que seus ideais - ideais estes maleáveis aos desejos de maximização dos lucros - sejam aceitos até por aqueles que este sistema explora. Este domínio imaginativo pode ser compreendido a partir da atitude dos trabalhadores do supermercado, que durante o conto realmente passam a se comportar como donos do estabelecimento, o autor diz “os funcionários *gostavam* do conceito de dor de dono. Mais do que isso, cobravam a tal dor de dono uns dos outros. Mais ainda, efetivamente *sentiam* a tal dor de dono.”(FALERO, 2024, p.61).

Quando vemos o discurso neoliberal sendo reproduzido de forma constante na cultura social, como no conto em questão, ou no dia a dia dos participantes, o que podemos notar é “a questão da influência da linguagem/língua sobre aqueles fenômenos da vida social que levam o nome de ‘consciência de classe’, ‘psicologia social’, ‘ideologia social’ e assim por diante” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 251).

Os funcionários então se viam pertencentes à outra classe por se sentirem “donos”; a linguagem e o discurso utilizados pela gerente atuavam diretamente na consciência de classe e na ideologia social dos trabalhadores.

Este domínio linguístico, é uma exemplificação do que garante que os ideais neoliberais influenciem até o desejo de consumo e produção tão enraizados socialmente, a influência da superestrutura sobre a linguagem garante a aceitação de seus ideais como um princípio da convivência humana, a linguagem, quando utilizada de forma totalitária, reflete e refrata a ideologia daqueles que tentam controlá-la e moldá-la à seus princípios.

Então, se “Para se tornar um desejo humano vivido e expresso, toda necessidade natural deve obrigatoriamente passar pelo estágio da refração ideológica e, por conseguinte, social” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 255), a dominação linguística e discursiva, que influencia e muitas vezes domina este desejo, se torna essencial para o controle social das necessidades e desejos dos seres humanos.

A linguagem passa a ser então uma forma de garantia de totalização dos ideais e ideologias neoliberais, desta forma, para garantir o seu domínio discursivo, a mesma não pode apresentar fissuras, o aspecto dialógico, tão fundamental na linguagem - como exposto por Bakhtin e seu círculo no capítulo anterior - passa então a ser maquiado de certezas naturalizadas socialmente,

“A linguagem nesse nível de mobilização das massas (‘psicologia das massas’) nunca contém dúvidas, apenas certezas; o discurso é completamente saturado por certezas definitivas, configurando um bloco compacto sem fissuras que é continuamente impelido na direção dos espectadores” (SOUZA, 2020, p.84)

A linguagem aqui passa a ser então utilizada como uma ferramenta de dominação, aculturação e colonização, e este fenômeno passa a ser difícil de ser identificado, pois o próprio esvaziamento da linguagem criada abstrai dela a possibilidade de diálogo e questionamento dos ideais propagados e da forma como está sendo utilizada.

Isso torna a linguagem totalitária. Ela passa a ser utilizada como instrumento de controle. Sua função de mediação entre ser humano e mundo se minimiza a uma mera repetição de discursos hegemônicos impostos socialmente. Desta forma, as ideologias e ideais impostos por esse tipo de linguagem passam a ser idolatrados e cultuados de forma inquestionável. Dentro do sistema capitalista neoliberal, isso quer dizer um culto ao próprio capital, fazendo com que todos os aspectos da vida passem pelo crivo do lucro constante.

A linguagem aqui passa a ser utilizada pela superestrutura do sistema capitalista neoliberal como forma de imposição e naturalização desta dinâmica. A dialogicidade da palavra passa a ser negada em prol da totalização de ideais excludentes e opressores. Por isso, ao compreendermos a dinâmica de totalização discursiva, percebemos como “uma condição para o estabelecimento de lógicas idolátricas é a atrofia da linguagem” (SOUZA, 2020, p.199).

Ou seja, é um deslocamento da linguagem do discurso de forma que eles não estabeleçam um diálogo - que é na perspectiva bakhtiniana compreendido a partir de seu sentido amplo, ou seja, todo tipo de confrontação de sentido dentro de uma comunicação

verbal, independente da existência de réplicas¹⁵ -, mas que somente se construam de forma a reproduzir ideais, para que os novos discursos construídos a partir destes sejam assim também uma mera reprodução de ideias e ideologias totalitárias se trata de uma monologização da linguagem - dentro da teoria bakhtiniana “o modelo monológico não admite a existência da consciência responsiva e isônoma do outro” (BEZERRA. 2007. p.192).

Por isso podemos entender os efeitos sociais desta monologização da linguagem feita pelo capitalismo neoliberal a partir das palavras de Ricardo Timm Souza

“A linguagem petrificada é incapaz de reconhecer o desvanecimento do seu interno, evadido com sua vida própria, ou seja, com sua verbalidade, sem a qual ela não se constitui em nada em eco mecânico do tintilar de coisas que se chocam uma com as outras. De fato ocorre algo como uma mecanização, uma maquinização extrema do discurso, que se torna em ferramenta utilizável em contextos nos quais se esperaria mais do que um mero monólogo idiotizado” (SOUZA, 2020 , p. 37)

Dentro de movimentos totalizantes como este, a linguagem - que é por essência dialógica e responsiva - sofre a imposição de um processo de monologização, na qual a sua fluidez se torna artificialmente estática. Isso fica claro quando percebemos como

“A atrofia, ou o ressecamento da linguagem, está ligado ou é decorrente de sua paralisia, ou fixação em uma ideia ou conceito que promete a totalidade do sentido. Configura-se, portanto, um tal conceito estático, na negação do tempo, ou, o que dá no mesmo, na negação do outro - na negação da vida” (SOUZA, 2020, p.199)

Esta tentativa de criar uma linguagem monoenfática e pouco aberta a possíveis formas de ver e ler o mundo é uma característica de modelos sociais totalizantes, pois é assim que os mesmos garantem o seu não questionamento, nada mais é do que uma maneira de tentar colonizar o pensamento social de forma que todos os esforços produzidos dentro deste sistema sejam em prol de sua propagação, continuação e totalização, por isso

“não é nenhum acaso que todo modelo totalizante de sociedade ataque imediatamente a tradição cultural das línguas, da história, da geografia e, especialmente, da filosofia - ou seja de tudo que pode deslocar suficientemente o estatuído para expor, pela radicalização - pelo ir às raízes - onde verdadeiramente se assentam os alicerces do projeto totalitário/totalizante e de seus aparatos de legitimação” (SOUZA, 2020 ,p.48)

¹⁵ Definição retirada do artigo “Diálogo” de Renata Coelho Marchezan, presente no livro “Bakhtin: Outros Conceitos-Chave” Org. Beth Brait

Sendo assim podemos afirmar que “Na mentalidade totalitária, o pensamento é sempre alvo de ataque” (SOUZA, 2020,p.45), e justamente por haver dentro do neoliberalismo esta tentativa de dominação de seus ideais e ideologias na forma econômica e material, mas também na forma linguística e cultural, cria-se assim um ataque a todo o tipo de pensamento que se volte contra a sua totalização, a sua ideia de pensamento único, permitindo perceber o sistema capitalista neoliberal como um modelo totalitário, que procura se enraizar e dominar o ser humano como um todo.

Esta colonização da linguagem e consequentemente do pensamento e das formas de imaginar e ler o mundo se faz tão potente quanto a colonização material e econômica pois

“O sentido não quer (e não pode) mudar os fenômenos físicos, materiais e outros; não pode agir como força material. Aliás, ele nem precisa disso: ele mesmo é mais forte que qualquer força, muda o sentido total do acontecimento e da realidade sem lhes mudar uma vírgula na composição real (do ser); tudo continua como antes, mas adquire um sentido inteiramente distinto” (BAKHTIN, 2017, p. 71)

Justamente por isso, a dominação ideológica neoliberal se torna tão potente dentro do seu objetivo de manutenção e totalização das formas de exploração do ser humano e da natureza até a sua exaustão. Pois mesmo que esta exploração em prol da produção e do consumo acabe por exaurir aqueles que vivem sob o seu sistema, este passa a ser percebido e entendido como forma natural e única maneira de se viver. Em outras palavras “O capital já não suga apenas a vida do operário, mas devora também sua alma” (HINKELAMMERT, p.60, 1983)

Materializemos mais uma vez o tópico debatido através de um conto de José Falero, em seu livro “Em que mundo tu vive?”, no conto “Dor de Dono” os trabalhadores, após se sentirem donos e responsáveis pelo estabelecimento em que trabalhavam, mesmo não recebendo nenhum lucro dos seus esforços, passam a realmente agir como donos, levando as “dores” do estabelecimento para si, chegando a agredir um homem que vendia guarda-chuvas na rua, pois o mesmo tentou roubar um pacote de bolachas.

O fato de os funcionários não serem realmente donos do estabelecimento pouco importava; o sentido de dono naquele contexto mudou o sentido total do entendimento de realidade dos funcionários sem alterar a quem realmente pertencia o supermercado, como o autor aponta no final do conto “Dor de dono”. “Os funcionários se sentiam donos da bolacha que o vendedor de guarda-chuva tentou roubar”(FALERO, 2024, p.62).

Independentemente das recompensas, ou não recompensas, que este sentimento de “dono” do estabelecimento trouxesse aos trabalhadores, o domínio ideológico já estava feito. Nenhum funcionário do estabelecimento nunca nem sequer questionou o porquê eles deveriam se sentir donos do estabelecimento, ou se suas ações de procurar ser produtivos a todo momento realmente lhes eram vantajosas, pois o discurso ali era reproduzido de maneira constante de forma totalitária.

Um dos participantes percebeu exatamente esta incongruência que o discurso totalitário neoliberal criou nesta história, relatando que:

“Que no “Dor de dono”, enfim, eles vão lá e batem numa pessoa que roubou uma pacote de bolacha, né? E eu digo, meu, é literalmente uma pessoa que estava vendendo guarda-chuva. Não conseguia vender guarda-chuva nenhum. Precisava se alimentar; roubou um pacote de bolacha. Enfim, foi ali humilhado por todo mundo. Então, me parece muito que também está num lugar meio que de desigualdade de relação que as pessoas têm com isso, né? Porque, enfim, é... É uma pessoa que estava ali precisando, né? Uma necessidade, então... Porque também era um trabalhador, entende? Era um trabalhador como eles, enfim. Precisava daquilo. E nessa coisa de vestir a camisa da empresa, a gente pode denominar assim também nesse caso, tu acaba meio que conflitando com alguém que é seu colega de classe, assim, né? Que é um trabalhador como você. Que, enfim, estava ali por uma questão de necessidade, assim.”

O participante neste momento percebeu como a monofonia discursiva produzida pelo discurso neoliberal cria uma compreensão da realidade excludente, que coloca o lucro e o capital acima da vida humana. Neste caso ele pontua que o vendedor de guarda-chuva era um trabalhador, assim como os vendedores do supermercado, mas como os trabalhadores do mercado se sentiam donos daquele estabelecimento, compreenderam o roubo da bolacha como um ataque pessoal a eles, e por fim o participante percebe como “*nessa coisa de vestir a camisa da empresa, a gente pode denominar assim também nesse caso, tu acaba meio que conflitando com alguém que é seu colega de classe*”.

Esta narrativa demonstra muito bem como a linguagem neoliberal atua: ela tenta criar de maneira artificial uma monofonia de discursos, em que o mesmo discurso passe a ser reproduzido diversas vezes sem nenhum questionamento, criando assim esferas/campos discursivos nos quais há um culto ao capital e a tudo aquilo que ele proporciona às elites econômicas.

Porém, a raiz dialógica da linguagem, os diversos grupos, esferas/campos discursivos que criam diversas formas de se comunicar através da língua, geram também espaços para novos discursos que questionam e produzem novas respostas a esta monofonia discursiva artificial.

O próprio conto e o próprio autor, José Falero, nos mostram essa possibilidade ao reavaliar a sua experiência através da linguagem; o mesmo utiliza a linguagem para questionar os discursos produzidos dentro do seu espaço de trabalho e permite, através da linguagem, que os seus leitores se questionem sobre aquilo que eles vivenciam também. Falero vê na literatura um local de questionamento e de construção de respostas aos discursos que foram opressores e também cria um espaço seguro para que outras pessoas o façam.

Como foi possível ver durante os debates, nos quais os participantes, ao relacionarem o conto com suas vidas pessoais, se questionaram e falaram

“É, a gente consegue fazer uma relação interessante de, ah, o trabalho enriquece uma pessoa, mas se essa pessoa enriquece, eu ganho uma fatia desse enriquecimento ridículo, né? Tipo, eu não ganho um salário justo. O trabalho que eu faço é o trabalho, se essa pessoa, enfim, se essa pessoa ganha mais dinheiro, eu ganho uma mínima recompensa por enriquecê-lo, assim.”

Esse seu ato de repensar e reavaliar as próprias experiências através da linguagem literária - que pode ser percebido no primeiro enunciado, no qual o participante diz que *“consegue fazer uma relação interessante”* entre a temática do texto e sua realidade - nos mostra como a linguagem artística abre espaço para a dialogicidade, fazendo com que diversos discursos se perpassem, se sobreponham, sejam questionados e respondidos.

Durante os encontros foi possível ver como o contato com a linguagem artística também permitiu que os participantes se questionassem sobre as dinâmicas neoliberais presentes em suas realidades. Por isso, no próximo capítulo, procurarei aprofundar-me sobre como a linguagem em sua forma literária - por sua utilização da linguagem de forma artística e dialógica - tem a capacidade de criar um espaço de questionamento e construção de respostas às diversas realidades e discursos excludentes que nos são impostos diariamente, ou seja, procurarei mostrar como a leitura literária cria um espaço no qual a construção de discursos contra-hegemônicos é possível.

5 LEITURA LITERÁRIA COMO FRESTA LIBERTÁRIA: ABERTURA AO DISCURSO NÃO HEGEMÔNICO

Como vimos nos capítulos anteriores, a linguagem, em suas diversas expressões — sejam verbais ou escritas —, é por essência plural e dialógica; ao ser utilizada por diversos campos/esferas, a mesma pode ser utilizada de forma que converse com a realidade a ser retratada por aquele grupo, ou de forma a reproduzir uma realidade imposta por grupos opressores. Esta pesquisa procura compreender atentamente a dialogicidade existente na linguagem escrita — mais especificamente, a que se encontra dentro da linguagem literária — por isso, este capítulo procura se debruçar sobre a relação entre literatura, linguagem, sociedade e leitor.

Para que seja possível este aprofundamento sobre a relação entre texto literário e leitor, é preciso primeiro delimitar o entendimento de literatura que perpassa esta dissertação, por isso trago aqui a definição de literatura feita por Antônio Candido, em seu célebre ensaio “Direito à Literatura” e uso desta definição para delimitar o que chamo de literatura ao longo deste trabalho, aqui literatura será entendida como “todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações (CANDIDO, 2011, p. 177)”.

Entendido este conceito de literatura, buscarei, nas próximas páginas, entender a relação entre literatura, linguagem, sociedade e leitor. Para isso utilizo escritos de Augusto Ponzio e Volochinov, grandes estudiosos da teoria bakhtiniana, que ao olharem para os conceitos tratados por Bakhtin e por seu círculo, e para suas análises literárias, procuraram entender como estes conceitos se refletem na relação entre leitor e literatura, e o que este relacionamento cria socialmente.

Ao entender a literatura a partir da raiz dialógica da língua, os autores — tanto Bakhtin como Ponzio quanto Volochinov — percebem como a literatura utiliza diversos discursos diferentes para construir uma história coerente; a literatura reflete então uma variedade linguística existente em nossa sociedade, ou seja, trata-se de “uma diversidade social de linguagens organizadas artisticamente” (BAKHTIN, 2022, p.74).

E, ao trazer esta diversidade social de linguagens, torna possível um embate discursivo entre texto e leitor e também um embate discursivo dentro do próprio texto, entre personagens e entre personagens e autor. Este movimento abre espaço para a revelação de novos sentidos e

significações possíveis dentro daquele discurso, abre espaço para a dialogicidade presente em nossa sociedade, revelando assim diversas realidades e sentidos presentes em cada discurso, escrito, lido e pensado.

Este encontro de sentidos se torna importante, pois “Um sentido só revela as suas profundezas encontrando o outro, o sentido do outro” (Bakhtin, 2017, p. 15), e ao possibilitar este encontro de sentidos dentro do próprio texto, a linguagem literária escancara a raiz plurilinguística da língua e da palavra. Por isso vejo ser possível afirmar, assim como Ponzio, que “A palavra literária oferece a possibilidade de entender a plena estrutura dialógica da palavra” (PONZIO, 2020, p.61).

Vejamos, por exemplo, durante o debate que serviu de objeto de estudo desta pesquisa uma fala de um participante que se relaciona com este aspecto:

“No final do texto, quando ele encontra o rato, ele se identifica com o rato. Ele não trata o rato como uma situação; ele se espelha, se identifica com a situação do rato. E daí, dá para pensar muito em relacionar com o contexto do “Homens de Papel”. Por isso que você falou, Participante A, que aquelas pessoas estão lá naquele contexto e que há uma impossibilidade de viver, mas de sobreviver. Esse título que você deu é muito interessante. E agora, lembrando do texto, esse lugar que a gente já conversou, em outros momentos, da agressividade que eles tinham com os outros está neste lugar também de sobrevivência. Claro que naquele contexto todo mundo é colocado como inimigo. Mas a agressividade, combater o outro, está no lugar de sobrevivência. E a gente estava falando lá das empresas e desse discurso corporativo, essa coisa do êxito da empresa ser o seu próprio êxito, você ser responsável pelo futuro, também coloca os outros num lugar de um ambiente competitivo o tempo todo.”

Esta fala foi feita durante o terceiro e último encontro de debates, e justamente por isso as diversas relações entre textos, falas anteriores e suas próprias experiências puderam se condensar tão bem na fala deste participante. As quatro primeiras sentenças são justamente o participante referenciando outros textos no qual este faz um exercício de “relacionar”, como o próprio participante revela, a utilização de outras palavras e termos como “lembrando do texto” ou “em outros momentos”, nos mostram esse exercício de revelação de sentidos e de dialogicidade.

O participante inicia sua fala trazendo um elemento do conto “Homem ou Rato” de José Falero, porém o rato cria diversos sentidos e estes sentidos vão se entrelaçando com o texto de Plínio Marcos - “Homens de Papel” - com outras falas feitas pelos participantes em

momentos anteriores e até mesmo com discursos sociais sobre performance em locais de trabalho, que fica evidente quando o participante relembra a discussão feita anteriormente - e aprofundada no capítulo anterior - sobre sobrevivência, possibilidades e impossibilidades de viver. Nas palavras do próprio participante, *“lembrando do texto, esse lugar que a gente já conversou, em outros momentos, da agressividade que eles tinham com os outros está neste lugar também de sobrevivência.”*.

No conto de José Falero o rato está se afogando em um balde com água, e luta para nadar e sobreviver. Nesta fala o participante não só percebe as diversas formas como o autor se espelha no rato para entender a própria luta por sobrevivência, mas também aponta como isso se relaciona à luta por sobrevivência e a competição dos personagens do texto de Plínio Marcos. E, por fim, relaciona com o discurso corporativo - também competitivo e muitas vezes desumano - que tinha sido discutido anteriormente, e que perpassa a vida dos participantes de diferentes maneiras.

Sendo assim, o sentido aqui se revelou a partir do contato com o sentido do outro. O autor José Falero deu diversos sentidos à batalha do rato em seu conto, porém o participante encontrou e revelou ainda outros sentidos, que se revelaram a partir de sua leitura deste e de outros textos, de sua leitura de mundo e do seu entendimento dos discursos presentes em seu dia a dia.

Percebo então como esta fala revela o desvelamento da dialogicidade da palavra e do discurso a partir da própria língua e dentro da própria linguagem utilizada. Fica claro, então, que a literatura não só não apagou a responsividade ativa do leitor, como possibilitou a sua amplitude, pois o participante, ao ter contato com a literatura, se posicionou acerca do que estava acontecendo na história, se aproximou e se distanciou de cada personagem e refletiu sobre as suas próprias opiniões e leituras de mundo a partir das perspectivas apontadas na leitura literária sendo feita.

Este movimento dialógico entre texto e leitor foi justamente o que procurei compreender durante os encontros literários analisados e durante toda a escrita desta dissertação. Dentro da análise dos discursos feitos, busquei me aprofundar justamente nesta relação entre texto literário e leitor, e como as suas opiniões acerca daquilo que o autor estava tratando foram questionadas, respondidas, ironizadas... Ou seja, procurei entender como este plurilinguismo, tão intrínseco ao movimento de leitura literária, poderia ser percebido dentro dos discursos feitos pelos leitores em debates sobre a literatura lida

Escolhi a linguagem literária para compreender o movimento dialógico descrito, pois o movimento de heteroglossia dialogizada entre texto, leitor, autor e personagens se tornam não só possível, como latente dentro da linguagem literária, pois “o poeta trabalha o tempo todo com o consentimento ou o não consentimento, com a concordância ou a discordância do ouvinte” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 131).

Então, ao trazer diversos pontos de vista e embates discursivos, o ouvinte, neste caso o leitor, se encontra a todo momento durante a sua leitura em um papel ativo de concordância ou discordância acerca daquilo que ele está lendo, acerca das atitudes dos personagens, acerca das realidades apresentadas, das opiniões do narrador ou autor, e acerca de como todas estas questões que perpassam o texto perpassam também a sua realidade vivida.

Durante o debate literário foi possível ver isto em diversas passagens, porém ressalto uma que considero especialmente interessante, quando os participantes relataram:

Participante B: É, eles brigam muito no texto. Eu lendo e... meu Deus, como eles brigam, mas eu acho que pode pensar que também, refletindo sobre isso na realidade, porque as brigas vão ficando recorrentes, porque elas têm outro lugar. Enfim, eu acho que, nesse caso, se a gente quiser pensar nele, no texto, fazendo um paralelo com o contexto atual, com a realidade, né? Acho que dá um lugar de representação de conflitos de vários outros tipos de manifestação de conflitos de outras maneiras que não são necessariamente físicas.

Participante A: É, parece que ali eles sempre estarem brigando, parece que não existe uma comunicação assim entre eles, né? Fica ali, eles estão trabalhando, mas não existe uma comunicação certa do que realmente está acontecendo, né? E ao mesmo tempo que eles estão juntos ali trabalhando, eles são individualistas, né? Eles ficam pensando neles mesmos, nos problemas deles, né? Não no contexto geral, né?

Destaquei exatamente este ponto, pois aqui é possível compreender a relação dos participantes com os personagens do texto. Os participantes mostram a sua irritação com algumas das atitudes dos personagens e com a forma como eles estão em constante discussão uns com os outros. Os participantes relatam que conforme iam lendo o texto perceberam que “eles brigam muito” e usando expressões para enfatizar esta percepção e o número de brigas ainda falaram “meu Deus, como eles brigam”.

Neste trecho, os participantes estão se referindo especificamente aos personagens do texto “Homens de Papel” de Plínio Marcos, e uma recorrência comum no texto é o conflito entre os próprios catadores de papel. Este constante conflito vai mudando a percepção dos

participantes sobre os personagens. Muito embora eles entendam que muitos conflitos se dão pela situação de extrema precariedade que os personagens vivem, eles também percebem que existe uma falta de consenso e de união que torna os personagens muitas vezes individualistas em relação a problemas coletivos.

Além disso, o participante B ainda relacionou os constantes conflitos vivenciados pelos personagens aos constantes conflitos, de âmbito físico ou não, os quais acontecem no nosso dia a dia. O trecho em que o participante diz *“fazendo um paralelo com o contexto atual, com a realidade, né? Acho que dá um lugar de representação de conflitos de vários outros tipos”* nos mostra como o participante relaciona o que está sendo vivenciado pelos personagens, com as suas próprias vivências.

Este trecho nos mostra também esta constante concordância e discordância com as quais um leitor se depara ao ler um texto. Os participantes - ao reclamarem das atitudes dos personagens e ao aproximarem os conflitos dos personagens aos seus - materializam em seus comentários, de maneira bem clara, como as atitudes e pensamentos dos personagens vão sendo lidos e avaliados pelos leitores e como isto pode influenciar a sua leitura da história e também a sua leitura de mundo.

Portanto, podemos perceber também como este conflito baseado na concordância ou discordância do leitor se torna ainda mais latente na linguagem literária, pois o leitor vivencia a história a partir da palavra de outros, a partir de um uso da linguagem não funcional que cria um afastamento que lhe permite refletir sobre os diversos discursos ali existentes com uma certa distanciação da realidade, passando a olhá-la de forma indireta.

O leitor passa então a vivenciar a história a partir de um certo afastamento, possibilitando que ele veja e reflita sobre as diversas situações retratadas a partir de diversos pontos de vista, que podem ou não ser os seus. Este afastamento, porém, não impede que ele se relacione com a literatura correlacionando-a com os outros pontos de vista da história, mas também com suas próprias vivências e leituras.

Existe uma relação entre texto e leitor, e se trata de uma relação “distanciada, mas não indiferente, própria da palavra literária que dá voz a “percepção dupla”: vejo um objeto, sinto um sabor, ouço um som e cada um deles me remete a um outro objeto, a um outro sabor, a um outro som, a uma outra situação, a uma outra experiência” (PONZIO, 2020, p.63)

Esta “percepção dupla” é também o que possibilita que o leitor questione e reflita sobre as suas próprias concepções sobre a história. Durante os encontros literários foi interessantíssimo ver como esta “percepção dupla” se mostrava nos confrontos de visões sobre a literatura trabalhada, este afastamento permitiu a reflexão sobre as questões ali presentes de uma forma diferente, era ao mesmo tempo uma situação não vivida materialmente, mas vivida a partir da relação dos leitores com o texto e com a linguagem.

Observemos, por exemplo, como o participante cria esta “percepção dupla” - ou seja, como o participante relaciona pontos do texto a outros pontos de sua vida - quando aponta:

“Ali no início, nesse parágrafo mesmo do N.A., tem a última frase do parágrafo. ‘Um dia de cada vez e assim vai ficando mais fácil engolir a existência nesse mundo sombrio.’ Essa frase eu destaquei aqui porque eu achei uma frase muito forte. Mas se for olhar, é interessante pensar nesse texto, na figura do rato que a gente tá falando. Que o rato tá ali na água e ele fala que o rato caiu, ele não podia se deixar afogar, mas ele também não conseguia sair dali. Ele não morria ali, mas ele também não conseguia sair daquela situação. E esse desespero do rato, tentando nadar, bater as pernas para sobreviver, parece ser uma analogia, uma representação visual disso que a gente tá falando. Esse desespero e essa busca por sobrevivência, não necessariamente viver, mas sobreviver.”

Aqui retirei novamente um trecho no qual o participante se refere ao texto “Homem ou Rato” do José Falero. Podemos perceber como o participante se relaciona de uma maneira emocional com o texto e vai aos poucos percebendo o que ele descreve como “uma analogia” entre o que está sendo discutido e aquilo que foi escrito pelo autor, nas palavras do participante o que ele percebe é “uma representação visual disso que a gente tá falando”.

Ou seja, a partir da leitura, ele vê uma situação e um objeto e relaciona-os a outras situações e outros objetos que foram sendo discutidos durante todos os encontros. Ainda se referindo ao mesmo texto, o mesmo participante descreveu as suas sensações durante a leitura abaixo:

“Esse texto bateu muito, muito forte, gente. Bateu até um pouco quebrado. Por que essa coisa. Eu nunca tinha parado para pensar nisso, essa questão do narcótico. Eu não podia entender todo dia como uma batalha. E me parece que isso é algo muito constante na vida. Justamente pelo contexto, não ser o mundo mais favorável dos mundos, tu encarar a vida como só precisa chegar ao fim do dia, só precisa chegar até o fim da semana, só precisa dar

conta desse mês. E meio que a noção de tempo vai sendo de dar conta de tudo que está acontecendo.”

Neste trecho, fica ainda mais clara a relação emocional criada pelo leitor com o texto e como este relacionou o texto com a sua própria vida. Logo no começo do conto, o autor cita a sua relação com os Narcóticos Anônimos e então relaciona isso com a luta do rato que estava se afogando. O participante então relaciona tudo isto com a própria vivência em uma sociedade desigual e baseada no lucro. Nesta fala podemos perceber como este sentido de batalha diária em que todos tentam chegar ao fim do dia se conectou com as suas experiências e este percebeu como assim como o rato e assim como no NA muitas vezes a sobrevivência exige que encaremos a vida *“como só precisa chegar ao fim do dia, só precisa chegar até o fim da semana”*.

Aqui é possível perceber como o leitor, ao ter contato com a literatura, respondeu a partir de suas outras leituras e de suas vivências. Este fez relação com coisas fora do texto fazendo relação com a sua vida e com a noção de tempo e de responsabilidades. Porém fez também relações com objetos dentro do próprio texto escrito com os narcóticos anônimos e as batalhas diárias. Ampliando as próprias relações que o texto fez com pontos, objetos e situações dentro e fora dele.

Esta experiência - de compreensão e análise dos discursos feitos no grupo focal de debate literário - atrelada à teoria que me permitiu analisá-la, me mostrou então como a literatura cria este plurilinguismo dentro do texto, cruza diversos discursos diferentes sendo proferidos por uma diversidade gigantesca de realidades e pontos de vista, que são respondidos tanto dentro do texto pelos próprios personagens ou pelo autor, como fora dele pelo leitor e pelas realidades e discursos que o perpassam.

Percebo então que o texto literário, por ser este espaço dialógico, permite perceber como diferentes discursos se relacionam, se cruzam e se sobrepõem. Ou seja, como os discursos, tanto dentro do texto como fora dele, são uma ponta do emaranhado de discursos que circulam pela nossa sociedade.

Desta forma, dentro da história literária não há apenas o autor com suas ideias e ideologias; existem diversas vozes se perpassando. Essas vozes podem representar diversos aspectos sociais diferentes e podem alterar o referencial do texto constantemente. Na palavra literária *“Não há um eu como referente fixo, como proprietário daquilo que é dito e do estilo no qual é dito. Não apenas conteúdos, ideias do escritor não respondem: eles pertencem a vozes diferentes a*

pontos de vista diferentes, ao personagem, ao narrador, ao eu da composição lírica” (PONZIO, 2020, p.68)

Ao nos atentarmos ao conto discutido durante os grupos de debate desta pesquisa, chamado “Um país dividido em dois”, podemos notar isto muito bem, pois o autor José Falero empresta suas palavras e suas páginas para contar uma história que não é a sua, e sim a de um senhor que ele chama de ‘Baiano’. Durante toda a história, as ideias e ideologias dos personagens se intercalam com a ideia e a ideologia do autor. Em determinado trecho, ele narra o encontro entre a polícia, uma senhora que denunciou um “gato”¹⁶ de água e um dos homens que estava fazendo esta ligação de água irregular.

Conforme os personagens vão falando, vamos percebendo os seus posicionamentos em relação à situação; a senhora que denunciou, por exemplo, aparece e relata que ela é contra o “gato”, mesmo isto não alterando em nada o seu acesso à água. A sua fala deixa claro que ela era contra que outras pessoas da mesma comunidade passassem a ter acesso à água encanada assim como ela.

O Seu Baiano, que estava fazendo a ligação, logo se explica dizendo “Tô ligando a água. Não só pra mim, mas para todo mundo que não tem.” (FALERO, 2021, p.184), nos mostrando que, ao contrário da mulher, ele pensava constantemente no coletivo, e por fim os policiais decidem ir embora e deixar que a ligação irregular seja feita.

Após esta exposição dos personagens e suas atitudes, José Falero opta por então dar a sua opinião; ele diz: “Essa pequena história, me parece, é quase capaz de descrever o Brasil inteiro.” (FALERO, 2021, p.184) e então o autor passa a narrar como cada personagem ali descreveu um pouquinho do que é a dinâmica de privilégios e acessos a bens básicos dentro do nosso país.

Muito embora durante todo o texto ele tenha alguns momentos de exposição de sua opinião sobre o ocorrido, ele está também constantemente mudando o referencial do texto, que até então era ele mesmo, para expor então o ponto de vista de um outro personagem. Ponto de vista com o qual ele não necessariamente concorda.

Temos então um espaço linguístico no qual aquele que constroi o discurso não é necessariamente o referencial daquela fala ou texto, o autor não expõe somente as suas ideias, e mesmo quando às expõe não é se colocando como referencial daquilo que está sendo dito,

¹⁶ “Gato” aqui se refere ao termo popular utilizado na língua brasileira para se referir a uma ligação clandestina e irregular dos serviços públicos como água, luz, internet e TV. Esta prática se torna comum em espaços desassistidos pelo poder público, onde a única forma de garantir o acesso à bens básicos se tornam estas ligações irregulares.

em outras palavras “na escritura literária o autor não escreve seu papel social, sua posição social.” (PONZIO, 2020, p.68), e é justamente por isso que na literatura é possível que diversos discursos, pertencentes a diversos espaços sociais diferentes, se intercalem, se sobreponham, se questionem e se respondam.

Se trata de uma total abertura ao plurilinguismo de discursos, de gêneros discursivos, de ideias, de ideologias, de leituras de mundo ... é um espaço linguístico em que é possível uma organização harmônica de

“todos os seus temas, todo seu mundo objetual, semântico, figurativo e expressivo. O discurso do autor, os discursos dos narradores, os gêneros intercalados, os discursos das personagens não passam de unidades básicas de composição com a ajuda das quais o plurilinguismo se introduz no romance.” (BAKHTIN, 2002, p.74)

O autor, dentro da linguagem literária, possibilita a escuta de diversas vozes dentro da palavra. Neste gênero abre-se espaço para a complexidade do diálogo e da linguagem, entendendo-os como formas vivas cheias de discursos capazes de se relacionar com outros discursos de forma direta e indireta, capazes de refletir diversas vozes dentro de uma mesma fala.

A linguagem literária tem o poder de colocar em evidência então “a palavra outra não apenas a palavra dos outros, mas também as outras vozes que ressoam na palavra de um ‘mesmo’ sujeito que o mesmo sujeito, justamente pela sua pretensão de propriedade, de liberdade da palavra, não sabe escutar” (PONZIO, 2020, p.76)

Ao estudarmos a palavra literária, podemos perceber então as diversas interlocuções dentro de um discurso. É possível perceber um pedaço desta eterna rede de fios discursivos que perpassam as falas e discursos de uma pessoa, neste caso de um personagem, e partir desta percepção é possível, se relacionar com os textos a partir de uma palavra que não seja sua, a

“mediação da palavra literária permite chegar a outra palavra deixando-a outra, escutando-a na sua alteridade, não reduzindo a objeto, nem reportando tal e qual como palavra do eu, ou seja, do ponto de vista do sujeito que a considera ‘própria’, sua ‘propriedade’, sua posse, seu instrumento, palavra para ele totalmente familiar e por ele domesticada, sem estranheza, sem alteridade, sem liberdade” (PONZIO, 2020, p.80)

Justamente por essa abertura do gênero literário é possível perceber como a palavra literária é essencialmente dialógica, já que, como dito anteriormente, ela abre espaço para a heteroglossia dialogizada de diferentes vozes, sejam elas do texto ou do leitor.

Esta abertura se encontra de forma mais evidente na linguagem literária do que em outros gêneros do discurso, pois é uma linguagem que permite a alteração do ‘referencial’ do texto, criando uma dialogicidade que transpassa o texto e a relação entre texto literário e leitor de diversas formas, por isso “A palavra do gêneros literários tem sempre, ainda que em graus diferentes, uma maior dialogicidade do que aquela do gêneros não-literários” (PONZIO, 2020, p.77)

E ao abrir espaço para este plurilinguismo ela também abre espaço para as diferentes significações e temas possíveis dentro de um único signo, a organização artística e dialógica do texto literário permite uma brincadeira entre a grafia das palavras e suas diferentes significações e temas, trata-se de um movimento que “libera os significantes, que recusam assim os percursos interpretativos, os significados habituais. [a literatura] Usa a linguagem verbal de maneira que esta não tenha compensação num objetivo, que não se justifique com uma função” (PONZIO, 2020, p.65)

Esta forma de relacionar as diferentes significações e temas das palavras produz um efeito na relação entre texto e leitor que somente a linguagem literária se torna capaz de produzir. Ela impõe no relacionamento entre texto e leitor possibilidades de diferentes leituras de mundo a partir de uma brincadeira entre signos, suas significações e seus temas. E os próprios diferentes papéis existentes dentro daquela literatura possibilitam uma ironia ao lidar com a língua e suas significações, criando assim uma abertura a outros sentidos.

Nas palavras de Ponzio: “O calar da palavra literária desvia o sentido subvertendo não o conteúdo mas a própria prática do sentido, desvirtuando a prática da *significação* com a da *significância*.” (PONZIO, 2020, p. 65).

Então, a linguagem literária, ao brincar com os signos e suas diversas significações - produzindo de maneira artística uma responsividade à própria palavra e ao texto - traz à luz as diferentes vozes e discursos. Vozes estas muitas vezes silenciadas em nossa sociedade. Discursos estes muitas vezes desvalidados socialmente em prol de um discurso hegemônico com maior poder e relevância social.

Os participantes revelaram isto muito bem, ao dizer durante o debate:

“Participante A: Que daria para relacionar com a comunidade da periferia. Essa questão do rato, principalmente ali com os homens de papéis. O que o rato estava fazendo ali é praticamente o que o grupo dos catadores estava fazendo. Estavam ali, mas eles não conseguiam sair do que eles estavam pensando em sair. Eles tinham um pensamento; eles estavam meio que pensando, mas o sistema era tão opressor que eles não conseguiam sair daquele mundo em que eles estavam.

Participante B: No final do texto, quando ele encontra o rato, ele se identifica com o rato. Ele não trata o rato como uma situação ruim; ele se espelha, se identifica com a situação do rato. E daí, dá para pensar muito em relacionar com o contexto do “Homens de Papel”. Por isso que você falou, Participante A, que aquelas pessoas estão lá naquele contexto e que há uma impossibilidade de viver, mas de sobreviver.”

Aqui podemos perceber como as duas literaturas abrem uma fresta libertária para que a realidade dos oprimidos ganhe espaço. De forma muito coerente, eles relacionam a luta pela sobrevivência do rato que está prestes a se afogar no conto “Homem ou Rato” de José Falero com a luta pela sobrevivência dos catadores de papel no texto “Homens de papel” de Plínio Marcos.

O discurso feito por estas populações periféricas, que são constantemente silenciadas dentro da sociedade capitalista neoliberal, ganha dentro do espaço literário uma voz, um local no qual é ouvida. Sendo assim, podemos perceber como o discurso hegemônico tem seu local monofônico questionado, pois os leitores, ao terem contato com o texto literário, param para ouvir outras vozes e se encontram com a dialogicidade da língua.

Ao me deparar com este relato, percebo então que se trata muitas vezes de uma possibilidade de alteração de espaço discursivo. A literatura, muitas vezes, possibilita a escuta do outro, possibilita que as diferenças e posições sociais não impeçam a relação e o contato do leitor com discursos falados e construídos em locais sociais diversos do seu, pois

“A palavra literária trapaceia, engana o discurso da identidade, da diferença, dos papéis. Esta ‘trapaça com a língua’ (Barthes), este jogo, que engana com os signos, é a ironia da escritura literária, que Bakhtin considera forma do calar, um modo de calar o discurso dominante, de defender-se do seu ruído ensurdecedor” (PONZIO, 2020, p.69)

E ao utilizar as diversas significações para possibilitar esta abertura a diferentes vozes e a diversos discursos que atravessam o texto, a literatura também possibilita um embate

discursivo latente. A dialogicidade, que aparece intrinsecamente dentro do texto, privilegia o embate entre discursos, seja dentro do próprio texto, seja entre texto e realidade.

Existe então uma abertura a discursos periféricos dentro da materialidade literária, uma abertura à criação de questionamentos e respostas ao discurso dominante. Este jogo artístico lexicográfico retira a linguagem de seu uso comum e rotineiro e coloca-a em um espaço de reflexão sobre as formas em que nos relacionamos e utilizamos a língua.

Ela abre espaço para a escuta, mas também para a fala, a palavra literária “evita o sentido dominante do universo da palavra direta, monológica, o sentido óbvio ligado à imposição do silêncio e do querer ouvir, retirando os significantes de seus percursos interpretativos costumeiros” (PONZIO, 2020, p.65)

Durante os encontros literários - explorados durante toda esta dissertação - foi possível perceber exatamente esse desvio do sentido dominante; os participantes, ao entrarem em contato com os textos literários propostos - e ao entrarem em contato com a visão uns dos outros sobre aqueles textos - criaram novos significados e significação para palavras, signos e até para situações que os perpassam diariamente.

Ou seja, ao terem contato com a palavra em sua forma artística, que ia contra os sentidos totalitários impostos pela hegemonia neoliberal, eles se aprofundaram cada vez mais nas possíveis formas outras de ler o texto e seu mundo; eles se aprofundaram cada vez mais na própria dialogicidade da palavra.

Isto ficou muito claro quando um participante relatou que:

“E também tem uma coisa, esse texto tem umas partes, assim, umas canetadas, assim, que tu fica pensando. Tem uma parte, eu estou tentando achar nas minhas anotações, que ele fala que o rato estava desesperado, ele se afogou, mas o balde estava... estava pela metade da água, estava pela metade da água. E é muito louco pensar que o rato se afogou em pouca água, né? Sei lá, dá para fazer uma analogia, mas parece muito poético isso. Enfim, não tinha uma imensidão de água ali, e mesmo assim, naquele lugar, o rato se afogou, assim, parece que o pouco é insustentável ali, sei lá.”

Aqui noto como o participante vai percebendo como o autor está a todo momento saindo do sentido dominante da língua, seja pelas suas “canetadas” a que o participante se refere - às quais são críticas às formas como o sistema neoliberal cria a desigualdade e lucra a partir dela - até a forma como o rato e suas dificuldades são apresentados.

O texto e o autor não só criam um espaço questionador aos movimentos monofônicos que a linguagem dominante tenta criar, como também utilizam o seu toque poético e literário para fazer com que o leitor ouça o seu ponto de vista e repense a organização da sociedade em que vivemos.

O próprio participante percebe isso ao relatar que durante a leitura dava pra fazer diversas analogias com a luta por sobrevivência do rato - que acabou por se afogar em pouca água - mas que ao mesmo tempo parecia muito poético o fato de que “*pouco é insustentável ali*”.

Veja, este exemplo materializa como a raiz artística da palavra literária permitiu que a linguagem não fosse utilizada de forma fechada. A linguagem, dentro de sua forma literária e artística, passa então a ser uma forma expressiva em que o significante da palavra vai além daquele imposto socialmente.

Aqui o rato não era considerado “nojento”, nem remetia à sujeira como muitas vezes podemos relacionar este animal. Neste conto, o rato era mais um ser vivo lutando por mais um dia de vida; os momentos antes de se afogar são refletidos, relacionados e aproximados às vivências próprias do ser humano. Aproximando rato de ser humano e criando uma nova forma de entender o significado do ser vivo “rato”.

Na literatura a linguagem desloca as significações, os discursos, e a comunicação como um todo, ela utiliza desta abertura para criar um jogo de significados para além daqueles da realidade, ou seja “A palavra literária tira a escrita da sua função de transcrição, e como diferenciação, deslocamento, desperdício, ou seja, por seu excedente em relação à função cognitiva, comunicativa, manipuladora da linguagem verbal, confere à escritura o caráter de ‘jogo de fantasia’ (Pierce).” (PONZIO, 2020, p.73)

Desta maneira não se trata de apenas propor mais um sentido a uma significação imposta pelo discurso dominante. Trata-se de perceber a dialogicidade existente na raiz da língua - que se faz presente na literatura - e de perceber também como na literatura essa dialogicidade e essa heteroglossia dialogizada constroem a história sendo escrita, por isso “a palavra literária não contrapõe um outro sentido que se soma ao sentido dominante, ao sentido óbvio (Barthes, 1982), mas ‘abre completamente o campo do sentido’, ‘abre para o infinito da linguagem’.” (PONZIO, 2020, p.65)

Ou seja a palavra literária ao possibilitar a escuta de diversas vozes que perpassa o texto, ao ironizar e trazer à luz diferentes significações para os signos construídos

socialmente, e ao utilizar de sua raiz artística para fantasiar e criar diversas possibilidades de significações e de realidades, cria também um espaço de questionamento e responsividade aos processos centrípetos e centrífugos do discurso, pois “o romance, e os gêneros literários e prosaicos que ele atrai para si, constituíram-se historicamente na corrente das forças descentralizadoras e centrífugas” (BAKHTIN, 2022, p.83)

E ao criar espaço para os movimentos centrípetos e centrífugos do discurso, a literatura possibilita também o questionamento a discursos hegemônicos que se fazem presentes socialmente. No caso de nossa sociedade, a literatura - ao abrir espaço para a dialogicidade da língua, do discurso e dos signos - permite um embate entre as diversas faces do discurso neoliberal, que tenta se impor de forma totalitária em nossa sociedade, e as mais diversas formas de discurso periférico, que se formam no processo centrífugo da língua .

Sendo assim, a literatura se torna um local de quebra do discurso hegemônico imposto socialmente, que busca se fazer monológico na tentativa de impor seus ideais e ideologias. Porém, este discurso imposto socialmente ao entrar em contato com espaços plurais e gêneros linguísticos abertos à dialogicidade da língua - como é o caso do gênero literário - passa a participar do processo descentralizador da língua.

O discurso neoliberal, ao entrar em contato com a literatura, tem seu local monofônico e impositivo questionado e se torna mais uma das vozes e discursos construídos a partir da linguagem. Passando assim a ser respondido e questionado por todos os outros discursos e vozes presentes no texto e em nossa sociedade, que criam uma teia infinita de vozes que influenciam e perpassam o texto e o leitor.

Um participante expôs isto muito bem ao dizer:

“Eu fiquei pensando, relacionando com as coisas da vida, né, que é esse o ponto da questão, que, às vezes, eu me sinto, enfim, uma pessoa, eu sou uma pessoa que tem muitos privilégios na vida, e daí, quando eu olho para a realidade do planeta, eu sinto que eu não posso reclamar de nada. Porque eu não posso me sentir desconfortável, justamente porque existem contextos muito cruéis, assim. E daí, realmente, parece que é uma tempestade em um copo d'água, mas também nesse lugar de que o mínimo, o mínimo já causa um desconforto muito grande, porque naquele contexto não é um contexto bom. Para o rato, não fazia diferença se era muita água ou pouca água. Ele ia se afogar porque era água, né. Meio que nesse lugar, assim, de que a gente está conversando sobre isso, que, enfim, a gente está num contexto cada vez mais competitivo, mais individualizado, que, enfim, as nossas relações sociais, as nossas

relações de trabalho nos colocam para competir uns contra os outros. Parece que está tudo tão ao extremo que o pouco já se torna algo muito grande, assim. O pouco se torna insuportável, né? Porque justamente a gente já está suportando tanto que nem o autor do texto. Suportar um dia após o outro, aguentar um dia após o outro. Daí, enfim, é uma pressão de ter que aguentar tudo o tempo todo. E, diariamente, é a partir do momento em que algo que poderia ser lidável, fazendo um auge com essa questão da pouca água, se torna, enfim, uma gota d'água transborda.”

É muito importante perceber o questionamento a diversos discursos que o participante faz neste trecho. Não são só percebidas as diversas formas de dificuldades criadas pelo sistema neoliberal, mas também a forma como ele se sentia ou não permitido reclamar destas opressões.

Ao tirar - durante o processo de leitura e debate - o discurso neoliberal e as suas diversas facetas deste local impositivo e monofônico, tornou-se também possível questionar a própria invalidação de seus sentimentos em relação à realidade opressora que tomava e continua tomando conta de sua vida.

Ao expor que muitas vezes se sentia desconfortável em reclamar de alguma desigualdade ou opressão que passava ou presenciava, pois existiam contextos muito mais cruéis que o seu, ele mostra também uma forma de desvalidação social de suas percepções ou sentimentos. Porém, o participante mesmo questiona esta desvalidação ao falar que “*Para o rato, não fazia diferença se era muita água ou pouca água. Ele ia se afogar porque era água, né.*”

Trata-se de uma superação da linguagem artificialmente monológica imposta pelas classes dominantes a partir da própria língua que se faz dialógica por natureza; é uma quebra de uma imposição linguística através da própria linguagem. Este movimento parte do diálogo entre literatura e leitor para assim expor a dialogicidade presente nas palavras, na língua e nos discursos que nos perpassam: “A palavra literária, através do emprego das potencialidade dialógicas da língua às quais alguns gêneros literários são especialmente sensíveis, supera a língua através da mesma língua” (PONZIO, 2020, p.72)

À vista disso, a literatura - ao utilizar a linguagem de forma não objetiva e funcional - cria a possibilidade de representação social através da linguagem de forma artística, não

produtiva, respondendo assim às formas e discursos produtivistas presentes em nossa sociedade.

Trata-se de um espaço em que se responde à valoração da produção constante como forma de vida, um espaço no qual o parar para pensar, questionar, ouvir e responder não só se torna possível, mas é necessário; trata-se de um direito à vida para além do cerceamento capitalista das formas de viver, uma vida para além do culto ao capital.

Se cria então o que Ponzio chama de ‘alteridade’, esta alteridade “não é aquela relativa a papéis sociais, às posições sociais, profissionais, etc...” (PONZIO, 2020, p.142), é uma alteridade na qual ao entendermos nós e os outros como seres únicos e não substituíveis, ao invés de meios de produção com valor instrumental, passamos a nos entender como seres humanos no sentido mais profundo da palavra, onde a nossa identidade relativa a um papel social passa a ficar em segundo plano.

Passa-se a se relacionar com o que há de humano em cada um de nós; o foco então não se torna a unificação e concordância com a identidade social do leitor ou do autor especificamente, mas sim a abertura aos outros com os quais está se relacionando na história sendo lida e contada e, conseqüentemente, em sua vida.

A alteridade é então este direito a ser humano e a entender o outro como humano. É um conceito em que a sua posição social e a sua produtividade dentro do sistema capitalista não definem o seu valor, pois a alteridade entra “Em contraposição à ‘produtividade’, que move e orienta todo o sistema de comunicação-produção, o direito à alteridade se especifica como ‘direito à infuncionalidade’.”(PONZIO, 2020, p.142).

E como direito à infuncionalidade, a alteridade promove então o direito à vida para além da relação com o capital, para além da relação produção-consumo que o sistema capitalista neoliberal tenta promover de forma hegemônica.

Esta alteridade se faz presente dentro da literatura justamente porque a literatura se comunica através de uma palavra artística e indireta, que, ao mesmo tempo que promove a resposta àquilo que é contado, também promove a escuta de outros discursos. Ao mesmo tempo que dá voz a um discurso específico, permite que diversos outros que o perpassam o questionem e o respondam; é uma “forma de calar, alusiva, parodística, irônica; esta forma de riso talvez seja aquela que hoje mais afirma os direitos de alteridade contra a homogeneização da identidade pela comunicação do silêncio” (PONZIO, 2020, p.67).

Observemos, por exemplo, a fala de um dos participantes durante o debate:

Eu acho que conforme a gente vai lendo os livros, eu acho que eles são partes do mesmo texto. Você vai criando um personagem, ele está falando em primeira pessoa, eu imagino que ele está falando da vida dele, mas você vai desenhando esse personagem, você localiza ele enquanto pessoa, porque ele é um trabalhador, uma pessoa que trabalhava, uma pessoa normal que trabalhava. Ele estava localizado neste espaço; estava naquele lugar. E daí esse último texto meio que cria uma identidade para ele em relação consigo mesmo, sobre o que ele sente, sobre algo que aconteceu. Ele consegue entender que, por exemplo, ele é uma pessoa que teve um problema com drogas, e isso afetou a vida dele em alguma medida.

Aqui o participante percebe como o texto literário o levou progressivamente a se relacionar cada vez mais com a alteridade do autor que estava contando as histórias, passando a localizá-lo não só por sua profissão, ou posição social, mas sim ao o que aparece em sua fala como “*identidade para ele em relação consigo mesmo*” o qual, fica claro durante o restante de sua fala, se trata deste entendimento dele como ser humano a partir de suas dificuldades, pensamentos e vivências, ou seja, a partir de sua alteridade.

Desta forma, posso perceber como a linguagem literária necessariamente coloca o seu leitor em relação a aquilo que está fora de si, em relação a outros, a outras realidades e outras experiências de vida. Sendo assim a palavra literária é em todos os sentidos “irredutível ao horizonte do Ser, ao horizonte das possibilidades do Mesmo da Totalidade” (PONZIO, 2020, p.67) e por isso a linguagem literária questiona sistemas monofônicos hegemônicos, como o sistema capitalista neoliberal, que tenta impor uma única forma de linguagem, que carrega em si a aceitação à uma única forma de ver a realidade que nos cerca, e que procura dominar as formas de se imaginar o mundo e a vida em sociedade. Por isso

“Assumir o ponto de vista da palavra literária significa recusar a presunção, a pretensão e a arrogância de um sujeito sempre pronto a responder pela própria palavra, sempre pronto a justificá-la e esclarecê-la. A escritura literária põe em crise o direito de propriedade sobre a palavra e a própria categoria de sujeito” (PONZIO, 2020, p.67).

Então, ao tomar a linguagem aberta à pluralidade discursiva e à palavra literária como essencial a todos os ambientes da vida humana, se propõe uma visão de vida contrária à visão de vida imposta pelo sistema capitalista neoliberal; trata-se de um questionamento ao uso da linguagem como forma de dominação social. Passa-se a entender como “O direito à vida, enquanto não estiver ligado com o direito à infuncionalidade, permanece dentro de uma visão do

homem como meio, reduzido à capital, que precisa ser valorizado ‘por toda sua vida ativa’.” (PONZIO, 2020, p.142)

José Falero, quando conta em seu livro “Em que mundo tu vive?” sobre como se apaixonou pela literatura no conto “Caminho das letras” diz “Não era por achar que ler pudesse me fazer algum bem que eu lia. Lia porque tinha me viciado. Lia porque era a maior fonte de prazer que tinha descoberto a vida inteira” (FALERO, 2024, p.211). Dentro de sua realidade dura e desigual (o que é algo não só perpetuado pelo capitalismo mas também um dos seus sustentos, já que realidades desiguais que obrigam as pessoas a produzirem sem pausa é o que permite o lucro infinito do capital) a literatura se mostrou um local improdutivo no melhor sentido que podemos dar à esta palavra, pois se tornou um local no qual ele podia viver para além do cerceamento capitalista, um local em que ele poderia conhecer outras formas de ver o mundo e a vida. A literatura se tornou um local onde ele tinha direito à sua própria vida e ao seu próprio tempo, um local em que a sua alteridade era ponto central, e justamente por isso ele se diz ‘viciado’ na leitura.

O espaço da literatura promove então este uso da linguagem de forma disruptiva, de forma a colocar a alteridade do ser humano como centro do processo linguístico, criando-se assim um local dialógico, aberto ao outro, com possibilidade de escuta, questionamento e resposta ao texto e às realidades que perpassam tanto o texto como os leitores.

Ou seja, a literatura se coloca como forma de dialogicidade contra um sistema que tenta propagar em todos os seus âmbitos sua ideologia e a sua forma de pensamento como únicos válidos, e isso passa a ir diretamente de encontro às formas de totalização neoliberal.

Ela faz isso ao promover o movimento centrífugo da linguagem e do pensamento, criando brechas e frestas para contrariar a ideologia de colonização da imaginação, das leituras de mundo e do pensar, que “pretende sempre, já desde seu início, paralisar o pensamento por algum tipo de enfeixamento energético que conduza as potências da vida a um só foco - o foco da Totalidade” (SOUZA, 2020 ,p.48).

A linguagem literária, ao utilizar a linguagem de uma forma que vai além da mera comunicação social, promove o entendimento da raiz dialógica da linguagem. Assim, ela permite o entendimento de como signos e suas significações são construções sociais e ideológicas e possibilita olhar para os diversos discursos que perpassam o texto. Mas principalmente possibilita o contato com o outro, com outras formas de ver, entender e se

relacionar com o mundo. Sendo assim, possibilita o pensamento e desperta a humanidade e a alteridade dentro de cada um.

Todo este aprofundamento teórico sobre a relação entre texto literário e leitor foi essencial para a análise dos discursos feitos pelos participantes desta pesquisa. Ao buscar entender como a relação entre discurso hegemônico e não hegemônico poderia ser percebida dentro dos discursos dos participantes, tendo como objeto de discussão textos literários, este entendimento teórico sobre como a relação entre texto literário e leitor é por essência plural e dialógica foi essencial para que se criasse um ambiente aberto a diversas leituras do texto e às leituras de mundo dentro dos encontros dos grupos focais.

Assim como a definição daquilo que deveria ser compreendido perpassou de maneira profunda este entendimento da literatura e da relação entre texto literário e leitor, todos os pontos abordados aqui neste tópico foram possíveis de serem compreendidos materialmente dentro da relação descrita pelos participantes e em seus questionamentos.

As suas leituras e releituras do texto e do mundo - que foram sendo por eles mencionadas - mostraram como esta relação entre eles e o texto literário permitiu a criação de respostas às suas realidades, permitiu o questionamento e ressignificação de signos que os perpassam diariamente e permitiu que eles entrassem em contato com a sua alteridade em relação ao mundo.

6 CONSIDERAÇÕES QUASE QUE FINAIS

Durante toda a escrita desta dissertação, abordei como o neoliberalismo passou a ser uma forma de culto ao capital. Impondo-se através da força material a sua totalidade na sociedade, passando a possuir todas as formas de manutenção da existência humana e dos seres humanos, “porque o capital é o proprietário dos seus meios de vida” (HINKELAMMERT, 1983, p.52)

Porém, como vimos nos últimos capítulos, para garantir o seu controle social, não basta o controle dos meios materiais. Não basta o domínio e o cerceamento de todos os meios de produção e reprodução da vida. Para garantir o seu controle de forma totalitária e sem questionamentos, o sistema neoliberal também precisa utilizar-se da construção discursiva como forma de controle de ideais, ideologias e possibilidades de imaginação.

Este controle discursivo torna-se essencial para a manutenção do fenômeno neoliberal e sua tentativa de totalidade mundial. Como foi possível perceber no capítulo “**Neoliberalismo e o seu discurso hegemônico**”, esta tentativa de criar uma monofonia discursiva não só cria uma sociedade que majoritariamente não questiona o seu sistema, como também possibilita que este sistema excludente e exploratório seja apoiado muitas vezes até mesmo por aqueles que têm sua vida e mão de obra exploradas por este sistema.

Isso porque o discurso desumanizante deste processo cria um ambiente no qual classes e papéis sociais são constantemente adaptados às necessidades de produção e consumo infinitas do sistema neoliberal. Como foi possível compreender no conto “Dor de dono”, explorado no capítulo “**Neoliberalismo e o seu discurso hegemônico**”, o discurso neoliberal ali reproduzido criava nos trabalhadores a sensação de serem donos de um meio de produção, que, na prática, explorava sua mão de obra, pagando-lhes o mínimo necessário.

O debruçamento sobre este e outros contos durante os debates literários, assim como a análise dos discursos construídos pelos estudantes, deixa evidente como a reprodução constante do discurso neoliberal procura criar uma sociedade de culto ao capital, em que todas as formas de existência passam pela validação do dinheiro. Cria-se uma sociedade na qual “O capital parece ser agora a grande fonte da vida” (HINKELAMMERT, 1983,p.14) e utiliza-se de diversas formas de controle e manipulação para garantir a sua manutenção, aceitação e normalização.

Sendo assim, fica claro como o discurso neoliberal impõe através de seus ideais e ideologias o cerceamento do imaginário coletivo sobre outras formas de organização social, sobre outras formas de produzir vida em sociedade, e tenta - a partir da reprodução constante de seus ideais - criar uma sociedade em que o culto ao capital seja normalizado. Uma sociedade na qual as pessoas creiam que sacrificar a própria vida em nome da acumulação de riqueza dos donos dos meios de produção seja algo natural e livre de alternativas.

Ou seja, a tentativa neoliberal intenciona se impor ideologicamente na sociedade, enterrando seus tentáculos não somente nas possibilidades materiais de sobrevivência, mas também nas possibilidades imaginativas de novos sentidos e ideologias para a vida humana. Isso se mostra eficiente para a sua manutenção social, pois “A realidade ideológica é uma superestrutura colocada diretamente sobre a base econômica” (VOLOCHINOV, Marxismo e filosofia da linguagem, p.98). Sendo assim, a realidade ideológica criada pelo neoliberalismo atua diretamente na possibilidade de subsistência do sistema capitalista neoliberal.

Porém, o neoliberalismo e o capital não sobrevivem sozinhos. Muito embora estes cerceiem as formas de produção e tentem - de maneiras materiais e imateriais - impor-se socialmente como sendo ele - o capital - a única coisa válida. A sua reprodução e acúmulo de maneira exponencial só se tornam possíveis através do trabalho daqueles que o mesmo oprime. Pois “Para que o capital possa viver, é mister que viva o operário. O capital extrai sua vida do operário e, portanto, tem de manter vivo o operário para poder viver dele” (HINKELAMMERT, 1983, p.54)

Em contrapartida a este sistema opressor que se beneficia da necessidade humana, o ser humano, por sua vez, encontra formas de viver, mesmo em um ambiente explorador. E, muito embora o sistema neoliberal tente controlar todas as formas de vida e imaginação presentes em seus territórios, aqueles que vivem nele encontram brechas, frestas que lhes permitem questionar, viver e repensar a sua própria realidade. Essas frestas se constroem, se reproduzem e se encontram na linguagem.

As pessoas, ao utilizarem a língua para se comunicar, criam textos, enunciados, discursos e estes, ao entrarem em contato com outros textos, enunciados e discursos, formam novos significados e novas ideologias. Que muitas vezes questionam aquilo que lhes foi imposto pela superestrutura. Isso porque

“Um texto só tem vida contatando com outro texto (contexto). Só no ponto desse contato de textos eclode a luz que ilumina retrospectivamente e prospectivamente,

fazendo dado texto comungar no diálogo. Salientamos que esse contato é um contato dialógico entre textos (enunciados) [...] Por trás desse contato está o contato entre indivíduos” (Bakhtin, 2017, p. 67)

Deste modo, o discurso neoliberal, por mais que tente, não consegue se impor de forma completamente totalitária.

As pessoas, ao utilizarem as palavras para se comunicarem, muitas vezes reproduzem o discurso neoliberal sem questionamento. Porém, muitas vezes se deparam com as suas próprias vivências, leituras de mundo e com outros discursos que não reproduzem a ideologia oficial. Criam espaços e frestas no qual se torna possível pensar novos discursos e ideologias contrários ao discurso oficial. Isso porque “A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida.” (PONZIO, 2008, p.133).

Como vimos no capítulo **“ENTRE TEORIA E FALA: CONCEITOS BAKHTINIANOS EM DIÁLOGO COM AS FALAS”**, o discurso, as palavras e seus significados não existem em um vácuo, livres das influências sociais e políticas de nossa sociedade. Os discursos que criamos dia a dia são, de maneira mais ou menos evidente, constantemente permeados e atravessados pelas esferas/campos da linguagem, ou seja, nossos locais de fala, nossas leituras de mundo, nossas vivências, percepções e principalmente pelos outros discursos aos quais ouvimos, reagimos e respondemos.

Todo discurso que construímos é em algum grau uma resposta a um discurso anterior, pois:

“Todo enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Todo enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo” (BAKHTIN, Gêneros do discurso, p.57).

Sendo assim, o discurso neoliberal, ao tentar se impor socialmente de forma monofônica, falha. Pois a linguagem, ao ser utilizada por todos os seres humanos, permite que este discurso seja reproduzido, sim, mas também permite que este discurso seja respondido e questionado. Nós, ao utilizarmos a linguagem, respondemos ao discurso neoliberal, reavaliamos sua ideologia através de nossas vivências e passamos a construir frestas em seu cerceamento.

Este movimento de questionamento a discursos opressores pode ser visto diversas vezes durante os debates literários que foram objeto de estudo desta pesquisa. As falas anteriormente analisadas nos mostram isso. Em diversos momentos, os participantes interagiram com os textos lidos e com os discursos construídos por outros participantes, levando a um repensar da própria realidade, dos eventos que os cercavam e de como eles reagiam a estes.

Este movimento de criação de novas ideologias - que permitem o questionamento de um discurso oficial através da própria linguagem - é o que Bakhtin apontou em seus estudos como movimento centrípeto e centrífugo da língua. Ele percebeu como existem processos históricos que tentam impor uma linguagem única, tentam centralizar a língua, criando um processo centrípeto. Porém, Bakhtin também percebeu como a utilização da língua por diversos falantes cria frestas neste processo, abrindo espaços para outras utilizações da linguagem, outras significações e temas para as palavras e novas ideologias. Sendo este o processo centrífugo. Por isso, Bakhtin afirma que:

“as forças centrípetas da vida linguística, encarnadas numa língua "comum", atuam no meio do plurilinguismo real. Em cada momento da sua formação, a linguagem diferencia-se não apenas em dialetos linguísticos, no sentido exato da palavra (formalmente por indícios linguísticos, basicamente por fonéticos), mas, o que é essencial, em línguas sócio-ideológicas: sócio-grupais, "profissionais", "de gêneros", de gerações, etc.” (BAKHTIN, 2002, p.82)

Desta forma, fica claro como o processo centrípeto que o discurso neoliberal faz, na tentativa de ser homogêneo socialmente, encontra a utilização real da língua e assim falha. A própria utilização da língua permite que o processo centrífugo exista, e assim os novos sentidos, as novas leituras de mundo e os novos discursos criados neste processo passam a dialogar com o discurso oficial, abrindo frestas para questionamentos, reflexões, respostas e outras possibilidades imaginativas.

Assim, fica claro a dialogicidade da língua, pois a mesma estabelece diálogo baseado na interação e troca entre diferentes discursos e realidades. Muito embora discursos e ideologias oficiais tentem se fazer monológicos — como é o caso do discurso neoliberal —, a dialogicidade intrínseca da língua cria frestas que abrem espaço para a multiplicidade de sentidos, de leituras e de entendimentos de mundo que nos cercam.

Por isso, podemos afirmar que “A relação com o sentido é sempre dialógica. A própria compreensão já é dialógica” (BAKHTIN, 2016, p.97). A dialogicidade faz parte da linguagem,

assim como todo discurso construído é de alguma forma respondido. A responsividade é parte intrínseca da língua. Pois não existe momento de compreensão passiva da linguagem pelo ouvinte.

Aquele que recebe o discurso está sempre em constante responsividade, constantemente criando outros discursos a partir daquele com o qual está tendo contato, criando uma teia eterna entre discursos que são criados e respondidos a todo momento. O nosso discurso se inicia na resposta ao discurso de outros e vai acabar no discurso de resposta de outrem.

Aqui podemos então adentrar o principal ponto desta pesquisa, a construção de respostas a discursos hegemônicos a partir da leitura literária. Este foi o ponto central que guiou esta pesquisa durante toda a sua existência, desde o seu planejamento até a análise feita nos últimos capítulos.

Com o objetivo de entender “Como o discurso de estudantes de graduação e pós-graduação nos permite compreender os embates entre discursos hegemônicos e não hegemônicos/periféricos por meio da materialidade literária?”, foi construída esta pesquisa. Esse objetivo foi pensado levando em consideração como esta relação entre linguagem e ser humano acontecia durante a leitura literária.

Durante todo o capítulo **“LEITURA LITERÁRIA COMO FRESTA LIBERTÁRIA: ABERTURA AO DISCURSO NÃO HEGEMÔNICO”** foi possível adentrar e entender como a dialogicidade da palavra se potencializa durante a relação entre texto e leitor. Neste momento, foi possível entender como, na “escritura literária, onde a escuta se dirige à dialogicidade interna, fazendo dela o próprio sentido da configuração artística, as potencialidades dialógicas da palavra são evidenciadas em toda sua carga” (PONZIO, 2020, p.77).

As análises feitas neste capítulo trouxeram voz para a potencialidade da leitura literária no questionamento ao discurso hegemônico neoliberal, mostrando como a literatura se torna um local de quebra da totalidade do discurso neoliberal, mesmo que este tente se fazer monológico; a própria dialogicidade da língua - enfatizada no texto literário - quebra esta monofonia forçada.

Sendo assim, ao aprofundar-me na relação entre texto e leitor durante o capítulo **“LEITURA LITERÁRIA COMO FRESTA LIBERTÁRIA: ABERTURA AO DISCURSO NÃO HEGEMÔNICO”**, foi possível compreender como esta relação entra em

constante embate com a própria ideia de discurso funcional e produtivo imposta pelo sistema capitalista neoliberal.

O discurso literário tem como principal objetivo contar uma história; o convencimento de ideais produtivistas, lucro de mercado e culto ao capital podem de alguma forma perpassar o texto, porém as diversas relações construídas entre texto e leitor, personagem e autor e entre personagem e personagem criam um espaço no qual estes ideais não são simplesmente reproduzidos, mas questionados de diferentes formas, cômicas, dramáticas, românticas ...

A palavra literária se coloca neste contexto como um espaço para além da ideia de discurso funcional e dogmatizador utilizada pelo neoliberalismo para propagar os seus ideais e ideologias. O texto literário se coloca em um espaço capaz de compreender a realidade de forma plural, o que vai diretamente em oposição aos movimentos que tentam unificar entendimentos e vivências. Por isso Ponzio salienta que dentro do contexto literário:

“A palavra literária se coloca sempre, em maior ou menor grau, fora do discurso funcional e produtivo, pela sua colocação exotópica, extra-localizada, fora do lugar em relação aos lugares comuns do discurso; e olha sempre para as coisas humanas com uma espécie de ironia, com uma atitude crítica, sério-cômica, mais ou menos acentuada conforme os gêneros literários e suas variantes. (PONZIO, 2020, p.63)

Esta possibilidade de trazer diferentes pontos de vista dentro de um mesmo texto cria na literatura um espaço em que o referencial do texto se altera constantemente, embora o autor muitas vezes exponha a sua opinião, os mais diversos personagens com as mais diversas questões atravessam o texto com os seus pontos de vista e suas vivências.

Neste contexto, a palavra literária coloca em evidência o plurilinguismo de nossa sociedade: “a palavra literária [...] oferece a possibilidade de se experimentar diretamente o caráter dialógico da palavra. Isso torna disponíveis experiências concretas de dramatização da palavra, de percepção e reação à palavra dos outros” (PONZIO, 2020, p.62).

Durante as análises feitas neste capítulo, foi possível compreender nas falas dos participantes como os mesmos relacionavam constantemente os discursos produzidos dentro da literatura com os discursos perpassados por eles socialmente. Isto é, estas análises permitiram compreender como este contato com a literatura abria para a dialogicidade da língua e criava o que Ponzio chama em seu livro “Procurando uma palavra outra” de percepção dupla.

A percepção dupla é justamente estas diversas correlações feitas em um texto, sejam as correlações feitas pelo autor dentro do texto, ou as correlações feitas pelos leitores ao terem contato com aquele discurso, para ele a “Percepção dupla que não é apenas condição do pensamento de poeta, mas também de uma vida não reduzida a essa monofonia asfixiante, pela homogeneização, pela redução ao mesmo, pelo fechamento da identidade.” (PONZIO, 2020, p.63)

Fica claro então como a percepção dupla é uma forma de enfrentamento às tentativas de homogeneização da linguagem. Esta existe como forma de ampliação e abertura de significações, vivências, ideologias e pensamentos. A literatura, então, quando entendida a partir desta raiz dialógica e plural, se torna um espaço de amplo questionamento aos movimentos neoliberais em nossas vidas.

Desta forma, ao entender a literatura como um local dialógico, aberto a questionamentos, respostas e à criação de novas significações para palavras, vivências e realidades, posso entender a literatura também como um espaço educacional libertador. Como posto na introdução desta dissertação, a educação pode ser domesticadora e alienante — o tipo de educação que procura reproduzir e normalizar o pensamento capitalista neoliberal — ou pode ser libertadora — a qual cria um espaço dialógico, aberto ao questionamento e à construção de novas realidades.

Existe, sim, uma educação que tenta transformar todo o processo educacional em algo monoenfático com pouco ou nenhum espaço para diferentes discursos e diferentes leituras de mundo, porém esta é uma educação compartimentada, que serve aos próprios sistemas opressores e à classe que o domina.

Este tipo de educação opressora foi constantemente questionada por Paulo Freire, que a chamou de educação bancária. Na prática, esta educação procura compartimentar os seres humanos e suas vivências. Por isso, Freire procura repensar as formas educativas a partir da linguagem e, ao fazer isso, passa a refletir sobre as formas como a linguagem e o ser humano se constituem, então “Assim como Bakhtin, Freire reposiciona a palavra, cujo uso no processo de aprendizagem, até então, pautava-se na sobreposição de aspectos sonoros aos pragmáticos” (MOURA, 2019,p.177).

Considerar a educação a partir de uma proposta freiriana é pensar no que o autor chamou de educação libertadora. É pensar a educação a partir de uma linguagem dialogicizada. Paulo Freire, durante toda a sua extensa atuação como educador, se aprofundou em formas educacionais libertadoras, sempre trazendo a importância da palavra e do diálogo

dentro do contexto educacional. Sendo assim, “Paulo Freire defendia a formação do sujeito dialógico, entendido como o que ousasse tomar a palavra” (MOURA, 2019,p.161)

A educação libertadora de Paulo Freire tem então como ponto central a dialogicidade da palavra, isto porque “Mais do que em qualquer outra área de atuação humana, a educação lida essencialmente com a interação através da linguagem” (MOURA, 2019,p.13). Deste modo, ao pensar o processo educacional, torna-se essencial pensar a relação entre ser humano e linguagem, pois é a linguagem que media o mundo, e é a partir da linguagem que o ser humano compreende, interage e compartilha as suas próprias vivências de vida.

A partir deste entendimento da linguagem como forma de mediação do ser humano com o mundo, “Freire teria construído a proposta pedagógica que teria como método o diálogo; uma proposta dialógica” (MOURA, 2019,p.163). Esta proposta não só coloca a linguagem como peça central do aspecto educativo, como também entende como essa linguagem dialógica tem o poder de criar uma educação libertadora, que incentive o questionamento, a reflexão sobre o mundo o qual vivemos e a luta para a construção de uma nova realidade.

A questão da palavra e da dialogicidade como aspecto central da educação freiriana nos permite entender como o pensamento bakhtiniano sobre a linguagem e suas formas de interação com o ser humano se conectam com o processo educacional libertador e crítico.

“Freire e Bakhtin, então, encontram-se na concepção socrática da natureza dialógica da verdade e do que pensam os seres humanos sobre ela. Nessa perspectiva, a verdade nasce na comunicação dialógica, só possível entre os seres humanos, seres de consciência.” (MOURA, 2019,p.178)

Bakhtin e seu círculo, ao entenderem a linguagem de forma plural e responsiva, mostra a mesma forma de linguagem que Freire nos aponta como capaz de produzir uma educação libertadora, pois “As considerações de Freire acerca do lugar da linguagem nas relações humanas remetem às de Bakhtin, para quem, nas palavras de Fiorin (2005, p.121), linguagem é atividade, é consciência prática, plenamente dimensionada no social” (MOURA, 2019,p.143).

Deste modo, a linguagem da qual tratamos durante toda esta dissertação se torna a linguagem que media a proposta de uma educação capaz de levar ao questionamento de discursos opressores e monológicos construídos na tentativa de impor as ideologias oficiais.

As contribuições de Bakhtin e de seu círculo acerca da forma como utilizamos e nos relacionamos com a linguagem, trazidas durante toda esta dissertação, conversam diretamente com as perspectivas educacionais libertadoras pois

“A perspectiva freireana de uma proposta pedagógica que considere os acontecimentos do mundo, da vida real concreta dos sujeitos, subsídios a serem dados pela palavra viva remete ao que afirma Bakhtin acerca da palavra como signo que reflete e refrata aspectos da realidade” (MOURA, 2019,p.153)

Portanto, pensar a relação entre texto literário e leitor, construída durante esta dissertação, também trata de pensar a educação para além da simples passagem de conteúdo, característica de uma educação bancária. Pensar a relação entre texto literário e leitor é também pensar a educação a partir da perspectiva da dialogicidade da palavra. É também pensar a educação a partir da perspectiva freiriana e bakhtiniana.

Por isso, as reflexões trazidas dentro desta dissertação, sobre as formas como linguagem, leitura literária e leitor se relacionam com discursos opressores e hegemônicos, torna-se também uma forma de buscar uma educação que valoriza a responsividade ativa dos estudantes, que busca abrir espaço para todas as compreensões e vivências de mundo existentes.

A dialogicidade da palavra literária conversa diretamente com a educação, pois ambas abrem espaço para a liberdade de questionamento, expressão e responsividade dos seres humanos; a dialogicidade é essência da palavra literária, assim como “a dialogicidade como essência da educação” (FREIRE, 2018, p.95).

Deste modo, a educação, assim como a literatura, pode e deve ser entendida como um espaço dialógico, aberto que proporcione respostas e questionamentos à realidade que nos cerca. Assim, a literatura se torna um espaço educacional, pois ela é este espaço plural, heterogêneo, que permite esta reflexão sobre os diversos discursos que nos perpassam, como eles nos atingem e quais são as suas intenções.

Diante disso, torna-se possível afirmar que as formas de utilização da literatura na educação devem ser pensadas e repensadas. Pois a mesma pode criar espaços dialógicos e responsivos dentro do ambiente escolar, segundo Ana Luiza Bustamante Smolka - em sua pesquisa de doutorado - utilizar a literatura em sala de aula no processo de ensino e aprendizagem de leitura e escrita cria um espaço no qual “A criança não meramente “grava” fonemas e grafemas, não meramente copia ou repete, mas ela processa, elabora, constrói esse conhecimento dinamicamente, discursivamente.” (SMOLKA, 1948, p.94).

A literatura, então, pode proporcionar uma forma de lidar com a linguagem no ambiente educacional completamente diferente das formas educacionais bancárias e

tradicionais que muitas vezes reproduzem discursos e dinâmicas inerentes ao capitalismo neoliberal. Neste caso podemos ver como:

"a literatura, como discurso escrito, revela, registra e trabalha formas e normas do discurso social; ao mesmo tempo, instaura e amplia o espaço interdiscursivo, na medida em que inclui outros interlocutores - de outros lugares, de outros tempos - criando novas condições e novas possibilidades de troca de saberes, convocando os ouvintes/leitores a participarem como protagonistas no diálogo que se estabelece." (SMOLKA, 1948, p.89)

Assim, posso entender como a linguagem, em sua forma artística, tem esse poder de reelaborar as comunicações sociais, utilizando ironia, críticas e dramatizações para fazer com que o leitor se questione, reflita e responda ao texto e à sua vida sobre a sua concordância ou discordância da situação narrada, incluindo os próprios leitores como parte responsiva do processo estabelecido na dialogicidade da literatura e da educação.

Por isso, esta pesquisa buscou entender a leitura literária além da prática pedagógica; procurei aqui entender os aspectos filosóficos que perpassam essa relação capaz de criar espaços de questionamento a discursos opressores e totalitários. Trata-se aqui de entender a importância de, durante o processo educativo, ir-se ativamente contra a perspectiva de leitura literária como espaço fechado e monológico, pois esta nega o seu aspecto humanizador, político e social. E se o assim fizermos, estaremos tratando a literatura de forma superficial, impossibilitando a sua leitura crítica, como nos explica Antonio Candido, que diz que

Negar a fruição da literatura é mutilar nossa humanidade. [...] a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrições dos direitos, ou negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. Tanto num nível quanto no outro ela tem muito a ver com a luta pelos direitos humanos. (CANDIDO, 2011 ,p. 188)

Deste modo, pensar a leitura literária e a literatura dentro do processo educativo inclui entender a literatura a partir de sua perspectiva humanizadora e dialógica, aberta às mais possíveis compreensões de mundo e de texto.

Utilizar a literatura como local dialógico e aberto é possível, como foi possível ver no capítulo **“LEITURA LITERÁRIA COMO FRESTA LIBERTÁRIA: ABERTURA AO DISCURSO NÃO HEGEMÔNICOS”**. Quando os estudantes, participantes do debate, constantemente refletiam sobre as atitudes e discursos relatados dentro das histórias, muitas

vezes concordando, outras vezes discordando dos personagens, do autor e até mesmo uns dos outros.

Sendo assim, todo este processo de debate e estudo sobre um texto literário se tornou uma oportunidade educativa, pois foi a construção de um espaço dialógico, no qual os próprios participantes refletiram, questionaram e construíram novos conhecimentos a partir de suas leituras, vivências e realidades.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta pesquisa permitiram alcançar os objetivos propostos. Deste modo, durante a sua construção e desenvolvimento foi viável organizar um debate literário com alunos da graduação e pós-graduação a partir do formato de grupo focal, no qual foram observadas e analisadas as falas dos alunos e como estas falas evidenciavam os embates discursivos expostos a partir da materialidade literária.

Esta pesquisa também possibilitou, antes, durante e após esta organização do debate, o aprofundamento e entendimento sobre como os discursos hegemônicos neoliberais e não hegemônicos/periféricos se materializam em nossa sociedade e a compreensão de como a leitura literária tem potência política, social e humana de resposta aos discursos hegemônicos.

Já a etapa de cotejamento e de análise dos discursos produzidos permitiu apontar, compreender e aprofundar materialmente nas falas dos participantes os conceitos e bases teóricas. Também foi possível perceber a construção de respostas ao discurso hegemônico neoliberal a partir da materialidade literária em um debate aberto, dialógico e plural. Deste modo, esta etapa revelou oportunidades de relacionamento e de cotejamento da literatura trabalhada aos discursos e falas construídas pelos participantes durante os debates.

As metodologias de coleta de dados (grupo focal) e de análise de dados (cotejamento), detalhadas no capítulo **“Sobre a pesquisa”**, permitiram responder à pergunta de pesquisa *“como o discurso de estudantes de graduação e pós-graduação nos permite entender os embates entre discursos hegemônicos e não hegemônicos/periféricos por meio da materialidade literária?”*.

O texto dissertativo resultante do planejamento, execução e análise desta pesquisa evidencia o potencial do âmbito educacional do texto literário, de forma a entender, a partir da perspectiva bakhtiniana, como a relação entre texto literário e leitor é por essência dialógica e plural. Este resultado aprofunda o entendimento de como a leitura literária cria espaços de questionamento, reflexão e construção de resposta a discursos oficiais e hegemônicos presentes em nossa sociedade

Desta forma, espera-se que o debate aqui abordado possa auxiliar e servir de base para a proposição, implantação e avaliação de políticas públicas. Especialmente as políticas educacionais que abram espaço para a investigação da dialogicidade da língua e da linguagem, contribuindo assim para a formação humana crítica e holística.

Assim, espero, com esta pesquisa, contribuir para a reflexão sobre formas e políticas de leitura e leitura literária em espaços educacionais formais, informais e não formais e sobre

quais perspectivas teórico-filosóficas estas políticas e projetos devem valorizar. Alguns exemplos de políticas e práticas pedagógicas que poderiam se beneficiar desta pesquisa são: políticas de implementação e uso de bibliotecas públicas e escolares, políticas de elaboração de currículos escolares, projetos de lei para a determinação de carga horária, construção de planos de ensino e projetos pedagógicos, leis orçamentárias de distribuição de recursos, editais e incentivos a espaços culturais que promovam a leitura e a leitura literária, entre outros...

Por fim, esta pesquisa - ao buscar refletir sobre as questões teórico-filosóficas que envolvem o processo de leitura literária - promoveu um entendimento das formas como a relação entre texto literário e leitor se constitui como relação educativa e constroem possibilidades dialógicas de ver, compreender, questionar e construir respostas às opressões e explorações produzidas por uma sociedade capitalista neoliberal baseada na imposição de ideais de lucro e consumo constantes.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Os Gêneros do discurso** Org, Tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. Editora 34 - 2016, São Paulo, SP
- GEGe/UFSCar - Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso. **Palavras e contrapalavras: entendendo o cotejo como proposta metodológica [Caderno de Estudos IX]**, 2017
- VOLOCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem (Círculo de Bakhtin): Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução, notas e glossário: Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Editora 34 - 2017, São Paulo, SP
- VOLOCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia (Círculo de Bakhtin): Ensaios, artigos, resenhas e poemas**. Org., tradução ensaio introdutório e notas Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Editora 34 - 2019, São Paulo, SP
- BAKHTIN, Mikhail. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Org, Tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. Editora 34 - 2017, São Paulo, SP
- SOUZA, Ricardo Timm. **Crítica da Razão idolátrica: Tentação de Thanos, Necroética e Sobrevivência**. Editora Zouk - 2020, Porto Alegre, RS
- PONZIO, Augusto. **Procurando uma palavra outra**. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello, Regina Silva, Daniela M. Mondardo, Camila Caracelli Scherma, Marina Harber de Figueiredo, Ana Beatriz Dias e Allan Pugliesi. Pedro e João Editores - 2020, São Carlos, SP
- HARVEY, David. **O Neoliberalismo: História implicações**. Tradução: Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves. Edições Loyola - 2005, São Paulo, SP
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: A teoria do romance**. Tradução Aurora Fornoni Bernadini José Pereira Júnior Augusto Góes Júnior Helena Spryndis Nazário Homero Freitas De Andrade. EDITORA HUCITEC ANNABLUME - 2002, São Paulo, SP
- BAKHTIN, Mikhail M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Organização de Augusto Ponzio e GEGe/UFSCar. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- SILVEIRA, Denise Tolfo e CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. **Métodos de pesquisa**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo Focal na Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**, Série Pesquisa em Educação v.10, Liber Livro Editora LTDA, 2005. Brasília - DF

FREIRE, Paulo **Pedagogia do Oprimido**. 89ª edição, Editora Paz e Terra, 2024.

MOURA, Edite Marques. **Leitura em Bakhtin e Paulo Freire: Palavras e Mundos 2ª** Edição. Pedro e João Editores, 2019.

FREIRE, Paulo. **Educação Como Prática de Liberdade**. Editora Paz e Terra, 1967. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/livros/educacao_pratica_liberdade.pdf . Último acesso em 18/12/2024.

FREIRE, Paulo, **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. CIP-Brasil. Catalogação na Publicação Câmara Brasileira do Livro, SP, 1989. Disponível em: https://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2014/10/importancia_ato_ler.pdf . Último acesso em 18/12/2024.

QUINTEIRO, Tania; OLIVEIRA, Marcia Gardênia; BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira. **Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber**. Editora UFMG, 2002, Belo Horizonte

BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2007.

MIOTELLO, Valdemir. **Ideologia**. In: Bakhtin: Conceitos- Chave, Org Beth Brait. Editora Contexto, São Paulo, 2007.

CEREJA, William. **Significação e Tema**. In: Bakhtin: Conceitos- Chave, Org Beth Brait. Editora Contexto, São Paulo, 2007.

GRILLO, Sheila V. de Camargo. **Esfera e Campo**. In: Bakhtin: Outros Conceitos- Chave, Org Beth Brait. Editora Contexto, São Paulo, 2006.

BEZERRA, Paulo. **Polifonia**. In: Bakhtin: Conceitos- Chave, Org Beth Brait. Editora Contexto, São Paulo, 2007.

MARCHEZAN, Renata Coelho. **Polifonia**. In: Bakhtin: Outros Conceitos- Chave, Org Beth Brait. Editora Contexto, São Paulo, 2006.

SANTOS, Milton. **Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal**. Editora Record, 2000

HINKELAMMERT, Franz J. **As armas ideológicas da morte**. São Paulo: Paulinas, 1983.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A alfabetização como processo discursivo**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação 1987.

Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/17914> Último acesso: 27/05/26.

CARACELLI-SCHERMA, Camila. **A palavra como concretude do espírito de uma época: o nascer-já-caminhando das ideologias da competitividade e a agricultura globalizada**. Tese (Doutorado/Mestrado) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

APÊNDICES

1 Apêndice - Transcrição dos encontros

Neste apêndice encontram-se as transcrições dos 3 encontros de debate literário. Aqui é possível consultar as falas analisadas pela pesquisadora em sua íntegra

Debate Literário - 1º encontro - Debate sobre o conto “Dor de Dono” de José Falero e “Homens de Papel” de Plínio Marcos

Pesquisadora: Tá, mas tô gravando. Então, vou reforçar o que está no termo de consentimento livre esclarecido, que a participação é voluntária, as pessoas podem participar, parar de participar a qualquer momento que desejarem, e que hoje nós iremos debater o conto "Dor de Dono", do José Faleiro, e "Homens de Papel", do Plínio Marcos. Então, a gente tem três questões abertas, que eu vou copiar e colocar aqui no chat, [questões enviadas no chat: Quais relações vocês fizeram entre o conto de José Falero lido e o texto teatral de Plínio Marcos? Quais problematizações feitas por vocês ao lerem os textos? Quais relações possíveis entre as literaturas trabalhadas e a sua realidade?] Mas, que a gente pode ir falando sobre os textos conforme a gente decidir. Falando sobre o que chama mais atenção, o que a gente gostaria de pontuar. (Pausa) Então, alguém quer começar?

Participante B: Eu posso começar. Eu acho que eu não vou responder a cada uma das perguntas, mas eu acho que são perguntas para a gente começar a conversar, né? Parece que os dois, apesar de serem diferentes, eles falam muito de relações de trabalho. Era isso que eu conseguia pensar quando eu ia lendo. O primeiro, ele é bem curtinho, mas ele é, pelo que eu entendi, é um mercado, onde ele se ambienta e tal. Enfim, relações de trabalho entre funcionários, colegas, entre classes trabalhadoras. Foi essa relação que eu consegui ver entre os dois textos. Em ambos, essa relação está num lugar de conflito, de diferentes maneiras, mas está num lugar de conflito, de certa medida. No primeiro, que é o “Dor de dono”, foi o primeiro que eu li, né? Ele está no lugar dos trabalhadores se unindo contra um inimigo, digamos assim. No outro, os trabalhadores são inimigos de si mesmos. Estão meio que combatendo um ao outro, dado o contexto. E ainda ali tem um inimigo carrasco, que é um... Eu não sei se eu entendi direito, mas é meio que um patrão, alguém que paga eles, né? Essa é a primeira associação que eu fiz, conforme eu fui lendo.

Pesquisadora: E você, Participante A?

Participante A: Eu também li o primeiro texto, o “Dor de Dono”, né? E depois, em seguida, eu li o “Homens de Papel”. Os dois têm essa relação mesmo que a Participante B falou, sobre a questão da relação do trabalho, né? Porém, a “Dor de Dono” é muito mais ligada no âmbito ali do trabalho, do mercado. E já no “Homens de Papel”, há outros conflitos pessoais que vão aparecendo. Começa a aparecer primeiramente nos “Homens de Papel”, que eles queriam se vingar do... Berrão, acho que é o nome dele, né? Dar uma dura nele, por causa que eles não estavam ganhando muito. Mas aí eles acabam se esquecendo, daí vai aparecendo outros conflitos. E parece que eles não têm um foco em se unir realmente para ganhar forças. Os conflitos pessoais vão, vamos dizer assim, atrapalhando os objetivos que eles queriam no começo, né? E a falta de... O medo que eles sentiam, né? Por mais que eles tivessem a ideia de fazer isso, eles estavam com medo de fazer isso, de acontecer alguma coisa. Então, tipo, os dois têm muita relação; os dois textos têm uma relação com o trabalho.

Pesquisadora: E como que vocês viram a relação dos chefes de trabalho com os discursos que os chefes de trabalho faziam para fazer os empregados continuarem trabalhando e continuarem com aquela mentalidade, vamos dizer assim?

Participante B: Quando eu li o texto, é bom que eu e o Participante A lemos na mesma ordem, né? Então, vou falar sempre o primeiro da “Dor de Dono”, então. Eu... Aí eu acho que eu já estou indo para a terceira pergunta ali também, que me parece que está num lugar sempre de... Pessoalizar, eu não sei se é essa a melhor palavra, mas pessoalizar o trabalho de que, ah, você não é alguém que trabalha, você meio que responsabiliza a pessoa pelo sucesso da empresa, digamos assim, que tenha “Dor de Dono”, né? Tipo, ah, você deve se sentir o dono; essa dor deve ser algo pessoal para você. Meio que a gente está falando de relação de trabalho, mas meio que tira desse lugar uma relação de trabalho, de funcionário e chefe, patrão, e coloca meio num lugar pessoal, né? Pessoaliza, meio que tem que pessoalizar essa dor. E a dor do meu chefe, eu só estou lá trabalhando, né? Mas a partir do momento que essa dor se torna minha também, o trabalho meio que se torna algo pessoal. Que eu acho que também é meio difícil, né? O trabalho não constitui quem você é, mas eu coloco isso num lugar problematizando essa coisa meio corporativa de você, de autoagenciamento, enfim, desse discurso meio corporativo, sabe? Você ter postura de chefe, essas coisas meio coach, assim.

Participante A: O legal é que eu estava lendo a “Dor de Dono”, né? E eu estava muito refletindo sobre o meu trabalho, né? Porque parecia que estava fazendo muito sentido com o que é o trabalho, né? E eu sempre ouço no meu trabalho que a gente tem que vestir a camisa da empresa, sabe? E essa coisa de “Dor de Dono” praticamente é uma coisa assim, né? Vestir a camisa da empresa, porque vocês são a empresa, né? Também ouço no meu trabalho assim,

ah, se a maré sobe, todo mundo sobe, né? Em questão de dinheiro, essas coisas, né? A gente está trabalhando, mas será que a gente sobe no mesmo nível que o chefe sobe em questão financeira, né? Então, ali eu fiquei pensando, né? Porque fazia muito sentido com o que eu vivencio no meu dia a dia, né? E a Pesquisadora sabe muito disso, porque eu sempre falo com ela sobre o meu trabalho. Porque em todas as reuniões de trabalho, a minha chefe, ela sempre fala, né? Que a gente tem que vestir a camisa da empresa, que a gente, se a maré sobe, todo mundo sobe, porque a gente está no mesmo barco. Mas será que é no mesmo barco mesmo que a gente está, né? Por que, tipo, a gente está ali trabalhando, mas a gente não está ganhando o mesmo que eles estão ganhando ali do nosso trabalho, né? Então, tipo assim, é uma relação bem complicada, né? Essa questão do trabalho.

Pesquisadora: E ainda falando sobre essa questão do trabalho, quando a gente vê essa questão que o Participante A falou sobre o quanto o chefe fica do nosso trabalho, tem uma relação também com os "Homens de Papel", né? Porque existe muito isso dentro da trama. O que vocês acharam sobre?

Participante B: É, a gente consegue fazer uma relação interessante de, ah, o trabalho enriquece uma pessoa, mas se essa pessoa enriquece, eu ganho uma fatia desse enriquecimento ridículo, né? Tipo, eu não ganho um salário justo. O trabalho que eu faço é o trabalho, se essa pessoa, enfim, se essa pessoa ganha mais dinheiro, eu ganho uma mínima recompensa por enriquecê-lo, assim. E no "Homens de papel" têm muito isso de precificar o trabalho, né? Porque, beleza, eu tenho... Esse papel tem esse valor, mas eu estabeleço que esse papel tem outro valor. Enfim, está num lugar meio de... interpretação do trabalho que o chefe tem, assim. Eu conseguia pensar nisso conforme eu ia lendo, assim, que ele estabelecia se aquele trabalho era bom ou não, quanto aquele trabalho custava, se aquele trabalho estava bem feito ou não. E sempre era uma postura meio que de desqualificar o trabalhador, né?

Participante A: É, ali no "Homens de papel" parecia, assim, lendo, assim, ali com os trabalhadores, eles eram, tipo assim, eles não tinham uma motivação, sabe? Eles estavam ali trabalhando, mas eles não tinham uma motivação; eles não tinham um sentido pra vida deles. Porque tem uma fala ali no "Homens de papel" que eles estavam falando, aí, não sei o quê, porque a gente trabalha pra comprar cachaça, porque a gente tem que tomar cachaça pra aguentar essa vida, que essa vida não sei o quê. Então, tipo assim, parece que pra eles a vida era só, tipo, ganhar aquilo ali, comprar cachaça deles, beber pra se sentir confortável, pra aguentar os problemas da vida, aí voltar no outro dia, trabalhar, e, tipo, um ciclo, né? Que parece que não tem fim.

Participante B: É, e também tem um negócio que parece que é a eleição de um inimigo, assim, né? Enquanto no “Dor de Dono” o inimigo é a pessoa que roubou, né? No “Homens de Papel” não parece... A pessoa que constrange os seus trabalhadores é o chefe, mas quem se torna inimigo são eles mesmos; eles mesmo se tornam inimigos uns dos outros, assim. Tanto que, enfim, tem vários personagens, né? Eles conflitam, têm muito conflito entre eles, né? Em diversos momentos. Então, me parece que... Isso que o Participante A falou, tipo, ah, meio que o cenário leva não a uma união, mas meio que um conflito entre todos eles, em alguma medida, em algum momento, né?

Pesquisadora: E quando vocês olham pros dois textos, assim, como vocês acham que isso... Se em algum momento as coisas que perpassam, essas coisas que a gente comentou que perpassam o texto se espelham na vida de vocês, se vocês veem isso no nosso dia a dia, no nosso mundo?

Participante B: Eu... Eu acho que o Participante A deu um bom exemplo sobre essa coisa do trabalho, e esse discurso no trabalho, de vestir a camisa da empresa e tal, meio que você ser responsável pelo sucesso da empresa e tal. Eu acho que esse é um bom cenário pra gente olhar e fazer um paralelo. Eu pensava nisso, conforme eu ia lendo.

Participante A: É, faz muito sentido, né? Por causa que, tipo, a gente, assim, que a gente trabalha nas empresas... A gente trabalha, né? E eu, tipo, a gente sempre vê assim, ah, porque você tem que estar sempre com um sorriso no rosto, porque você tem que estar sempre motivado, não sei o quê, não sei o quê. Mas será que existe algo pra gente se motivar, tá lá trabalhando, né? Será que aquele salário é bom pra gente estar lá, todo motivado, todo sorridente, trabalhando? Será que há benefícios pra nós, né? Porque às vezes, tipo, não é só trabalhar, né? Porque a gente é mais do que um trabalho, né? A gente é uma pessoa, a gente tem... A gente vive fora do trabalho; a gente tem problemas fora do trabalho, né? A gente tem dificuldades fora do trabalho, né? Em questão, tipo, financeira, familiares, né? Então, tipo assim, mas será que aquele trabalho ajuda a amenizar os meus problemas fora da empresa?

Participante B: Sim, e também no... Ah, você ia falar? Desculpa.

Pesquisadora: Não, eu ia fazer mais uma pergunta, mas pode ir.

Participante B: Não, é só uma coisa rápida. Que no ‘dono’, enfim, eles vão lá e batem numa pessoa que roubou um pacote de bolacha, né? E eu digo, meu, é literalmente uma pessoa que estava vendendo guarda-chuva. Não conseguia vender guarda-chuva nenhum, precisava se alimentar, roubou um pacote de bolacha. Enfim, foi ali humilhado por todo mundo. Então, me parece muito que também está num lugar meio que de desigualdade de relação que as pessoas têm com isso, né? Porque, enfim, é... É uma pessoa que estava ali precisando, né?

Uma necessidade, então... Porque também era um trabalhador, entende? Era um trabalhador como eles, enfim. Precisava daquilo. E nessa coisa de vestir a camisa da empresa, a gente pode denominar assim também nesse caso, tu acaba meio que conflitando com alguém que é seu colega de classe, assim, né? Que é um trabalhador como você. Que, enfim, estava ali por uma questão de necessidade, assim. Então, como eu dizia, não é um delito tão horrível.

Participante A: É mais, eu acho que ali, essa questão da relação do trabalho, né? Parece que é mais uma questão de submissão, né? Submissão, né? Tu está se submetendo às ordens que tu recebeu, né? Que tu tem que se vestir, vestir a camisa e tudo. Então, tu tem que fazer aquilo lá porque você está valorizando a empresa. Você está dando, tu está, tipo assim, valorizando aquilo que eles estão te dando. Então, você tem que fazer aquilo porque é uma necessidade tua. Então, você se submete àquilo ali, né?

Participante B: É, eu acho que o “Homens de Papel” representa uma coisa de dependência. Porque ele está lá. Tem outra pessoa para você vender esse papel. Você já não quer vender para mim, né? Então, vai lá. Então, meio que se forma dependência, uma relação de dependência.

Pesquisadora: E o final de “Homem de Papel” com o final de “Dor de Dono”, vocês conseguiram cruzar alguma coisa? Porque o final de Homem de Papel é bem pesado, assim, né?

Participante B: Sobre o final ali de “Dor de Dono”, ele é bem curtinho, né? Mas eu acho que... meio que está no lugar de você mesmo não ser proprietária daquilo que você acha que você é, né? Enfim, eu tomei uma dor e, enfim, constrangi uma pessoa, agredi uma pessoa por algo que ela fez, me sentindo dono daquela bolacha, enfim, me sentindo ofendido por ela ter roubado, enfim, o seu trabalho. Mas, bem, não tem aquilo, não é meu, assim. Meio que está no lugar de confundir o seu lugar naquele espaço, justamente porque, enfim, você é incentivada a entender que o que ele faz é tudo o que você é e tudo o que você faz. Como o Participante A falou, assim, entender que você tem uma vida fora daquele lugar, né? Que você faz outras coisas, você é outras coisas além daquele trabalho que você faz. Me parece que está nesse lugar ruim que é o trabalho, né? Você faz o completo espaço, todo o âmbito do seu ser, do seu ser como você é.

Participante A: Eu fiquei bem chocado, né, com o final de "Homens de Papel" (ri). Eu não esperava tudo. Na verdade, tipo, conforme a gente ia lendo, a gente começava a perceber, né, o jeito ali que ele estava querendo oferecer a boneca e tal. Estava meio que estranho, né? Já estava dando uns sinais, assim. Só que parece que eles não estavam percebendo esses sinais, né? Eles estavam focados com os problemas deles, ao mesmo tempo preocupados com a

menina, mas ao mesmo tempo não estavam preocupados com a menina. Eles não estavam vendo realmente o que estava acontecendo ali, né? Porque, tipo, assim, tu começa ali lendo "Homens de Papel", a primeira coisa que dá pra perceber é que, ah, parece que a outra lá ia sair com o chefe lá na Indústrias e eles tinham um caso, né? Daí vai se desenrolando a história e aí chega na menininha, né? Com o Coco ali, com a relação deles ali que aconteceu tudo aquilo ali. Então, tipo assim, foi meio pesado, né? O final, assim, eu fiquei meio apavorado. Mas foi diferente dos "Homens de Papel". Claro que... "Dor de Dono", né? Por causa que é o "Dor de Dono", tipo, os funcionários, né? Estavam ali agredindo e tal, mas, tipo, ok, né? Parece que isso é menos, assim, vamos dizer, alarmante como foi o final do "Homens de Papel".

Participante B: Os dois parecem ter uma dimensão de violência física também, né? Tipo, além da humilhação e da violência, parece meio que isso se materializa na violência física, né? Parece que essas relações de respeito se materializam na violência física, nos dois. No final do "Homens de Papel", eu lembro que também me pegou um pouco desse fim, tipo, o texto vai construindo algo, mas geralmente a gente vai se impressionar com o final. É só um comentário. Eu acho que não é sobre a discussão, mas é um comentário que eu queria fazer. Eu nunca tinha lido um texto de peça, né? Então, é muito louco você ambientar isso e pensar nesses personagens que eles não têm características, que, por exemplo, o "Dor de Dono", está ambientado, né? Não que o "homem de papel" também não esteja, mas ele, enfim, não dá as características desse ambiente, né? Então, ambientar ele na cabeça foi um pouco mais complexo também. Mas também foi interessante para pensar nas análises, tudo o que estava acontecendo ali. Porque daí, enfim, como tem as ações ali, né? Você consegue pensar nesse cenário na cabeça, o que estava acontecendo, como se fosse um acerto. Mas é só um comentário.

Participante A: É, eu acho que ali os "Homens de Papel", eu assim, estava tendo uma expectativa, sabe? Porque, tipo, eu estava lendo ali, eu pensei, nossa, no final vai dar tudo certo, eles vão ganhar força, eles vão conseguir derrubar esse homem que só está escravizando eles, vai ficar um final feliz. Eu estava, tipo, com uma expectativa enorme. E aí eu fui chegando no final, eu fiquei, meu Deus do céu, o que está acontecendo aqui?

Participante B: Sim, sim, vai se frustrando, porque parece que em alguns momentos vai ter algum indício, tipo, ah, vai acontecer alguma coisa boa aqui com eles. Não acontece.

Pesquisadora: Sim, é bem essa sensação de ah, vai ter uma revolução. Não teve.

Participante B: Ainda bem que, se for olhar, é muito, é, a gente pode pensar muito no contexto assim da vida, né? Porque a gente entende que esse cenário, ou pelo menos alguma parcela

dos trabalhadores aí, entendem que esse cenário é precarizado, que é ruim. Aí, enfim, entendem, compartilham desse sentimento, mas ainda assim não, e não é, tipo, ah, que não querem ou não conseguem, mas eu acho que o cenário não possibilita que você, enfim, se organize pra fazer algo assim. É... Aí pensando nisso, conforme eu ia lendo o “Homens de Papel”, eu fiquei lembrando de uma coisa assim, de uma coisa que aconteceu recentemente, que foi, por exemplo, a questão da greve dos professores, né? Que teve ano passado. E daí, beleza, nós nos unimos por uma causa, enfim, mas isso coloca em risco a permanência, a nossa permanência, o nosso emprego, né? Então a gente meio que é levado a se desunir e se desmobilizar pelo contexto, assim. E me parece que é isso também, né? O contexto não possibilita que a pessoa se organize. No “Homens de papel”.

Participante A: Parece que há uma insegurança, né? Parece que fica uma, não sei assim, eu que sou da matemática, uma incógnita, né? Ah, mas se eu fizer isso, o que vai acontecer? Se a gente se unir, né? Ali, meu Deus, mas o que pode acontecer? Será que vai dar certo? Será que não vai dar certo? Então fica uma coisa assim, meio que eles ficam inseguros de se unir e não dá certo, mas fica uma confusão, né? Fica confuso pra eles; eles têm esse medo.

Participante B: É porque a mobilização não necessariamente envolve a certeza de alguma mudança, né? É uma movimentação, tentativa, né? E pode dar errado e daí? Mas também é a incerteza e a necessidade podem impedir eles de fazer alguma coisa, né? De as coisas se desdobrarem de uma maneira ou de outra. E brigarem entre si quase o tempo todo.

Pesquisadora: As brigas entre eles são bem latentes ali no texto.

Pesquisadora B: É, eles brigam muito no texto. Eu leio, no caso, meu Deus, como eles brigam, mas eu acho que pode pensar que também, refletindo sobre isso na realidade, porque as brigas vão ficando recorrentes, porque elas têm outro lugar. Enfim, eu acho que, nesse caso, se a gente quiser pensar nele, no texto, fazendo um paralelo com o contexto atual, com a realidade, né? Acho que dá um lugar de representação de conflitos de vários outros tipos de manifestação de conflitos de outras maneiras que não são necessariamente físicas.

Participante A: É, parece que ali eles sempre estão brigando, parece que não existe uma comunicação assim entre eles, né? Fica ali, eles estão trabalhando, mas não existe uma comunicação certa do que realmente está acontecendo, né? E ao mesmo tempo que eles estão juntos ali trabalhando, eles são individualistas, né? Eles ficam pensando neles mesmos, nos problemas deles, né? Não no contexto geral, né?

Pesquisadora: Que interessante o Participante A trazer essa coisa da individualidade e porque dentro do mercado de trabalho a gente se torna muito individualista também. Para conseguir sobreviver ao mercado de trabalho, como que vocês pensam isso? Porque de uma certa forma

a gente tem ali, por exemplo, os professores, nós temos um sindicato, nós somos um grupo de professores, mas ao mesmo tempo também nós somos muito individualizados para conseguir manter as expectativas de produção e de produtividade. Então, como que vocês veem assim essa questão do individualismo dentro das histórias e dentro das vidas de vocês?

Participante B: Quer falar, Participante A?

Participante A: Pode falar.

Participante B: É... Eu acho que eu nunca tinha pensado muito sobre individualismo, na verdade. Eu acho que eu pensei, talvez tenha pensado em individualismo, mas olhando para ele a partir da não união dele, por exemplo. Mas agora no “Dor de dono” teve um momento lá em que o chefe incentivava essa postura, e eles gostavam e cobravam isso um do outro. Então, me parece que está no lugar de um lugar em que você assume esse espaço. Na minha empresa, em que eu trabalhava, que você dá o direito de cobrar algo de alguém que teoricamente é seu colega e está numa posição muito parecida com a sua. Porque, enfim, você tem uma postura que é incentivada a se ter. Mas eu realmente acho que eu nunca tinha pensado tanto nessa questão do individualismo assim.

Participante A: Eu acho essa coisa do individualismo que faz muito sentido. Por mais que a gente trabalhe com colegas, vamos dizer assim, você tem que fazer o teu nome dentro da empresa. Então você tem que se esforçar, por mais que você esteja ali trabalhando com outras pessoas, você tem que fazer as coisas por merecer. E eu vejo muito ali onde eu trabalho por causa que eu tenho outro colega que trabalha comigo e a gente atua na mesma função, mas a minha chefe tem um olhar diferente pra mim do que pra ele. Porque eu acho que eu penso muito mais no meu, no que eu estou fazendo e não no que ele está fazendo. Então ela vê isso. Ela vê que eu sou mais de me esforçar ali no trabalho. Mas ela já não tem essa visão dele. Então há essa questão da individualidade. Por mais que a gente tenha o grupo da empresa, vamos dizer, o grupo da empresa está todo mundo junto, mas está todo mundo no individual também. Essas duas coisas, né.

Participante B: É meio que essa coisa de time, pra denominar o grupo como um time. Enfim, outras denominações são dadas para os colegas que trabalham. E realmente há um incentivo a você se incorporar a um time, mas ainda assim você precisa fazer o seu. Não necessariamente encarar a tarefa, ou o trabalho, como algo que é feito em time, que é algo individual. E eu fico pensando que acho que o segundo texto, quer dizer, o primeiro então, que é o “Dor de Dono”, coloca a pessoa a pensar como isso, como esses discursos, assim, em torno de vestir a camisa da empresa. E que você é parte; você não é um trabalhador, você é um colaborador, o sucesso da empresa é o seu sucesso. Como isso deve, eu deduzo, não sei, contribuir muito pra

administração dessa empresa, pro direcionamento? Porque, realmente, coloca a pessoa numa postura de que ela precisa colaborar pro funcionamento das coisas, porque é parte do que ela é. Assim, porque eu tô com o texto aberto aqui, mas tem um lugar que ele fala, tipo, eu acho que isso explica o que eu tô tentando expressar. Tipo, ah, não importa quem sujou, você limpa, porque você tem que limpar porque essa casa é sua. Então, meio que, como essa coisa é muito útil pra administração, pro planejamento, assim, pro gerenciamento de uma empresa, esse discurso dele. Ah, a gente tem a camisa, não importa quem fez o trabalho errado; você vai consertar, porque essa casa é sua, entendeu? A empresa como uma casa; os colegas trabalham como uma família e coisas assim.

Pesquisadora: Participante A quer comentar alguma coisa? Não? Alguém quer fazer mais algum levantamento sobre os textos? Alguma coisa que gostaria de falar?

Participante B: Ah, acho que não, isso que eu tinha pensado assim!

Pesquisadora: Então, tá. Então, queria agradecer a presença de todos. As falas de vocês foram ótimas! Eu vou parar a gravação agora

Debate Literário - 2º encontro - Debate sobre o conto “Um país dividido em dois” de José Faleiro e “Homens de Papel” de Plínio Marcos

Pesquisadora: Bom, gente, reforçando que todo mundo pode participar, deixar de participar e voltar a participar quando se sentir confortável para. A participação no nosso encontro é livre e estamos fazendo uma pesquisa. (pausa) Então, o que vocês acharam da leitura desse novo conto do José Faleiro?

Participante A: Ah, eu achei mais tranquilo, né? Em relação, em comparação, da semana passada, né? Ali do “Dor de Dono” e “Homens de Papel”, claro que “Homens de Papel” ainda continua, né? Mas esse foi mais leve, assim, eu gostei, claro que ele traz uma crítica, né? Mas ele ficou mais leve do que na semana passada.

Participante B: Eu também acho isso, e eu achei interessante porque, enfim, ele está falando de outra pessoa, né? Então, ele está contando a história de alguém, assim, a outra também contou uma história, mas, enfim, ele estava presente nessa também, mas, enfim, achei interessante a história do outro.

Pesquisadora: E qual relação vocês fizeram entre os dois textos?

Participante B: Eu tive um pouco mais de dificuldade para fazer a relação, eu acho também porque eu não voltei para releer o “Homens de Papel”. Mas, enquanto eu lia o conto do José Faleiro, eu fiquei lembrando do que a gente conversou na semana passada também, do contexto, né? Porque, enfim, o conto de hoje, essa ambientação dele, que ele fala da periferia,

enfim, ele traz a periferia como um lugar de resistência, que não apenas é um espaço, né? É que essas pessoas têm algumas regras comuns, assim, né? Essa associação eu consegui fazer com o “Homens de Papel”, assim, esse contexto e algumas regras comuns, alguns acordos não escritos, assim, todo mundo pensa de determinada maneira e segue determinadas condições, meio que com um acordo não dito daquele contexto, assim.

Participante A: Eu consegui fazer umas relações, principalmente com os personagens, né? Ali no “Homens de Papel a gente tem o Berrão”, né? Que ele seria um personagem, assim, ele tinha um poder de opressão, né? E já ali no outro texto, a gente tinha o Seu Baiano, né? O Seu Baiano ali teve atitude, foi ali, enfrentou, né? O único que enfrentou a polícia, porque todo mundo tinha medo da polícia, né? Ele foi lá enfrentar a polícia e, de certa forma, ele pensou no bem de todos, né? Ele não pensava só no próprio bem dele, mas ele pensava no bem da comunidade que ia se favorecer com aquilo que ele estava fazendo. Por mais que a polícia tivesse ido lá, ele se manteve firme no que ele estava fazendo e, vamos dizer assim, ele não... não fugiu do que ele tinha se comprometido, né? E a gente pode perceber que o Berrão, trazendo para o outro texto, ele poderia ser a polícia, né? Por que no “Homens de Papel” todo mundo tinha medo do Berrão, né? Todo mundo tinha medo do que ele poderia fazer, né? Se eles tomassem a frente de se unir ali, de parar de trabalhar, né? O que poderia acontecer, todo mundo tinha medo dele. E ali também, no outro texto, a gente via que todo mundo tinha medo da polícia, né? Eles tinham uma imagem da polícia como uma polícia que tem um poder de opressão contra a classe, contra o pessoal da periferia, né? Que é o mesmo sentido do “Homens de Papel”, né? Porque ali os catadores são pessoas vulneráveis, né? São pessoas mais pobres; são pessoas que necessitam daquele trabalho para sobreviver na sociedade, né?

Participante B: É, agora, o que o Participante A falou, realmente, os dois textos têm um personagem de autoridade, né? Enquanto no “Homens de Papel” essa autoridade, todo mundo também tem medo, ela é meio opressiva, no outro, não que não seja, mas ali a conduta foi meio que... não se opor, enfim, ao que estava acontecendo ali, né? Mas ali no Homem de Papel, eu acho que um personagem interessante que a gente consegue verificar também é o da mulher que faz a denúncia. Por que, enfim, ela está no mesmo lugar que aquelas pessoas; ela está ali no mesmo contexto, enfim, o que é que leva essa pessoa a fazer essa denúncia? Ele traz ali algum aspecto da água encanada, né? E tal, como um ponto de diferença, um ponto de destaque desse povo, né? E daí, realmente, no “Homens de Papel” parece que é uma coisa de todos estão no mesmo lugar, mas eles estão sempre conflitando entre si, né? A gente já vinha falando disso, né? (se referindo ao primeiro encontro) Eles estão ali no mesmo lugar, na

mesma situação, mas, enfim, eles acabam sempre conflitando entre si, eu acho que essa é uma coisa que a gente pode fazer também.

Participante A: É, ali no “Homens de papel” é uma dificuldade da organização deles, né? Por que eles estão sujeitos ali, na questão de sujeitos à chantagem, né? Sabotagem entre eles ali, muitas vezes eles têm essa necessidade de realmente sobreviver ao espaço que eles estão, onde eles estão inseridos, né?

Pesquisadora: Eu notei que, quando a gente ia se encaminhando no final do Último Encontro, a gente já começou a puxar alguns temas que se encaixavam com esse conto de agora. Então, quando a Niki falou das brigas entre si, é um ponto, e também quando a gente estava falando sobre o individualismo, que trazia dentro do texto do "Homens de Papel" e do primeiro texto do José Faleiro, mas também tem bem latente nesse segundo texto, né? O que vocês conseguem, assim, pensar sobre?

Participante B: Eu achei esse segundo texto muito, muito, muito interessante, principalmente ali pelo personagem da mulher que faz a denúncia. Por algum motivo ela me chamou a atenção. E realmente, a gente conversou sobre isso, a gente falou sobre isso no último encontro, parece que os dois estão no lugar de que o cenário meio que não contribui para uma associação, para uma compreensão de coletividade, assim, né? Eles estão no mesmo lugar, mas não há uma compreensão de que é um coletivo, digamos assim. Não sei como explicar isso; eles estão juntos, mas não estão unidos, assim. E eu acho que isso se expressa bastante nessa personagem, nessa pessoa ali que faz a denúncia, né? Porque, enfim, parece que é uma marca dessa, que no “Homens de Papel” acontece em diversos momentos ali, né, do texto, quando eles conflitam entre si, e meio que o conflito parece que é mediado por esse personagem que todos eles têm medo, então parece que o medo também leva eles a conflitarem.

Participante A: Bom, eu ali, fazendo relação com o que a gente já tinha comentado na semana passada e trazendo para agora, esse texto dessa semana, a gente tem dois personagens. Dá para se considerar que os dois têm um pouco, sim, uma ideia individualista. Primeiro, seu Baiano, né, ele que tomou a frente, ele que foi, mas ele era um individualista, mas um líder, né, e que pensava no coletivo dele, né? Ele pensava no bem daquelas pessoas, né? Ele ficou ali, tomou a frente, foi arrumar, né, enfrentou a polícia, não teve medo de enfrentar a polícia. E a gente vê a outra personagem, que é a mulher, né? A mulher, ela totalmente individualista, né? Tem uma palavra no texto que, quando tá se referindo à mulher, diz assim: que a mulher, com um pouquinho, um pouquinho mais de condição, né, que ela tinha, que era a água encanada, ela sentia que ela era superior aos outros, né? Então, parece que pra ela, ela era a

maravilhosa, né? Só porque ela tava lá com a água encanada e que ela não queria que os outros estivessem, porque parecia que os outros iam estar se igualando a ela, iam ficar igual a ela, e ela queria sempre se sentir ‘a superior’. Então, tipo assim, ela não tinha uma ideia, assim, de pensar no bem do coletivo que ela estava convivendo ali na comunidade, né? Ela só pensava no bem dela, né? Então, existe esse... Teve essa... Fazendo essas duas relações com o seu baiano e com a mulher, né? Que os dois, eles podem ser individualistas, mas o seu baiano com uma ideia mais, tipo, ele foi individualista, mas ele pensou no coletivo, né? Ele pensou no bem do coletivo, e já a mulher não, né? Já a mulher, tipo, foi mais, como se diz assim, egocêntrica, né? Por não querer pensar no bem dos outros.

Participante B: Muito louco isso de pensar a dimensão do que é correto e o que não é correto nesse contexto, né? Porque fazer um gato não é uma coisa correta de se fazer. E daí esse agente público que sabe punir isso, né? A polícia meio que chega e fala, tipo, tudo bem? Tudo bem? E também essa mulher, né, da história que deu, ela meio que se estressa, ela querendo mostrar, ela leva um peixe, assim, né? Mas é muito interessante pensar o que é correto e o que não é correto nesse contexto, né? Porque, enfim, a ideia dos valores e do que é considerado correto ou não correto nesse contexto. E daí no final desse texto ele fala que eles estavam reunidos nesse lugar, né? E ele estava contando essa história que aconteceu. E que, embora todos eles não fossem partes do mesmo lugar, não viessem no mesmo lugar, todos eles sabiam dessas regras, né? Desse medo da polícia e, enfim, dessa ideia de pensar coletivamente em prol daquelas pessoas. Então, o que me deixou pensando que a gente consegue ambientar essa história em diversos cenários, inclusive no “Homens de Papel”, assim. E daí ele fala do “País Dividido em Dois”, né? No sentido, eu acho que não estou conseguindo me expressar, mas no sentido de que esse país está dividido em dois e todo mundo em diferentes contextos entende essas regras porque está num lugar desses dois, sabe? Que, apesar de estarmos em distintos lugares, ainda assim estamos num lugar que é nosso, que é comum, assim. Que é um desses dois lugares, um desses dois países, assim. Que é meio que uma coisa de classe, né? Apesar de a gente estar em diferentes lugares, a gente participa da mesma classe; a gente entende essas regras.

(pausa)

Pesquisadora: Sim, tem uma questão de que a mulher que tem o acesso à água, ela acha que ela está em outra classe, né? E aí, é esse dividido em dois.

Participante A: Resumindo, falta de consciência de classe.

Participante B: É, é uma boa maneira de definir.

Participante A: A maioria que a gente vive, na realidade, não tem, né? Que acha que é superior, mas estamos no mesmo barco.

(pausa)

Pesquisadora: E aí, como que vocês conseguem fazer a ligação desses textos com aquilo que vocês vivem no dia a dia, assim? Como vocês conseguem transpor a relação da materialidade literária para a materialidade da vida de vocês?

Participante B: De um modo geral, assim, é justamente essa questão de confusão de classe, assim. Não confusão de classe, mas, justamente, entender consciência de classe, entender onde você está, assim. Não necessariamente na minha realidade, mas no contexto do cenário, do contexto do país, assim. Dessa questão de uma melhora, uma ascensão, que leva a entender que você está em outro lugar, em outra classe, que não é aquela, né? E é um discurso muito recorrente. Hoje em dia a gente vê uma classe popular defendendo alguns ideários que são meio que conflitantes, assim, né? Que são meio que, tipo, a barata votando no chinelo, nesse sentido, assim.

Participante A: Eu acho que tem uma frase lá no final do texto que ele diz muito sobre a nossa realidade de hoje. Que é a frase que diz assim, “nunca houve um país unido de verdade”. E é uma verdade que, trazendo para a nossa realidade, faz total sentido. A gente nunca foi um país unido e eu acredito que nunca vai ser um país unido, né? Por que existe essa falta de noção da consciência de classe, né? E, trazendo para a realidade, eu fico me perguntando, vamos supor, né? No meu trabalho, será que o meu chefe, ele gostaria que eu tivesse as mesmas condições financeiras que ele tem? (pausa) Será que ele gostaria que eu também tivesse os privilégios que ele também tem? Ou mesmo assim, vamos supor, numa cidade, o prefeito, né? O prefeito tem a sua família e tudo, mas o prefeito bota os seus filhos em escola particular e vai consultar o consultório particular. E a população? A população ganha ali as migalhas, né? Escola pública, às vezes nem tão de qualidade assim, a saúde não é tão boa assim, né? A segurança não é tão boa assim. Então, assim, será que as pessoas que falam que pensam no bem do povo realmente querem o bem do povo?

(Pausa)

Pesquisadora: E quando vocês falam assim, às vezes eu fico pensando que as pessoas não se veem nessa mesma classe, aí a gente tem uma classe meio que dominante, que era o que o Participante A estava falando, né? Que acaba impondo algumas coisas, mas o que a Participante B falou também de ter essa perspectiva de pessoas que não são dessa classe dominante, defendendo ideais dessa classe dominante, é uma questão muito interessante, e aí às vezes leva a gente a pensar o porquê que isso acontece, porque no texto a gente vê isso

acontecendo de forma muito clara. E por que será que a gente vê isso no nosso dia a dia de forma tão latente assim, né?

Participante B: Pois é, e é muito doido, assim, o texto, conforme eu li, eu ficava pensando nisso, porque justamente pessoas que não são parte dessa classe, defendendo benefícios dessa classe, que por consequência acabam por nos destruir, assim, né? (Pausa) Ah esqueci o que ia falar, pode falar Participante A

Participante A: É, o que a gente percebe hoje em dia, né, que tem muitos que não estão numa classe tão superior, mas estão defendendo aquela classe que está, vamos dizer assim, superior ao que seria a periferia, né? Eu acho que falta um pouco de noção, né, de saber o que é o lugar, né? Por mais que eu tenha um pouquinho de privilégio, mas será que realmente esse pouquinho de privilégio me torna uma pessoa muito mais superior do que as outras pessoas que não têm esse privilégio, né? Eu acho que falta um pouco ali de empatia mesmo, né, de você se colocar no lugar do outro, né? Às vezes, ah, eu tenho um pouquinho a mais, o outro não tem, mas eu posso ajudar o outro, né? Eu posso contribuir com que o outro melhore também de vida, né? Então, eu acho que falta essa questão, assim, de solidariedade, né, com o meio ali entre eles, né? A mulher ali se achando superior só porque ela tinha um pouquinho mais de privilégios. E isso, na realidade que a gente vive, a gente vê muito, né? A gente vê muito. Vê muito em universidades, vê muito em trabalho, professor, só porque tem um título a mais ele se acha superior, né? Só porque tem um estudo a mais, ele acha que tá no poder, que ele domina, né? E acha que o estudante não tem tanto esse domínio; ele acha que pode mandar, né? Ser algo, alguém, que seja superior, né, com o seu ego, né? E no trabalho também, né? Tem chefes que, meu Deus, né? Tu vê, ah, só porque é meu chefe, ele quer, vai ser o superior de tudo. Eu vejo no meu caso assim, onde eu trabalho, né? Por mais que eu tenha os meus prós e contras aonde eu trabalho, né? A pesquisadora sabe, mas eu tenho, vamos dizer assim, eu tenho duas chefes, né? Eu tenho uma que não é tão presente, né? Que realmente é a dona, né? E eu tenho a minha chefe que tá ali convivendo comigo diariamente. Vamos dizer assim, a minha chefe que tá vivendo ali comigo diariamente, ela tá no mesmo barco que eu. Claro que ela ganha um pouco a mais, né? Do que eu. Mas ela tá ali vivendo os mesmos problemas, as mesmas realidades que eu estou vivenciando ali. E eu não vejo a minha chefe, que tá ali junto comigo, como uma pessoa tão superior a mim. Porque a gente se trata normalmente, ela tem um carinho especial comigo e eu tenho um carinho especial com ela. Então, parece que não existe essa questão de ser superior, sabe? Por mais que a outra não esteja presente, eu não vejo isso no meu caso. Que ela seja uma pessoa que tente me diminuir pra ela se sentir superior, né? Muito pelo contrário, sabe? Ela sempre tá tentando me ajudar,

sempre tá ali dando conselhos pra mim. Esses dias ela pediu, ah, João, o meu filho recebeu cesta básica lá, sobrou um monte de quilos de arroz. Tu quer uns quilos de arroz pra você? Ah, eu quero, aceito. Trouxe ali pra mim e tal, sabe? Então, ela pensa, assim, no meu bem, né? Porque eu acho que ela ali pensando, se eu estou bem, eu consigo trabalhar bem, né? Então, é algo que favoreça também o rendimento do meu trabalho dentro da empresa.

Participante B: Sim, lembrei do que eu ia falar e não é algo tão distante do que o Participante A tá falando. Porque, ah, a gente tá falando que o país é dividido em dois. E daí, enfim, ele tá falando de dois grupos, né? De duas partes do país, onde um grupo, um lado tem muito de tudo e o outro lado tem pouquíssimo. Aí, no sentido de quê? De ter tão pouco e de algo muito básico, no caso, por exemplo, da água, né? Ele tá falando de confusão de classe, acho que a gente pode falar assim, né? Essa classe dominante tem tanto e esse grupo de minoria tem tão pouco que o básico se torna algo que é considerado, é supervalorizado, assim, né? Algo que é básico, que torna supervalorizado, no caso, da água ali no texto. Mas a gente pode pensar em outras coisas, né? E na semana passada a gente tava falando sobre essa coisa de empresa, esse discurso de meta e dessas coisas que a gente tava falando na semana passada, né? De, enfim, se você trabalhar bem, a empresa vai bem e o sucesso da empresa é um sucesso pessoal também. E daí, parece que isso coloca esse lugar de empreendedor, que mesmo que a pessoa trabalhe, meio que parece que é um discurso de empreendedorismo, assim, né? E como esse discurso funciona muito bem pra causar essa confusão, né? Porque eu tenho acesso a algumas coisas, que é o meu trabalho que me dá acesso a isso, e, enfim, eu me entendo em outro local de classe. E daí, realmente, se eu parar de trabalhar, essas coisas deixam de existir, né? Então, mas esse discurso de empreendedorismo, de desenvolvimento, de performance, meio que confunde isso, meio que parece que é muito algo que a gente tava falando na semana passada, né? Mas, assim, causa essa confusão de não entender que a partir do momento que eu, assim, parar de trabalhar, essas coisas vão parar. Esses privilégios, que não são privilégios, são coisas básicas, né? Tipo, tu tem acesso à educação, cê tem uma casa boa pra viver, enfim, cê se alimentar bem, né? Que são coisas que, enfim, deveriam ser consideradas como básicas, são consideradas como privilégios, enfim, e dado o contexto, o cenário do Brasil, realmente, acesso a algumas coisas pode ser, enfim, difícil, mas essa confusão, justamente, de entender que a partir do momento que eu parar de trabalhar, eu não vou ter acesso a essas coisas, né? Então, eu não tenho esses privilégios porque eu participo de uma classe que me garante isso, mas justamente porque eu fui trabalhar pra conquistar essas coisas que deveriam ser básicas. E como é cruel isso, né? Porque, enfim, tu tá condicionado a um esforço de trabalho muito

grande pra conseguir algumas coisas, enfim, deveriam ser consideradas básicas, tipo, garantir uma educação de qualidade pras minhas crianças, por exemplo.

(Pausa)

Pesquisadora: Ai, que bonita as coisas que estão falando. Participante A, você quer complementar alguma coisa do que a Participante B tava falando?

Participante A: Na verdade, eu tenho umas coisas pra ponderar ali com o que ela falou, né? Ela falou que a gente recebe o mínimo, né? A gente deveria receber, não ser um privilégio, mas que a gente deveria ter uma dignidade, né? Tipo, a água, essas coisas, né? E aí, eu fiquei pensando, por que "Homens de Papel", né? E aí, relacionando com outro texto que diz que o país é dividido em dois, a gente pode dizer que os pobres, eles ali, que são os homens de papel, que são os catadores, eles são considerados homens de papel, porque pra classe que é superior, considera essas pessoas como pessoas descartáveis, né? Por que eles correm o risco, né? Então, são pessoas descartáveis porque não fazem a mínima diferença pra eles, né? Pra quem está acima deles, né? Então, tipo assim, o que aconteceu ali com a menina, né? De todo aquele rolo, né? Ela não tinha acesso a cuidados da saúde, né? Que ela tinha uma deficiência, depois aconteceu isso com ela. Pro poder, né? Pra quem está dominando, isso não importa, né? É descartável pra eles, né? O que importa é que eles estão ganhando, né? Que eles estão sendo privilegiados através dos que são descartáveis, e tá tudo ok. Então, realmente há essa divisão, né? Que os pobres são pessoas que nem "Homens de Papel", que são descartáveis, né? E pra quem tem um pouco a mais, se acha superior àqueles que não tem nada, né?

Participante B: Nossa, eu não tinha pensado nunca, nunca tinha parado pra olhar o título com essa atenção, assim. Realmente não é "Homens do papel", né? É de papel; coloca neles essa característica nossa, realmente.

Participante A: É porque parece que a gente faz a relação "Homens de Papel", ah, porque eles são catadores de papel, né? Mas faz a gente pensar em muito mais, né? Do que isso, né? Só porque eles são catadores de papel. A gente pode perceber que ali no título uma questão, uma crítica, né? Dessa classe ali que eles estão inseridos, né? Que eles sofrem, que eles têm esses problemas sociais, mas que tá inserido já no próprio título, né?

(Pausa)

Pesquisadora: Interessante ver como eles vão descartando uns aos outros durante o texto, só pra conseguir um pouquinho mais de tentar chegar um pouquinho mais perto de um privilégio, vamos dizer assim.

Participante A: Pra tentar crescer um pouquinho mais, né? Vamos dizer assim, pra tentar ter um pouquinho mais de autoridade, né? Ou voz, né? Que parece que, se eles continuarem ali

na mesma, eles não terão voz, ou não terão vez, ou não conseguirão sair daquilo que eles estão vivenciando no dia a dia, né? Que é lutar, trabalhar pra sobreviver.

(Pausa)

Pesquisadora: E tem mais algum ponto que chamou a atenção de vocês nesses dois textos, assim?

Participante A: Tem, aí eu tô empolgado!

Pesquisadora: Você tava esperando esse momento!

Participante A: Ah, eu tô muito empolgado hoje, meu Deus do céu! Acho que vou mudar para humanas e vou largar da matemática!

Pesquisadora: Vem!

Participante A: Eu tava pensando assim, ali no “País Dividido em Dois”, eu tava pensando assim, ok, foi uma mulher, uma mulher que ligou pra polícia! E aí aconteceu né que os policiais, ela foi lá falar com os policiais e os policiais praticamente ignoraram ela, não deram tanta importância pro que ela tava falando. Agora, se fosse um homem? Se fosse um homem que tivesse ligado pra polícia e tivesse ido falar com os policiais? Será que os policiais iam fazer o que eles fizeram com a mulher? Porque praticamente os policiais, aí ok, ela denunciou, mas não tá tendo nenhuma irregularidade, né, entre aspas, né, porque tá todo mundo recebendo água, ela tá recebendo água e tá ok! Agora, se tivesse sido um homem que tivesse ligado pra polícia e tivesse ido lá falar com os policiais, né? Será que o desfecho ia ter acontecido da mesma forma que aconteceu?

Pesquisadora: Não sei, por que o cara que tava lá fazendo o gato, era um cara que era meio que líder ali da comunidade né, então não sei, o que você acha participante B?

Participante B: E sozinho, né? Porque enfim, a polícia encontrou uma única pessoa lá também, não era um grupo, é... E daí é muito louco porque enquanto ele vai contando a história, ele associa a esse..., essa coisa que aconteceu, como uma primeira movimentação de liderança assim, né? Que ele fala que foi ali que ele começou e tal, e daí realmente tipo, não era só ele que tava fazendo aquilo, tinham outras pessoas que também tavam trabalhando pra fazer aquele gato, né! E daí a figura dele meio que... se...

Pesquisadora: Sobressaiu?

Participante B: Criou nessa situação, né? Mas interessante pensar que aí ele era uma representação de outras pessoas que tavam ali, mas que fugiram quando a polícia chegou! Mas a polícia ali, é muito interessante nessa história, a postura da polícia, o diálogo... Mas realmente né, você tem essa denúncia dessa mulher, eu não tinha parado pra pensar nisso, mas é um ponto mesmo, por que... tá todo mundo tinha medo da polícia, aí a polícia chega, todo

mundo foge, mas ela vai lá fala “olha fui eu que denunciei”. Então ela não fez isso anonimamente, enfim...

Participante A: Ela escancara, ela escancarou que tinha sido ela, então não teve medo, isso eu acho que... Foi assim ela não teve medo de se opor ali, de dizer “eu fui” “fui eu que denunciei” porque muitas vezes as pessoas fazem denúncia, mas depois não se acusam né, por que ficam com medo de “ai o que vai acontecer comigo” “porque daí vão virar contra mim” “meu deus não pode aparecer o meu nome”, a gente pode ver até na universidade né, tem a avaliação do CCR “meu deu, mas será que vai aparecer o nosso nome pro professor se a gente falar mal?” A gente fica né com essa coisa né de receio de medo, e ela não, ela denunciou e foi lá e disse “fui eu”

Participante B: É, parece que ela não, não sei, parece que ela não tem o medo da polícia nesse caso, interessante por que todo mundo tem medo da polícia, então o medo da polícia se torna um instrumento de poder dela “eu posso fazer uma denúncia, por que essas pessoas tem medo da polícia”, meio que se torna uma ferramenta de poder dela né, a denúncia, o poder de chamar a polícia pra fazer alguma coisa, parece que é um micropoder assim.

(Pausa)

Pesquisadora: Eu acho interessante também que ela não tem medo da própria comunidade, da repercussão da própria comunidade pós-ato

Participante B: Sim

Participante A: É, por que tipo assim, ela precisou chamar a polícia pra poder fazer essa denúncia, ela não foi lá falar com eles dizer que eles não podiam fazer, ela precisou de uma autoridade, superior à ela, que tivesse um pouco mais de poder, e que ela, no inconsciente dela, tinha noção que o povo tinha medo da polícia, e pegou e chamou a polícia, pra intervir no que tava acontecendo ali, por que eu acredito que se fosse só ela ir lá dizer “pessoal eu não quero que vocês abram aqui, abram a água, por que eu não quero que vocês recebam, por que só eu vou receber” eu acho que ela não teria essa coragem de fazer isso né, porque aí não teria envolvido a polícia, aí ia ser ela contra a periferia, a comunidade.

Participante B: É, não, e por quê, ah, tudo bem, tem um problema na água, porque eu não chamo o serviço de água, eu chamo a polícia, ela chama a polícia porque todo mundo tem medo da polícia, e justamente, né? Ela usa esse medo como uma ferramenta pra ela própria!

Participante A: Ela utiliza como uma armadura de proteção!

(Pausa)

Pesquisadora: E ela acha que a polícia vai fazer o que ela mandou, e aí eles não fazem e ela... ela percebe que não tem todo o poder que ela imagina

Participante A: Ela nem intervém mais, não faz mais intervenção em nada né? A polícia fala ali e encerrou o assunto pra ela, vamos dizer assim, ficou com o rabinho entre as pernas e foi pra casa né, ela não quis debater em nada né! Por que eu acho que no fundo ela também tem medo da polícia né! Por que tipo assim, ta ela foi falar com a polícia, a polícia pediu ali pro seu Baiano se tava faltando água pra alguém ou se tava faltando pra ela, ela disse que não, mas ela não quis bater de frente com a polícia, então no fundo ela também tinha medo da polícia!

Participante B: É, né, pois é! Porque eu vou chamar a polícia porque todo mundo tem medo da polícia, mas eu também tenho medo da polícia, então eu não posso me opor, né... e por sinal todo mundo tem medo da polícia. E daí, localiza ela, porque a gente tava falando que ela se sente diferente dessas pessoas porque ela tem água, né! Então ela meio que se afasta desse grupo; ela se coloca em outro lugar. E daí quando a polícia aparece na história ela é colocada no mesmo lugar que todo mundo né, num lugar de medo da polícia independente do que aconteça, porque beleza, é isso que eu tava falando do que considerado correto ou não nesse contexto, porque beleza, ela chamou a polícia por que ela sabe que aquilo é uma coisa errada de se fazer né, mas aí no caso, como a polícia não condenou aquilo, colocou ela no mesmo lugar de todo mundo, apesar de ela ter água ou não!

(Pausa)

Pesquisadora: Sim, fez ela lembrar da classe dela!

Participante A: Fez ela ter noção de classe, né, pra queridinha lá ter noção de classe, e aí, nisso, faz a questão de trabalhar a igualdade, né, porque daí precisou a polícia vir, pra fazer com que ela tivesse a noção de que ela tava sendo igual aos outros, né! Por que igual aos outros? Por que no fundo ela tinha medo da polícia, como todo mundo, segundo por que ela também fazia parte da comunidade e terceiro por que os outros iam também começar a receber água como ela também tava recebendo, então o pouquinho de privilégio que ela tinha se tornou nada, porque ela se igualou a todo mundo!

Participante B: É, e a questão, a polícia parece que ela não... A espera um pouco que aconteceu alguma coisa aqui (se referindo à notificação do Google Meet)

Pesquisadora: Ah, apareceu que a gente tem 15 minutos ainda de chamada.

Participante B: Tá, vou ser breve!

Pesquisadora: Não, tem 15 minutos!

Participante B: A polícia tá num lugar bastante importante nessa história, aparentemente, porque a gente tá falando bastante deles aqui, né! Mas a questão do medo da polícia, ele fala que ele começou a ganhar respeito da comunidade por que naquele dia ele falou com a polícia

que todo mundo tinha medo, então ao mesmo tempo que o medo da polícia lembrou essa mulher da classe dela, também o medo da polícia, ou o não medo da polícia, tornou ele uma figura de respeito assim, fez ele se destacar.

(Pausa)

Pesquisadora: Mais algum ponto que vocês querem trazer do texto?

Participante B: Acho que era mais isso.

Participante A: Era isso. Me empolguei, mas tá tudo bem!

Participante B: Mas foi super legal!

Pesquisadora: Sim, foi super legal! Eu vou parar a gravação aqui então!

Meet 3º Encontro - Debate Literário - 3º encontro - Debate sobre o conto “Homem e o Rato” de José Falero e “Homens de Papel” de Plínio Marcos.

Pesquisadora: Começou a gravação. Queria agradecer a participação de vocês. Esse é o nosso último encontro. Reforçando que todo mundo é livre para entrar no grupo e sair do grupo na hora que quiser. E queria saber o que vocês acharam desse último texto. “Participante A” quer falar o que estava achando?

Participante A: Tá, pode ser. Então, eu já estava antes comentando com a pesquisadora. Mas eu acho que ele é um pouco... Dos três que a gente leu, assim, junto com o “Homens de Papel”, ele é um pouco pesado. A gente ficou aqui no meio a meio, né. É um pouco mais, assim, complicado de compreender. Eu achei um pouquinho mais complicado de compreender. Mas tu vai lendo assim, tu vai vendo que vai fazendo sentido. Principalmente quando a gente relaciona o texto com o “Homens de Papel”. Que eles têm uma ligação bem nítida, dá para relacionar os dois.

Participante B: É, eu acho que o texto, ele conversa bem com os últimos diálogos que a gente teve. Que ele está num lugar meio de... Ah, a gente estava falando do contexto horrível em que as pessoas, os trabalhadores se encontram e tal. O texto meio que está num lugar de viver um dia após o outro, assim. Enfim, num lugar meio de resistência, mas uma resistência no lugar de suportar, né. Que ele começa ali falando dos narcóticos anônimos. Ah, e todo dia é um dia. Todo dia é um dia, só precisa chegar no final do dia.

Participante A: Esse NA ali é os narcóticos anônimos.

Participante B: Eu entendi por isso.

Participante A: Eu achei que era o nome de uma empresa.

Participante B: Não. Tudo bem. Não, eu achei que era isso também, eu fui procurar.

Participante A: Eu não sabia que era essa a sigla dos Narcóticos Anônimos. Agora fiquei mais chocado ainda.

Pesquisadora: Eu acho que é porque eles têm isso de, tipo, lutar cada dia para não ceder ao vício, sabe. E aí cada dia você luta de novo, pensar só no hoje e tal.

Participante A: É, então é que eu confundi os negócios. É porque a gente tava meio que falando de questões de trabalho, né. Teve o texto ali, dor de dono. Pensei, ah, ele tá pensando no trabalho, que não é o trabalho dele, ensinaram isso. Então tá, agora faz mais sentido ainda o porquê do NA ali com ele. Eu entendi melhor. Ali eu botaria também, eu botei um segundo título para esse texto. Que eu acho que também faz sentido, que o título é “Homem e o Rato”. Eu botei ali embaixo, que eu escrevi, fiz as minhas anotações. Eu botei “Sobreviver ou Viver”. Que eu acho que também faz sentido com o que foi, que o texto mostrou. Que ele tava sobrevivendo, mas daí no final não tava vivendo. Então é Sobreviver ou Viver. E isso dá para trazer para a nossa realidade. Será que a gente tá sobrevivendo ou será que a gente tá vivendo? Porque ali ele mostra que ele estava vivendo um dia após o outro. Depois, um turno após o outro. Então ele foi, parece que está se esgotando e vendo que a vida para ele não fazia mais sentido. Que era só aquilo ali, que era trabalhar, chegar em casa, sobreviver mais um dia. Sobreviver mais uma hora, sobreviver mais uma semana. E chegar até o último dia que é morrer. Então parece que ele não via um sentido para a vida dele. Ele não estava vivendo realmente, ele tava sobrevivendo ao sistema que ele estava sendo colocado.

Participante B: Ali no início, nesse parágrafo mesmo do N.A., tem a última frase do parágrafo. “Um dia de cada vez e assim vai ficando mais fácil engolir a existência nesse mundo sombrio”. Essa frase eu destaquei aqui porque eu achei uma frase muito forte. Mas se for olhar, é interessante pensar nesse texto, na figura do rato que a gente tá falando. Que o rato tá ali na água e ele fala que o rato caiu, ele não podia se deixar afogar, mas ele também não conseguia sair dali. Ele não morria ali, mas ele também não conseguia sair daquela situação. E esse desespero do rato, tentando nadar, bater as pernas para sobreviver, parece ser uma analogia, uma representação visual disso que a gente tá falando. Esse desespero e essa busca por sobrevivência, não necessariamente viver, mas sobreviver.

Participante A: Que daria para relacionar com a comunidade da periferia. Essa questão do rato, principalmente ali com o “Homens de papel”. O que o rato estava fazendo ali é praticamente o que o grupo dos catadores estava fazendo. Estavam ali, mas eles não conseguiam sair do que eles estavam pensando em sair. Eles tinham um pensamento, eles estavam meio que pensando, mas o sistema era tão opressor que eles não conseguiam sair daquele mundo que eles estavam.

Participante B: No final do texto, quando ele encontra o rato, ele se identifica com o rato. Ele não trata o rato como uma situação, ele se espelha, se identifica com a situação do rato. E daí, dá para pensar muito em relacionar com o contexto do “Homens de Papel”. Por isso que você falou, Participante A, que aquelas pessoas estão lá naquele contexto e que há uma impossibilidade de viver, mas de sobreviver. Esse título que você deu é muito interessante. E agora, lembrando do texto, esse lugar que a gente já conversou, em outros momentos, da agressividade que eles tinham com os outros, está neste lugar também de sobrevivência. Claro que naquele contexto todo mundo é colocado como inimigo. Mas a agressividade, combater o outro, está no lugar de sobrevivência. E a gente estava falando lá das empresas e desse discurso corporativo, essa coisa de o êxito da empresa ser o seu próprio êxito, você ser responsável pelo futuro, também coloca os outros num lugar de um ambiente competitivo o tempo todo.

Pesquisadora: E o que vocês acharam também do final? Porque é bem interessante que ele fica observando. Ele tenta ajudar o rato, mas ele fica observando também o rato. O que vocês acharam?

Participante B: Nessa parte eu fiquei lembrando das conversas que a gente teve. Porque ele tenta cutucar o rato, mas ele entende que aquele rato não consegue. Ele não vai conseguir. E em outros momentos a gente falou sobre, quando a gente estava falando de homens de papel, dessa impossibilidade de as pessoas se unirem, de elas não conseguirem fazer algo. E eu consegui relacionar essas duas coisas em um texto. Ele identifica que o rato está morto e não há nada que possa ser feito.

Participante A: Eu acho que há uma ausência de amparo. Porque ali o narrador tenta encontrar algum consolo. Ou no céu, ou no pai, mas o pai já está morto. E no texto de “Homens de papel” também. Eles tentam encontrar um amparo pela lei, mas nem a lei nem a sociedade conseguem dar esse amparo. Então existe essa ausência do amparo para ambos os textos.

Participante B: E ele vê o rato morrendo. Vê o rato agonizando. Pode fazer uma analogia com a realidade, de se observar isso acontecendo e fugir do nosso campo de possibilidade e fazer algo em relação a isso.

Pesquisadora: E quando vocês pensam esse mesmo conto, comparado com o primeiro, comparado com o segundo, comparado com o texto de homens de papel, vocês acham que tem uma temática ali? E quais são as relações que vocês conseguem fazer? Porque já é o último, comparado com tudo.

Participante B: Eu acho que com todos esses textos, um tema muito central é a questão da periferia. Dessa comunidade, em todos os textos, foi alguma coisa relacionada. Então está

mais relacionado a questões trabalhistas. No primeiro texto, “dor de dono”, depois uma questão do direito da água, o medo do povo periférico. Nesse texto aqui, no último, homem ou rato, está relacionando a questão da sua individualidade nesse sistema e como esse sistema torna você uma vítima, vamos supor, e você fica querendo só sobreviver em vez de viver realmente. E os homens de papel também, eles são catadores, eles não têm o que fazer, eles não têm voz, eles estão vivendo sob uma opressão. Então acho que gira em torno disso.

Participante B: Eu acho que conforme a gente vai lendo os livros, eu acho que eles são partes do mesmo texto. Você vai criando um personagem, ele está falando em primeira pessoa, eu imagino que ele está falando da vida dele, mas você vai desenhando esse personagem, você localiza ele enquanto pessoa, porque ele é um trabalhador, uma pessoa que trabalhava, uma pessoa normal que trabalhava. Ele estava localizado neste espaço, estava naquele lugar. E daí esse último texto meio que cria uma identidade para ele em relação consigo mesmo, sobre o que ele sente, sobre algo que aconteceu. Ele consegue entender que, por exemplo, ele é uma pessoa que teve um problema com drogas, e isso afetou a vida dele em alguma medida. Mas eu acho que, pensando nesses três textos, com o “Homens de Papel”, isso está no lugar da maneira como as pessoas se relacionam no trabalho ou no lugar onde vivem, em determinados contextos, como o Participante A falou. Naquele contexto, o contexto de vulnerabilidade como no “Homens de Papel”, as relações são mediadas dessa maneira. Parece que o texto, por exemplo, parece que em algum momento essas relações vão mudar. A relação que eles têm entre si vai mudar, mas no fim a gente percebe que a própria dinâmica impede que essa relação mude. Eles continuam com uma relação de conflito, uma relação de desunião. E aí me parece que esse é o diálogo com os outros textos. O exemplo do texto da semana passada, da água, ele fala de um país dividido em dois, e que essa divisão impossibilita uma união de alguma maneira entre as pessoas que estão situadas no mesmo lugar.

Pesquisadora: E na vida de vocês, nós somos, nas nossas vidas todas, nós somos o homem ou o rato?

Participante B: Sim, esse texto bateu muito, muito forte, gente. Bateu até um pouco quebrado. Porque essa coisa, eu nunca tinha parado para pensar nisso, essa questão do narcótico. Eu não podia entender todo dia como uma batalha. E me parece que isso é algo muito constante na vida. Justamente pelo contexto, não ser o mundo mais favorável do mundo, tu encarar a vida como só precisa chegar ao fim do dia, só precisa chegar até o fim da semana, só precisa dar conta desse mês. E meio que a noção de tempo vai sendo de dar conta de tudo que está acontecendo.

Participante A: Então, eu me senti um rato, né? Ai, eu me senti um rato. Me senti um ratinho, né, gente? Mas é isso. Eu acho que o texto pega umas coisas que tu consegue mexer com você, na verdade. Porque eu fico pensando, depois que eu li o texto, eu fiquei pensando, mas será que eu estou sobrevivendo também ou estou vivendo? Outras partes também do texto que me pegaram, principalmente ali, a última parte ali, que quando o rato morre e ele pensa, ele fala ali da questão do pai dele, que o pai dele botou, que tu é homem ou tu é um rato, guri? Eu acho que isso remete muito à questão de um padrão de masculinidade. E isso é, nas famílias, eu vejo pra mim, eu acho que isso faz muito sentido, né? Porque eu, quando era criança, parecia que meu pai queria que eu tivesse um padrão, alguma coisa assim, né? Então, me remeteu muito a essa questão de padrões de masculinidade que a sociedade impõe a gente.

Pesquisadora: Ai, que interessante, “participante A”. Eu não tinha pensado, mas a gente pode entender também que será que a sociedade cria esse padrão de sermos todos ratos?

Participante B: É, e de uma dinâmica de não se importar com isso, né? Porque, enfim, ele vê o rato, ele fica super mal, e ele chora, né? Ele busca ajuda e não encontra ajuda. Eu acho que esse lugar de buscar o amparo, não encontrar, é uma parte bem forte do texto.

Participante A: Essa questão. E também acho que dá pra relacionar ali com o “Homens de Papel”, quando acontece o acidente, a monstruosidade com a menina, né? Que ela morre e tudo, e parece que não foi nada assim tão grave, né? Procurou, enterrou e tudo, mas não foi algo que fez com que mexesse, assim, com o grupo, tanto assim com o grupo ou assim com a sociedade. E aí a gente pode também fazer uma analogia de que muitas coisas acontecem na sociedade, mas parece que já foi algo normalizado, né? Por exemplo, esses padrões de masculinidade, né? Que existe muito na sociedade. Porque o homem tem que ser desse jeito, o homem trabalha, a mulher fica em casa, a mulher não trabalha, a mulher sustenta os filhos, cuidar dos filhos, limpar a casa. E é isso, né? O homem é o que manda e tudo. Então, parece que é algo normalizado, né? Não é algo, parece que é difícil de sair desses padrões, né?

Participante B: É, parece que a gente, enfim, aceitou e normalizou tanto uma realidade que, em certa medida, é violenta, é opressora, que meio que isso é o normal, né? Isso torna normal isso daí. E é que quando é normal isso torna sempre muito aceitável, né?

Participante A: Ali, a pesquisadora falou, né, sobre a questão da gente ser homem ou rato, mas também dá para a gente trazer se a gente é homem de papel, se a gente é de papel também, né? Será que a gente é de papel também? Porque, como no sábado passado, a gente trouxe a questão, né, de que o homem de papel seria uma pessoa de papel, que é descartável, né? Então, será que a gente também está nesse lugar que a gente é de papel na sociedade? Será que é algo que não seja de papel? Então, dá para a gente se perguntar sobre isso também.

Participante B: É, essa frase ali, tu é homem ou tu é rato, parece que está no lugar de colocar o homem numa imponência e o rato num lugar... Num lugar inferior, né?

Participante A: É, isso, num lugar inferior.

Participante B: E também tem uma coisa, esse texto tem umas partes, assim, umas canetadas, assim, que tu fica pensando. Tem uma parte, eu estou tentando achar nas minhas anotações, que ele fala que o rato estava desesperado, ele se afogou, mas o balde estava... estava pela metade da água, estava pela metade da água. E é muito louco pensar que o rato se afogou em pouca água, né? Sei lá, dá para fazer uma analogia, mas parece muito poético isso. Enfim, não tinha uma imensidão de água ali, e mesmo assim, naquele lugar, o rato se afogou, assim, parece que o pouco é insustentável ali, sei lá.

Participante A: Dá para a gente relacionar uma tempestade em um copo d'água.

Participante B: Pois é, porque daí, quando eu li isso, eu fiquei pensando, relacionando com as coisas da vida, né, que é esse o ponto da questão, que, às vezes, eu me sinto, enfim, uma pessoa, eu sou uma pessoa que tem muitos privilégios na vida, e daí, quando eu olho para a realidade do planeta, eu sinto que eu não posso reclamar de nada. Porque eu não posso me sentir desconfortável, justamente porque existem contextos muito cruéis, assim. E daí, realmente, parece que é uma tempestade em um copo d'água, mas também nesse lugar de que o mínimo, o mínimo já causa um desconforto muito grande, porque naquele contexto não é um contexto bom. Para o rato, não fazia diferença se era muita água ou pouca água. Ele ia se afogar porque era água, né. Meio que nesse lugar, assim, de que a gente está conversando sobre isso, que, enfim, a gente está num contexto cada vez mais competitivo, mais individualizado, que, enfim, as nossas relações sociais, as nossas relações de trabalho nos colocam para competir uns contra os outros. Parece que está tudo tão ao extremo que o pouco já se torna algo muito grande, assim. O pouco se torna insuportável, né. Porque justamente a gente já está suportando tanto que nem o autor do texto. Suportar um dia após o outro, aguentar um dia após o outro. Daí, enfim, é uma pressão de ter que aguentar tudo o tempo todo. E, diariamente, é a partir do momento em que algo que poderia ser lidável, fazendo uma auge com essa questão da pouca água, se torna, enfim, uma gota d'água transborda.

Pesquisadora: E se a gente pensasse pelo contrário? Porque se fosse água está aqui, o balde está aqui. Se fosse muita água, o ratinho conseguiria... Se fosse muita água, se tivesse muita água dentro do nosso balde, a gente...

Participante B: É, mas também no lugar de escassez, né. Que a escassez é o que nos faz desenhar. Nossa, que loucura.

Pesquisadora: Mas também pode ser no sentido de que, tipo, as coisas estão feitas no sentido de levar a gente até um limite, mas não um limite que ultrapasse. Porque se ultrapassar aquele limite do que a gente aguenta, a gente... A gente vai tentar criar uma outra realidade, talvez?

Participante B: Uma possibilidade de sair daquilo, né. Porque a gente estava falando, por exemplo, do aumento do papel que eles não conseguiam sair daquilo.

Participante A: Eu acho que dá para relacionar o balde com... em metáfora, a periferia, né. A gente está ali na periferia, mas a gente recebeu pouco, porque se a gente recebeu muito, a gente sai da periferia. A gente vai para outros espaços.

Pesquisadora: O balde como se cerceasse a nossa existência, né.

Participante B: É... Nossa, essa coisa do ratinho, é muito representativa porque ele sofreu muito, né. Ele lutou, lutou, lutou e não conseguiu, assim. Parece meio que uma constatação da nossa derrota, assim. É muito triste isso ali, assim. Enfim, é... meio que um... uma luta constante e, no fim, o fim é meio trágico, assim.

Participante A: É, eu achei um pouco meio depressivo, assim, sabe. Porque, tipo, eu fico pensando, lutou, lutou, lutou, a gente luta, luta, gente. Tenta conquistar as nossas coisas pra não sei o quê. Virar em nada, né. Porque a gente vai morrer, né. E aí eu fiquei, tipo, nossa, que coisa mais triste isso.

Participante B: É, eu fiquei pensando nesse sentimento quando eu li. E ele estava lá, morreu, eu vou morrer. É verdade.

Pesquisadora: E que interessante que o “Participante A” falou, a gente luta, luta, luta para conseguir as coisas. E quando consegue, do que que a gente lutou? Porque a gente vai morrer. E aí eu pensei agora, o ratinho lutou, lutou, lutou para sair do balde? E quando conseguiu sair do balde, nem aproveitar ter saído do balde, ele conseguiu? É. E se a gente pensar o balde como a periferia, a gente luta, luta, luta para sair de uma, de um nível, de classe, vamos dizer assim. E quando sai, será que a gente consegue aproveitar o que, o que existe para além disso? Será que a gente...

Participante B: É, e no final, quando ele tira o ratinho do balde, ele fala que não tem ninguém para tirar ele do balde dele. E daí... Ai, gente, isso é muito pesado. Entender que esse lugar é a realidade, é aqui que eu vou ficar, porque não tem ninguém que possa me tirar daqui. Eu nunca pensei que um balde com rato ia me afetar tanto. Vai me afetar muito.

Participante A: Eu fiquei bem triste, na verdade, né? Eu também. Porque começa a fazer muito, muito sentido, assim, para a nossa realidade. Eu acho que dos três que eu lia, né, eu acho que esse homem e o rato fez muito mais sentido para a realidade, né? Principalmente como a gente vive tudo, né? Porque faz totalmente sentido. A gente está fazendo as coisas,

mas a gente sabe que vai chegar um dia e a gente vai morrer, né? E, na verdade, isso está para todo mundo. Ou você está na periferia ou você não está na periferia. O destino é o mesmo.

Participante B: É, mas eu acho, Participante A, que no texto, justamente, todo mundo vai morrer. Ele está atrás dessa constatação. Mas parece que alguns vão morrer sofrendo mais que outros. É que o ratinho, ele está ali sofrendo, assim, lutando, ele morre cansado, né? Ele está muito cansado, sabe?

Participante A : É, até como ele narrou, né? Ele narra o rato ofegante e tudo, né? Então, parece que existe um cansaço, assim, extremo para o rato. E, por mais que ele tira o rato do balde, ele tenta fazer com que o rato fique confortável e tudo, mas o tanto que o rato lutou, cansou, né? Então, eu acho que, e parece que para o rato não havia mais algo bom de viver, né? Porque todo esforço que ele fez, tudo que ele fez ali para sair do balde, não fazia mais sentido, né? Depois que ele saiu, porque ele já estava cansado, né? E cansou.

Participante B: Pois é, e o rato, ele não morre no balde, né? Porque ele tira o ratinho do balde, seca ele, e o ratinho ainda vai se demonstrando reação, né? Então, meio que o rato sobrevive a isso, mas ele fica tão cansado que ele morre de cansaço, né?

Participante A: É uma coisa, assim, porque tu para pra pensar, o rato, se ele, a partir do momento que ele caísse no balde, ele simplesmente poderia pensar, pronto, eu estou aqui na água, eu vou desistir, e eu vou morrer afogado. De primeira, assim, né? E não, ele lutou, a gente luta, né? A gente tenta lutar para a gente não se afogar no sistema, né? Na periferia ou em qualquer outro lugar. Então, a gente sempre está lutando para a gente não se afogar. Foi o que o rato fez, né? Porque ele poderia pensar, né? Não tenho mais saída, por que eu vou lutar? Eu vou morrer, então não vou ficar lutando. E não, ele lutou, né? Ele se esforçou e tudo mas, para no final acontecer o que aconteceu, né?

Participante B: É, e o tempo também inicia com isso, né? Ele está lutando dia após dia. Hoje é mais um dia, hoje eu vou aguentar. Enfim, é essa mesma coisa, né? Hoje eu vou aguentar, hoje é um dia.

Pesquisadora: Ele se espelha, né? No gato, no rato. Ai, desculpa! Desculpa! Oh, meu Deus! Apareceu ela! (a gata da participante apareceu em tela) E tem alguma outra coisa do texto que vocês querem colocar? Que vocês acharam interessante?

Participante A: Eu acho que dá para relacionar ali em ser homem ou ser rato ou homem de papel que há uma tentativa de resistir, né? Pela questão de poder resistir a tentativa constante de você não ser um ser humano sem valor, né? Então, há essa tentativa, né? Enquanto no “Homens de papel” e em “Homem e o rato” existe essa questão de você tentar não ser algo sem valor, né? Não ser algo descartável

Participante B: É a gente tava meio que falando do destino cruel, o destino triste, de tudo isso, mas a gente não pode olhar o texto em um lugar de desistência. Enfim, essa questão da luta do ratinho, é do autor também, dia-a-dia vence a sua batalha luta a sua luta. E tem uma coisa eu acho enfim, eu acho que talvez eu tenha divagando um pouco, por que, beleza, ele fala que ele vai fazer um café, e ele coloca a água pra esquentar. Dai tá um lugar a água esquentando e tem a água no balde que o ratinho acaba caindo no balde, e tem a água do outro texto da semana passada, não sei parece que a água está em todos os lugares.

Pesquisadora: que é um bem básico né? a gente não vive sem água!

Participante A: E no primeiro texto fala sobre o homem que tava vendendo guarda chuva

Pesquisadora e Participante B: Ahh Verdade. Ah Nossa!

Participante A: Agora faz totalmente mais sentido ainda!

Participante B: E a água tá nesse lugar essencial pras pessoas.

Pesquisadora: Verdade! Perpassou todos os textos. Essa nem eu tinha observado!

Participante B: Verdade a água tá ali como elemento em todos os textos!

Participante A: E também no homens de papel eles têm a cachaça né! Eles usam a cachaça como algo de conforto para eles sobreviverem o que eles tem que viver no dia -a-dia

Participante B: Será que a cachaça é essencial para eles? Pra eles sobreviver àquilo assim?

Pesquisadora: Talvez amortiza a realidade?!

Participante B: E daí esse texto é muito interessante, e aí tem essa questão da água que eu falei! Que ele fala que ele deixa o balde lá, e toda manhã o que ele faz é ir lá e despejar a água! Por que esse balde tá lá segurando essa água que vai ser despejada?

Pesquisadora: Acho que a precariedade da casa talvez? Goteiras!

Participante B: Ah, entendi! Claro, claro, faz sentido! Ah tá ele fala do vazamento também!

Participante A: ele trás um pouco depois ele fala que água pinga dentro dele, e depois ele começa a falar sobre a questão da sensibilidade né? De ser sensível, se importar ou não se importar? O que é lucro, se importar ou não se importar?

Participante B: E dá pra pensar uma analogia com a realidade, pensar a questão de como ele pode transformar a realidade! Por que ele fala que não importa o quanto aperte a torneira, o quanto passe veda-rosca aquela água insiste em pingar! Isso insiste em acontecer! Mesmo que seja feito coisas para que não aconteça! Mesmo que a gente pense em maneiras de melhorar a realidade, ela insiste em acontecer!

Pesquisadora: E depois o ratinho se afoga em algo que insiste em acontecer!

Participante B: Exato, insiste em acontecer! E o balde é a única solução possível, por que todo o resto não funciona! E isso acaba matando o ratinho, e de alguma maneira acaba matando ele, por que ele fica super mal com isso!

Pesquisadora: O ratinho como se fosse ele.

Participante B: É

Participante A: Ele tinha uma escolha, ele viu o rato na água, então ele tinha uma escolha. Ou deixar o rato morrer na água ou salvar o rato, e ele teve um olhar sensível, por que ele escolheu salvar o rato, mas no fim o rato estava se debatendo tanto que nem adiantou ele salvar o rato.

Participante B: E no outro (outro conto) a água estava em um lugar meio de rivalizar com o outro, aqui a água tá em um sentido de acolher o outro mesmo que seja um ratinho, compadecer com ele

Pesquisadora: A água as vezes salva e a água às vezes mata

Participante B: E também parece que tem duas figuras de autoridade nesses textos, no outro é a polícia, e nesse aqui é o pai né! Enfim, interroga ele, que no outro a autoridade interroga pra deixar a mulher desconfortável! Esse aqui a interrogação tá pra deixar ele desconfortável, da mesma maneira que a gente falou no texto da semana passada, a pergunta da polícia, a polícia meio que colocou ela no lugar dela, aqui também o pai bota ele no lugar dele, mesmo que esse lugar não seja o lugar confortável!

Pesquisadora: E ao final desses três encontros vocês se sentem como o autor olhando para o rato?

Participante B: Eu não sei, fiquei com vontade de ler o texto todo!

Pesquisadora: Eu te levo segunda!

Participante B: É verdade! Mas é realmente esse texto final, a gente tá olhando pra coisa, nos outros a gente meio que tava falando sobre o tema, mas esse texto no final trás a impossibilidade de fazer algo por olhar para isso individualmente. Foi isso que eu fiquei pensando. Tipo aí eu olhando sozinha pro rato não consigo fazer nada vai morrer, mas se talvez a torneira tivesse fechada, não tivesse pingando no balde isso não teria acontecido. Então tem vários pontos. Entender que esses problemas que a gente tá falando aqui, ele tem vários pontos pra que eles possam ser resolvidos que não sejam eles em si. A periferia, a desigualdade! existem todos outros elementos que acabam por gerar isso né! E aí me parece que o olhar deve estar destinado à essas outras coisas!

Participante A: Existem vários tipos de luta dentro da periferia não só um tipo né como os três textos mostram, mais os homens de papel mas sempre com os personagens centrais o pessoal que vive na periferia

Participante B: Exato, e por exemplo “ah eles brigam por causa da água” e como a gente resolve eles conflitando por causa da água, bom eles não brigaram se todo mundo tivesse a água, o rato não morreria no balde se a torneira tivesse bem fechada, ou no primeiro texto ele não precisaria roubar a bolacha se ele tivesse se alimentado, vendido os guarda-chuvas, ele não teria sido linchado se a empresa não tivesse aquela postura, são elementos que geram, e daí me parece que esse texto faz a gente pensar nisso. Todas essas coisas que temos como resultado como a violência entre pessoas da mesma classe social brigando.

Pesquisadora: Então é isso, tudo isso que a gente tinha pra falar desse texto?

Participante B: Esse texto é muito interessante

Pesquisadora: Ele tem uma pegada mais filosófica

Participante B: Eu não olhei as páginas, mas eles não são um logo após o outro?

Pesquisadora: Não, eles são espaçados dentro do livro! Eu te levo segundo e você olha ele todo! Então é isso? Alguém mais quer fazer uma contribuição ou posso parar a gravação? Então vou parar a gravação!

2 Apêndice - Detalhes sobre a aprovação da pesquisa no CEP (Comitê de ética em pesquisa) e sobre a realização dos encontros

Para a realização da etapa de campo desta pesquisa foi-se organizado um grupo focal que tinha como objetivo ser um círculo de debates literários, com objetos de discussão os textos “Homens de Papel” de Plínio Marcos e “Mas em que mundo tu vive?” de José Falero. Para a efetivação e realização deste grupo focal foi necessário o envio do projeto desta pesquisa ao comitê de ética em pesquisa com seres humanos, que, após a deliberação sobre o formato metodológico da pesquisa junto aos membros do colegiado, aprovou a mesma sob o CAEE: **87439125.3.0000.5564**

Com a aprovação para a realização da pesquisa, foi possível organizar 3 encontros em formato de grupo focal, onde se observaram os discursos feitos pelos participantes com o intuito de compreender se a leitura do texto literário se relacionou com os discursos internos dos mesmos, proporcionando a produção de novos discursos e de novos questionamentos sociais.

Esta roda de conversa foi composta por alunos da graduação e pós-graduação que se interessaram em participar voluntariamente, foi estipulado um mínimo de 3 e um máximo de 10 participantes, esta restrição numérica foi pensada para garantir que houvesse a possibilidade de interação e escuta de todos os participantes, a discussão partiu de questões norteadoras abertas, que procuraram explorar quais as relações os participantes fizeram entre o conto de José Falero e o texto teatral de Plínio Marcos; quais foram as problematizações feitas pelos participantes ao lerem os textos; e por fim quais relações possíveis entre as literaturas trabalhadas e a realidade vivida pelos participantes.

As questões norteadoras foram utilizadas como forma de iniciar e provocar o diálogo, fazendo assim a palavra circular entre os participantes, possibilitando o surgimento de discursos diversos a partir da discussão e das falas sendo construídas.

A pesquisa foi divulgada por e-mails coletivos enviados pela secretaria acadêmica e através de idas presenciais da pesquisadora às salas de graduação e pós-graduação, explicando o contexto da pesquisa com base nas informações aqui explicitadas.

O formulário online de inscrição na pesquisa foi vinculado à assinatura e aceitação do TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO que deveria ser lido,

preenchido e assinado por todos os participantes, sendo permitida a participação somente daqueles que assinassem e aceitassem os termos especificados no documento.

Foram marcados três encontros tendo como ponto central a discussão do livro “Homens de Papel” de Plínio Marcos, e como temática do encontro um conto do livro “Mas em que mundo tu vive?” de José Falero, os textos foram enviado em formato PDF, por e-mail aos participantes três semanas antes do primeiro encontro, que foram programados da seguinte forma:

- Encontro 1: Neste primeiro encontro foi debatido o livro “Homens de Papel” de Plínio Marcos e o conto “Dor de Dono” presente no livro “Mas em que mundo tu vive?” de José Falero, ambos enviados previamente para os participantes, em formato PDF via e-mail. Iniciaremos o encontro relembrando os objetivos da pesquisa e colocando em pauta as questões norteadoras, então será avisado o início da gravação abrindo assim para as falas dos participantes, que poderão contribuir livremente para o debate, respondendo às perguntas ou aos comentários dos outros participantes. Após aproximadamente uma hora e meia encerraremos o debate, finalizaremos a gravação e confirmaremos o encontro seguinte, que deverá ocorrer uma semana após o primeiro
- Encontro 2: Neste segundo encontro foi debatido o livro “Homens de Papel” de Plínio Marcos e o conto “Um país dividido em dois” presente no livro “Mas em que mundo tu vive?” de José Falero, ambos enviados previamente para os participantes, em formato PDF via e-mail. Iniciaremos o encontro colocando em pauta as questões norteadoras, então será avisado o início da gravação abrindo assim para as falas dos participantes, que poderão contribuir livremente para o debate, respondendo às perguntas ou aos comentários dos outros participantes. Após aproximadamente uma hora e meia encerraremos o debate, finalizaremos a gravação e confirmaremos o encontro seguinte, que deverá ocorrer uma semana após o este encontro
- Encontro 3: Neste último encontro foi debatido o livro “Homens de Papel” de Plínio Marcos e o conto “Homem ou Rato?” presente no livro “Mas em que mundo tu vive?” de José Falero, ambos enviados previamente para os participantes, em formato PDF via e-mail. Iniciaremos o encontro colocando em pauta as questões norteadoras, então será avisado o início da gravação abrindo assim para as falas dos participantes, que poderão contribuir livremente para o debate, respondendo às perguntas ou aos comentários dos outros participantes. Após aproximadamente uma hora e meia, encerraremos o debate e finalizaremos a gravação. Após o agradecimento à

participação de todos, será reafirmado que estes encontros possibilitaram a realização da pesquisa, e que após a escrita e defesa da dissertação, a mesma será enviada por e-mail a cada um dos participantes, assim como qualquer publicação feita pela pesquisadora citando esta experiência.

O debate ocorreu virtualmente, e a gravação foi feita pelo computador da pesquisadora. Os arquivos gravados foram armazenados no computador da pesquisadora e em um ambiente virtual em nuvem com acesso restrito à pesquisadora e à sua orientadora.

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO

Na presente pesquisa foi permitida a participação de alunos maiores de idade da graduação (licenciaturas) e pós-graduação da Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Chapecó. Durante os encontros foram observadas todas as falas e discursos feitos durante o grupo focal que tenham ligação com o objeto de pesquisa, a leitura literária “Homens de Papel” de Plínio Marcos e “Mas em que mundo tu vives?” de José Falero.

CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO

Não foi permitida a participação de alunos menores de idade, de bacharelado, e de outros campus e/ou instituições, assim como não foram analisadas falas que se desviassem do tema trabalhado ou falas feitas fora do grupo focal, mesmo que, neste último caso, estas falas não tenham ligação com o tema trabalhado na pesquisa.

RISCOS

Esta pesquisa está orientada pela resolução MS/CNS nº 510, de 07 de abril de 2016, do Ministério da Saúde e do Conselho Nacional da Saúde.

Como pesquisa de grupo focal há os seguintes possíveis riscos e providências:

Riscos/ danos possíveis	Exemplos de medidas, providências e cautelas que podem ser adotadas frente aos riscos/danos.	Medidas caso o risco se materialize
Riscos de dificuldade de garantir anonimato	Não serão identificados nominalmente durante a escrita da pesquisa, assim	Disponibilização de contatos do responsável da pesquisa, para que os participantes

	como às gravações feitas durante os encontros do grupo focal serão de acesso restrito da pesquisadora e sua orientadora	possam entrar em contato com a pesquisadora.
Interferência na vida e na rotina dos participantes.	A pesquisadora entrará em contato com os participantes da pesquisa para que se avalie a melhor forma de conduzir grupo focal (presencial ou online) para minimizar a interferência em suas rotinas	Caso as opções não sejam plausíveis para a rotina do participante, a pesquisadora deixará claro que o mesmo é livre para desistir de sua participação a qualquer momento sem nenhum tipo de penalização
Os debates podem ser dominados por alguns participantes	A pesquisadora irá delimitar o número de participantes para que haja espaço e tempo para que todos exponham a sua opinião	A pesquisadora irá propor perguntas abertas para estimular a participação de todos os participantes
Embaraço de interagir com estranhos, medo e repercussões eventuais.	Antes do início das observações, todos serão informados a respeito da pesquisa e registrarão o consentimento no documento Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.	Todos terão acesso ao contato do responsável pela pesquisa para dirimir quaisquer dúvidas e mesmo solicitar a não continuidade da participação.

BENEFÍCIOS

A pesquisa com presente enfoque poderá qualificar e desnaturalizar as formas como é pensada a linguagem, leitura e leitura literária em sala de aula e poderá servir de base para a potencialização de uma educação crítica e libertadora em sala de aula, que se preocupe com o desenvolvimento da criticidade dos alunos frente aos diversos discursos que perpassam as suas vidas.

INSTRUMENTO DE COLETAS DE DADOS

Nesta pesquisa foi utilizado como instrumento de coleta de dados o diário de campo, que se caracteriza como um diário onde se anotam os fatos, as percepções e as considerações observadas durante o contato entre pesquisador e objeto, além de gravações dos encontros. Não há um protocolo sobre os itens a serem observados. Contudo, foi possível estabelecer um roteiro flexível, pelo qual, observou-se:

- Recepção dos participantes antes do início dos debates e da gravação
- Aviso do início da gravação do encontro
- Início do debate
- Introdução da perguntas abertas a serem debatidas
- Uso do diário de campo para anotações de percepções e considerações da pesquisadora
- Fim do debate
- Finalização da gravação

GUARDA DE DADOS

Como não houve nenhum dado físico, não houve necessidade de armazenamento na sala 237 do Bloco dos Professores da UFFS Campus Chapecó, sala na qual a responsável é a professora orientadora da pesquisa, porém os dados online foram guardados dentro de um sistema online de nuvem com acesso restrito à pesquisadora e sua orientadora, os mesmos serão armazenados pelo período de 5 anos após a coleta (até 2030). Após esse período, serão destruídos.

OS ENCONTROS

Os debates foram organizados em formato online síncrono, com a inscrição feita através de preenchimento de formulário do google forms, no formulário constava o TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE), conforme demonstrado abaixo:

abaixo.

Comitê de Ética em Pesquisa - CEP/UFFS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

**A PALAVRA LITERÁRIA COMO CONSTRUÇÃO DE FRESTAS LIBERTÁRIAS:
A RELAÇÃO DO DISCURSO HEGEMÔNICO E NÃO
HEGEMÔNICO POR MEIO DA LEITURA**

Prezada participante graduanda ou pós-graduanda da UFFS,

Você está sendo convidada a participar da pesquisa “A PALAVRA LITERÁRIA COMO CONSTRUÇÃO DE FRESTAS LIBERTÁRIAS: A RELAÇÃO DO DISCURSO HEGEMÔNICO E NÃO HEGEMÔNICO POR MEIO DA LEITURA”, desenvolvida pela pesquisadora Fernanda Ribeiro Valesan, discente do Mestrado em Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus de Chapecó, sob orientação da Professora Dra. Camila Caracelli Scherma.

O objetivo geral da pesquisa é compreender “Como o discurso de estudantes de graduação e pós-graduação nos permite compreender os embates entre discursos hegemônicos e não hegemônicos/periféricos por meio da materialidade literária.” Seguido pelos objetivos específicos: a) Entender como os discursos hegemônico neoliberal e não hegemônicos/periféricos se materializam em nossa sociedade e compreender como a leitura literária tem potência política, social e humana e de questionamento à discursos hegemônicos e periféricos b) Organizar um debate literário com alunos da graduação e pós graduação a partir formato de grupo focal, onde será observado as falas dos alunos, e como estas falas nos evidenciam os embates discursivos expostos a partir da materialidade literária. c) Fazer o cotejamento e a análise da literatura trabalhada apontando como podemos perceber o questionamento ao discurso hegemônico neoliberal a partir da materialidade literária em um debate aberto e democrático sobre a história trabalhada.

Sua participação não é obrigatória e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como desistir da colaboração neste estudo, no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação e sem nenhuma forma de penalização. Você não

será penalizada de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação ou desista da mesma, ainda que em um primeiro momento tenha aceitado participar. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa.

É importante registrar que você não receberá remuneração nem nenhum tipo de recompensa nesta pesquisa, sendo sua participação voluntária.

A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar da pesquisadora, informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo.

Aceitando fazer parte dessa pesquisa, você participará de três encontros coletivos, em formato de grupo focal com perguntas abertas sobre o tema. Então, o formato do grupo focal se dará por meio de roda de conversa com outras graduandas(os) dos cursos de licenciatura do campus Chapecó e/ou estudantes de pós-graduação. Será agendado junto com as participantes o melhor dia e horário para a realização da pesquisa, que acontecerá no formato online síncrono, através da plataforma Google Meet. O tempo de duração da roda de conversa será de aproximadamente uma hora e meia a duas horas.

A roda de conversa será gravada somente para a transcrição das informações, o que permitirá o registro de maiores detalhes sobre as informações trocadas. Por isso fica registrado que ao consentir participar da pesquisa você também estará concordando com a gravação de sua participação nos encontros online síncronos.

Benefícios relacionados com a sua colaboração nesta pesquisa: Qualificação e desnaturalização nas abordagens da linguagem, leitura e leitura literária em sala de aula com a potencialidade de servir de base para a potencialização de uma educação crítica e libertadora em que se preocupe com o desenvolvimento da criticidade dos alunos frente aos diversos discursos que perpassam as suas vidas.

Riscos e danos podem ser identificados pelas participantes da pesquisa, tais como: Riscos de dificuldade de garantir anonimato; interferência na vida e na rotina dos participantes; a dominação do debate por alguns participantes, embaraço de interagir com estranhos, medo e repercussões eventuais.

Como medidas para minimizar a concretização dos riscos acima mencionados estão

garantidas as seguintes ações: garantia de disponibilização de contatos do responsável da pesquisa, para que os participantes possam entrar em contato com a pesquisadora.; Garantia do sigilo em relação às suas respostas, as quais serão tidas como confidenciais e utilizadas apenas para fins científicos sem revelar a identidade da participante; Garantia de que o encontro para a pesquisa terá escuta atenta e acolhimento na obtenção das informações que dizem respeito àquelas necessárias para a pesquisa tendo as pesquisadas a liberdade de não responderem questões que julgarem constrangedoras; Garantia de que não haverá identificação nominal na escrita da dissertação nem no banco de dados, a fim de garantir o seu anonimato; Garantia de que as(os) pesquisadas(os), ainda que tenham previamente aceito participar, poderão interromper o processo quando desejarem, sem danos e prejuízos à pesquisa e a si próprio; Garantia de que serão asseguradas a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades. Estão garantidas ainda a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas, sendo que qualquer dado que possa identificá-la será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa e o material armazenado em local seguro.

Percebendo que qualquer dos riscos, previstos ou não nos TCLEs, possam se materializar e causar danos aos participantes da pesquisa, imediatamente os responsáveis pela pesquisa comunicarão o fato ao Sistema CEP/CONEP e à Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Chapecó. Nestes casos, também, será realizada uma reunião emergencial para avaliar a adequação ou suspensão da pesquisa. Para as(os) participantes da pesquisa orientar-se-á, individualmente, que procure a rede pública de saúde para apoio psicológico. Indicar-se-á que procurem atendimento junto à SEA SC – Secretaria de Assistência Social de Chapecó, localizada na Rua: R. Condá, 411 E - Centro, Chapecó – SC / Fone: (49) 3319 1200. Registra-se que para todas as situações, os pesquisadores estarão à disposição.

Após a conclusão do presente estudo, o resultado da pesquisa será compartilhado com as participantes através do envio ao e-mail de cada uma delas(les).

Os debates serão transcritos e armazenados em arquivos digitais, mas somente terão acesso aos mesmos a pesquisadora e sua orientadora. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, físico e/ou digital, por um período de cinco anos. Os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido e Declarações de Ciência e Concordância e demais

documentos que eventualmente forem necessários) ficarão armazenados na sala 237 do Bloco dos Professores da UFFS Campus Chapecó pelo período de 5 anos após o término da pesquisa (até 2030). Após esse período, serão destruídos.

Contato profissional com a pesquisadora responsável:

Tel: (11) 975724658

e-mail: fevalessan@gmail.com

Endereço para correspondência: Universidade Federal da Fronteira Sul/UFFS, Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul,

CEP 89815-899 - Chapecó - Santa Catarina – Brasil.

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS”:

Tel (55) 49- 2049-3745

E-mail: cep.uffs@uffs.edu.br

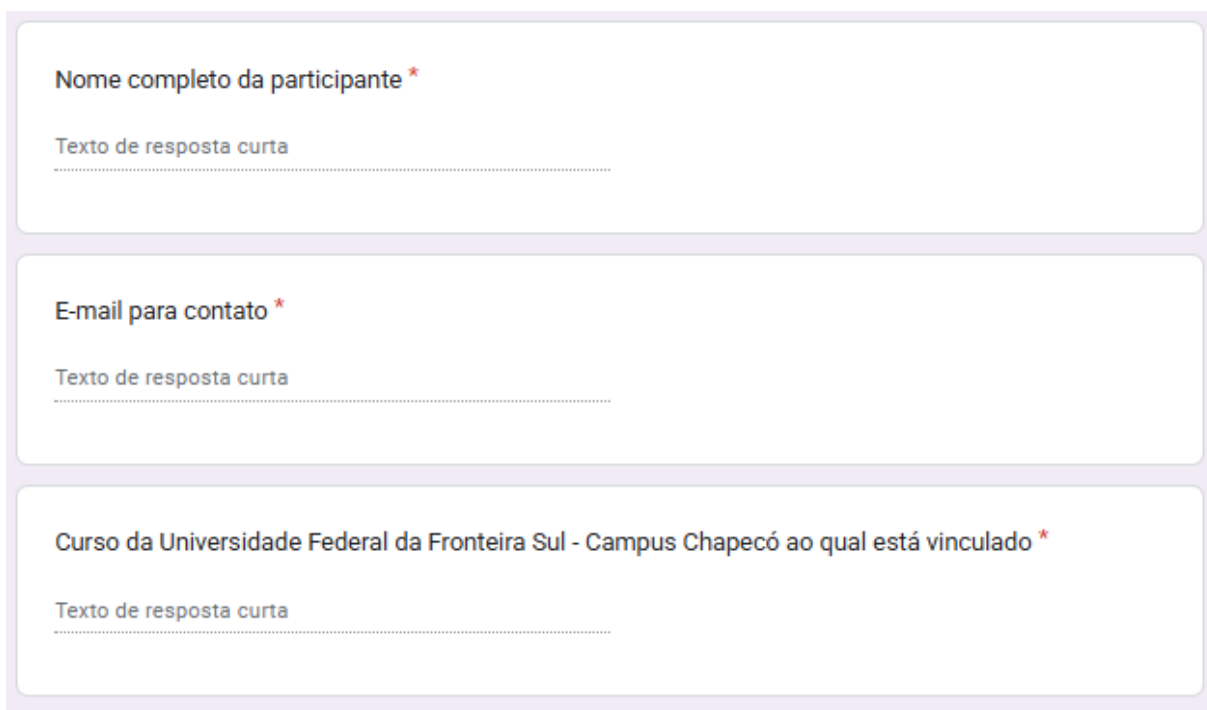
Mais informações em:
<https://www.uffs.edu.br/institucional/pro-reitorias/pesquisa-e-pos-graduacao/pesquisa/comite-de-etica-em-pesquisa/apresentacao>

Endereço para correspondência: Universidade Federal da Fronteira Sul/UFFS - Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS, Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul,

CEP 89815-899 - Chapecó - Santa Catarina – Brasil.

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Assim como constava as seguintes perguntas:



The image shows a screenshot of an online survey form. It consists of three distinct sections, each with a title and a text input field. The first section is titled 'Nome completo da participante *' and the second 'E-mail para contato *'. The third section is titled 'Curso da Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Chapecó ao qual está vinculado *'. Each section has a 'Texto de resposta curta' (Short answer text) label and a dotted line indicating the input area. The form is set against a light purple background.

Nome completo da participante *

Texto de resposta curta

E-mail para contato *

Texto de resposta curta

Curso da Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Chapecó ao qual está vinculado *

Texto de resposta curta

Figura 1

O participante deveria declarar a leitura e concordância com o TCLE, assim como responder as perguntas para que fosse possível confirmar que o mesmo fazia continha todos os critérios de inclusão para poder fazer parte da pesquisa, assim como para que fosse possível enviar aos participantes os links dos encontros e os textos à serem debatidos.

A divulgação da pesquisa iniciou-se na segunda semana de junho de 2025, através do envio de e-mails coletivos, enviados pelas secretarias dos cursos do campus e através de idas presenciais da pesquisadora em salas explicando o teor da pesquisa e a forma como seria realizada. O período de inscrições durou cerca de 15 dias, encerrando-se no final de junho de 2025 onde obteve-se um total de 5 respostas ao formulário online, como é possível observar abaixo:

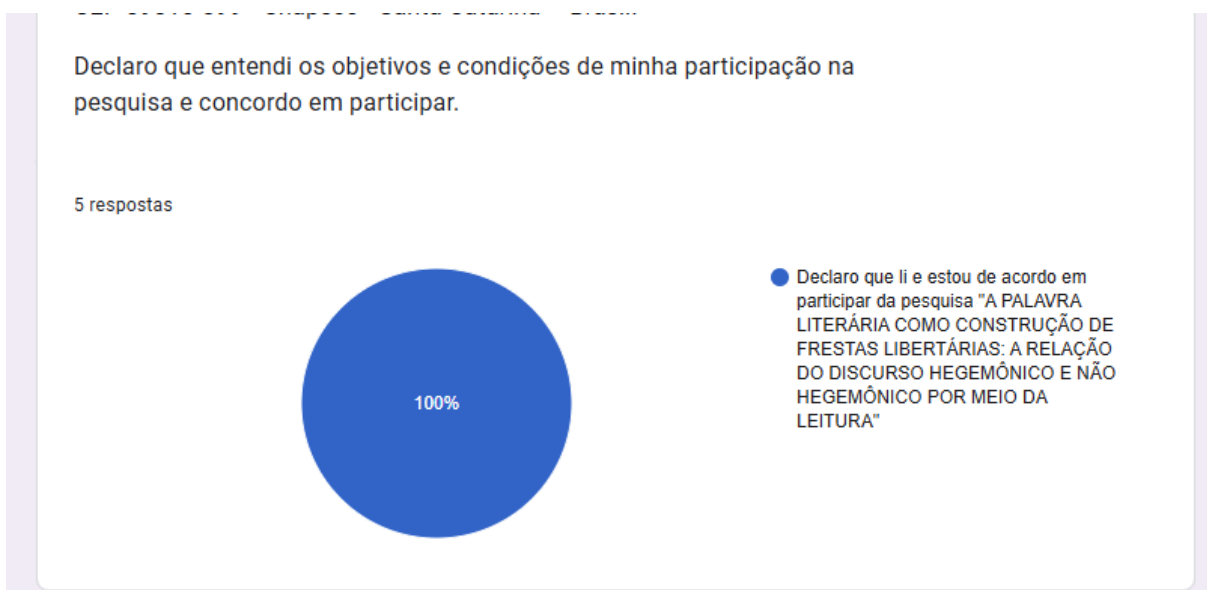


Figura 2

Das 5 respostas ao formulário, observou-se que havia três estudantes de graduação, sendo dois estudantes do curso de licenciatura em pedagogia, e um estudante do curso de licenciatura em matemática, e dois estudantes participantes do programa de pós-graduação em educação, *stricto sensu*.

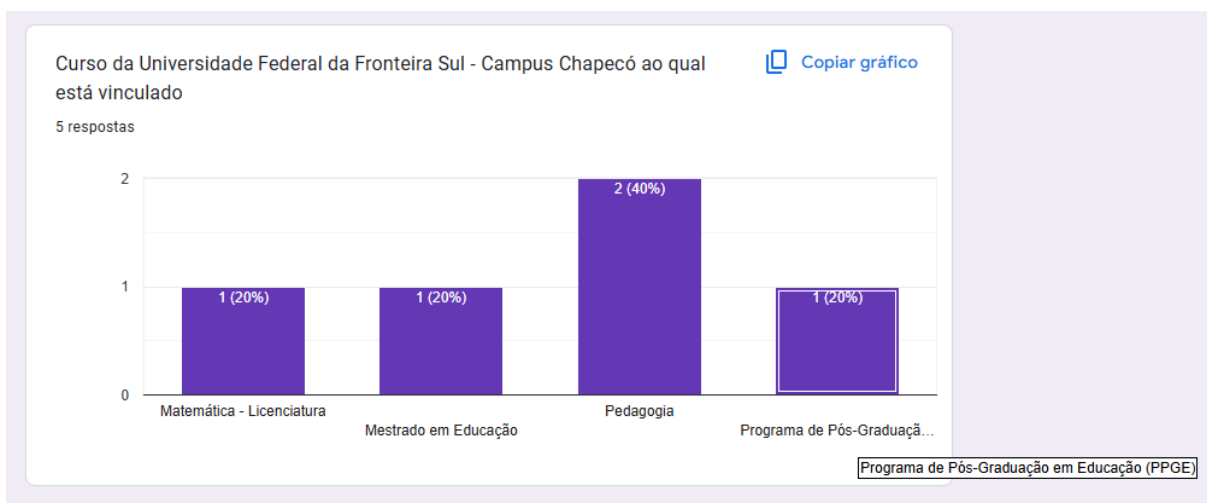


Figura 3

Após o período de inscrição encerrado enviou-se um e-mail de boas vindas à todos os inscritos, com a intenção de consultar o melhor dia e horário para realização dos encontros e para o envio dos textos literários à serem debatidos, o e-mail foi redigido da seguinte forma:

Olá a todes!

Primeiramente, gostaria de agradecer por se voluntariarem a participar do grupo focal da minha pesquisa de mestrado, intitulada **“PESQUISA: A PALAVRA LITERÁRIA COMO CONSTRUÇÃO DE FRESTAS LIBERTÁRIAS: A RELAÇÃO DO DISCURSO HEGEMÔNICO E NÃO HEGEMÔNICO POR MEIO DA LEITURA”** registrada sob o **CAAE: 87439125.3.0000.5564**. A participação de cada um de vocês faz toda a diferença para a realização da minha pesquisa!

Estão previstos na pesquisa 3 encontros semanais, totalizando 3 semanas. Levando em consideração que iniciaremos os encontros na semana do dia 21 de julho e encerraremos na semana do dia 4 de agosto, gostaria que vocês respondessem este email sinalizando, dentre as opções abaixo, quais os melhores dias e turnos para vocês participarem:

-Sábado de manhã (9:00 às 10:30)

-Dias úteis da semana (seg à sex) à noite (19:30 às 21)

- Sábado à tarde (14:00 às 15:30)

Assim que todos responderem, retorno a vocês com os dias e horários dos encontros definidos!

Em anexo neste e-mail envio os PDFs das literaturas que serão discutidas nos encontros online seguindo a ordem especificada abaixo:

- Encontro 1: Neste primeiro encontro será debatido o livro “Homens de Papel” de Plínio Marcos e o conto “Dor de Dono” presente no livro “Mas em que mundo tu vive?” de José Falero.
- Encontro 2: Neste segundo encontro será debatido o livro “Homens de Papel” de Plínio Marcos e o conto “Um país dividido em dois” presente no livro “Mas em que mundo tu vive?” de José Falero.
- Encontro 3: Neste último encontro será debatido o livro “Homens de Papel” de Plínio Marcos e o conto “Homem ou Rato?” presente no livro “Mas em que mundo tu vive?” de José Falero.

Agradeço a atenção, e me coloco à disposição para sanar dúvidas

Att,

Houve quatro respostas ao e-mail pontuando que o melhor dia para a realização dos encontros seria aos sábados de manhã, então a pesquisadora organizou um cronograma e enviou convites a todos os participantes salientando os dias e horários definidos para os encontros. No e-mail com este cronograma lia-se:

Olá a todes, espero que este e-mail encontre vocês bem!

Conforme foi colocado no último e-mail, segue as datas e horários dos encontros de debate literário:

1° encontro: 26 de julho de 2025 (sábado) início às 9 da manhã e término no máximo às 10:30

2° encontro: 2 de agosto de 2025 (sábado) início às 9 da manhã e término no máximo às 10:30

3° encontro: 9 de agosto de 2025 (sábado) início às 9 da manhã e término no máximo às 10:30

Como os encontros vão ser online, vocês irão receber convites do Google Agenda vinculados ao email de vocês com o link dos encontros.

Agradeço a participação!

Atenciosamente

Os encontros ocorreram nos dias programados, durando cerca de 40 minutos cada, porém devido a contratempos e questões pessoais, somente dois participantes conseguiram acompanhar os encontros, sendo um aluno da graduação de licenciatura em matemática e uma aluna do programa de pós-graduação em educação.

Durante a realização dos debates, a pesquisadora notou que a limitação dos participantes não prejudicou o andamento do grupo focal, pois foi possível perceber que a interação entre os dois participantes era feita de forma comprometida e entusiasmada, produzindo falas únicas, singulares e irrepetíveis, em diálogos com a pesquisadora e com o

material. Possibilitando assim perceber embates discursivos e reflexões sociais, portanto julgou-se possível continuar a coleta de dados a partir deste formato de pesquisa e com este número de participantes.

As contribuições de ambos foram extremamente ricas para o caminhar desta pesquisa e análise dos discursos será feita no terceiro capítulo desta pesquisa onde será detalhada a metodologia de análise discursiva utilizada neste trabalho e será feita então a análise propriamente dita.